

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO E DOUTORADO PPGT - PUCPR

RAIMUNDO NONATO ARAÚJO MAIA

COMUNICAÇÃO DA FÉ E MEIOS DE COMUNICAÇÃO
NA AÇÃO EVANGELIZADORA: POR UMA ECOLOGIA COMUNICACIONAL

CURITIBA – PR

2022

RAIMUNDO NONATO ARAÚJO MAIA

COMUNICAÇÃO DA FÉ E MEIOS DE COMUNICAÇÃO
NA AÇÃO EVANGELIZADORA: POR UMA ECOLOGIA COMUNICACIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia da Pontifícia da Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Área de Concentração Ético-Social, Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Profª Drª Clélia Peretti

CURITIBA - PR

2022

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB-9 /1636

M217c
2022 Maia, Raimundo Nonato Araújo
Comunicação da fé e meios de comunicação na ação evangelizadora : por
ecologia comunicacional / Raimundo Nonato Araújo Maia ; orientador: Clélia
Peretti. -- 2022
118 f. : 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2022.
Bibliografia: f.111-118

1. Teologia. 2. Fé. 3. Evangelizadores. 4. Evangelização. 5. Comunicação de
massa. 6. Ecologia – Aspectos religiosos. I. Peretti, Clélia.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em
Teologia. III. Título.

CDD. 20. ed. – 230



Programa de
**PÓS-GRADUAÇÃO
EM TEOLOGIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 010.2022
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Aos dezesseis dias de maio de dois mil e vinte e dois, reuniu-se às quinze horas, por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Profa. Dra. Clélia Peretti, Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes, Prof. Dr. Ildo Perondi, para examinar a Dissertação do mestrando **Raimundo Nonato Araújo Maia**, ano de ingresso 2020, aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de Concentração: Teologia Ético-Social - Linha de Pesquisa: "Teologia e Sociedade". O mestrando apresentou a dissertação intitulada - "**Comunicação da fé e meios de comunicação na ação evangelizadora: por uma ecologia comunicacional**". O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi **APROVADO** pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16h30. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

Clélia Peretti

Profa. Dra. Clélia Peretti - Presidente/Orientadora

Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes - Convidado Externo

Prof. Dr. Ildo Perondi - Convidado Interno

Rudolf Eduard von Sinner

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu



RAIMUNDO NONATO ARAÚJO MAIA

**COMUNICAÇÃO DA FÉ E MEIOS DE COMUNICAÇÃO
NA AÇÃO EVANGELIZADORA: POR UMA ECOLOGIA COMUNICACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Área de Concentração Ético-Social, Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Clélia Peretti

Comissão examinadora

Prof^a Dr^a Clélia Peretti – Orientadora
PUCPR

Prof. Dr. Ildo Perondi
PUCPR

Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes
Instituto Edith Theresa Hedwing Stein - ISTEIN

Curitiba, 16 de abril de 2022.

À minha família, que sempre me incentiva e é meu porto seguro; em especial, à minha esposa, Ylea Wanderly de Amorim Pereira Maia, e às minhas filhas, Dafny Pereira Maia e Tamilly Pereira Maia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Formador e Criador por excelência!

À PUCPR e a Faculdade Católica de Rondônia, Espaço formativo onde o humano caminha para ser o que deve ser.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia e de outros departamentos, por serem exímios formadores.

À Prof^a. Dr^a. Clélia Peretti pela constante presença nesse caminho formativo.

Ao Arcebispo da Arquidiocese de Porto Velho, Dom Roque Paloschi.

A Prof^a Glaci Gurgacz pela revisão do texto.

“O encontro entre a comunicação e a misericórdia é fecunda na medida em que gerar uma proximidade que cuida, conforta, cura acompanha e faz festa. Num mundo dividido, fragmentado, polarizado, comunicar com misericórdia significa contribuir para a boa, livre e solidária proximidade entre os filhos de Deus e irmãos em humanidade”.
(Papa Francisco, 2016)

RESUMO

A pesquisa *Comunicação da fé e Meios de Comunicação na ação Evangelizadora. Por uma ecologia comunicacional*, está vinculada à Área de Concentração Ético-Social e a Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, do Programa Pós-Graduação da PUCPR e, ao Projeto de Pesquisa Formação Inicial e Continuada de Professores de Ensino Religioso e Lideranças Comunitárias. Investiga desde a perspectiva do Concílio Vaticano II a trajetória histórica da Igreja na inserção dos meios de comunicação social na ação evangelizadora neste início do século XXI. A discussão de fundo consiste em averiguar a evolução no processo de compreensão da Igreja, da finalidade dos meios de comunicação social e sua contribuição nas práticas pastorais, no diálogo e no encontro com as diferentes culturas. No percurso investigativo, optamos pela pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva e bibliográfica. A dissertação é composta por três capítulos, tendo como temas geradores: Teologia e Comunicação; A comunicação nos documentos da Igreja; Comunicação da fé, cultura e desafios na Igreja da Amazônia. Como resultados obteve-se que o fenômeno da comunicação humana é fundamental para o ser humano e para a relação com o divino. Jesus Cristo, é o grande comunicador do Pai. Ele é também pregador e o ouvinte. A comunicação da fé implica um caminho de diálogo, uma comunicação entre os corações. A Igreja é chamada a acompanhar a evolução dos meios de comunicação e sua contribuição na mudança da construção da cultura, da sociedade e das diferentes práticas sociais e pastorais. É fundamental avançar para uma formação cultural, doutrinal, espiritual e profissional adequada da comunicação e do comunicador. O grande desafio da ação evangelizadora consiste em escutar o que os povos têm a dizer sobre si mesmos, seus costumes, seus modos de vida etc., para poder por meio de um diálogo evangélico, intercultural, promover uma cultura comunicativa, de encontro e de cuidado da “Casa Comum”. Os meios de comunicação e a Internet podem e devem ser um instrumento complementar e potencializador para a evangelização, estes contribuem para estabelecer a relação entre a fé, a vida da Igreja e as transformações que o ser humano está vivendo. Nesse sentido, a Igreja através de seus documentos, mostra o quanto a comunicação é importante para evangelização. Os gestos, os símbolos, a fala, a linguagem, a música, a escrita, a imagem, o digital constituem uma “complexa ecologia comunicacional”, na qual “tudo está estreitamente interligado” (LS 16). O ambiente virtual não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas já faz parte da realidade cotidiana. O desafio consiste em promover uma inculturação digital que permita reconhecer “as formas e valores positivos” (EG 116), presentes na cultura digital e que podem enriquecer a evangelização, introduzindo-os na cultura eclesial. O que está em jogo na comunicação da fé é o desencanto atual da pessoa pela “Boa-Nova”, o que é o Evangelho, pelo distanciamento entre pastores e fiéis e pela falta de cuidado pastoral.

Palavras-chave: Comunicação da fé. Meios de comunicação. Comunicador. Teologia espiritual do comunicador. Ecologia Comunicacional.

ABSTRACT

The research Communication of faith and Media in Evangelizing action. For a communicational ecology, it is linked to the Ethical-Social Area of Concentration and the Theology and Society Research Line, of the Graduate Program at PUCPR, and to the Research Project Initial and Continuing Education of Religious Education Teachers and Community Leaders. It investigates from the perspective of the Second Vatican Council the historical trajectory of the Church in the insertion of the media in the evangelizing action at the beginning of the 21st century. The fundamental discussion consists of investigating the evolution in the process of understanding the Church of the purpose of the social communication media and its contribution in pastoral practices, in dialogue and in the encounter with different cultures. In the investigative path, we opted for qualitative, exploratory, descriptive and bibliographic research. The dissertation is composed of three chapters, having as main themes: Theology and Communication; Communication in Church documents; Communication of faith, culture and challenges in the Church of the Amazon. As a result, it was obtained that the phenomenon of human communication is fundamental for the human being and for the relationship with the divine. Jesus Christ is the Father's great communicator. He is also a preacher and a hearer. The communication of faith implies a journey of dialogue, a communication between hearts. The Church is called to accompany the evolution of the means of communication and their contribution to change the construction of culture, society and different social and pastoral practices. It is essential to move towards an adequate cultural, doctrinal, spiritual and professional formation of communication and communicators. The great challenge of evangelizing action is to listen to what peoples have to say about themselves, their customs, their ways of life, etc. care of the "Common House". The means of communication and the Internet can and should be a complementary and potentiating instrument for evangelization, they contribute to establishing the relationship between faith, the life of the Church and the transformations that man is experiencing. In this sense, the Church, through its documents, shows how important communication is for evangelization. Gestures, symbols, speech, language, music, writing, images, the digital constitute a "complex communicational ecology", in which "everything is closely interconnected" (LS 16). The virtual environment is not a parallel or purely virtual world but is already part of everyday reality. The challenge is to promote a digital inculturation that makes it possible to recognize "the positive forms and values" (EG 116), present in digital culture and which can enrich evangelization, introducing them into ecclesial culture. What is at stake in the communication of faith is the person's current disenchantment with the "Good News", what is the Gospel, by the distance between pastors and faithful and by the lack of pastoral care.

Keywords: Communication of faith. Media. Communicator. Spiritual Theology of the Communicator. Communicational Ecology

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AN	<i>Aetatis Novae</i>
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CP	<i>Communio et Progressio</i>
CV	<i>Caritas in veritate</i>
DAP	Documento de Aparecida
DPb	Documento de Puebla
DV	Dei Verbum
ECS	Ética nas Comunicações Sociais
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
EP	Ética da Publicidade
Gs	<i>Gaudiam et Spes</i>
II	Igreja Internet
IL	<i>Instrumentum Laboris</i>
IM	<i>Inter Mirifica</i>
LF	<i>Lumen Fidei</i>
LS	<i>Laudado Si'</i>
MP	<i>Miranda Prorsus</i>
PP	<i>Populorum Progressio</i>
QA	Querida Amazônia
RM	<i>Redemptoris Missio</i>
SD	Santo Domingo
VC	<i>Vigilant Cura</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TEOLOGIA E COMUNICAÇÃO	22
2.1 REVELAÇÃO COMO COMUNICAÇÃO DE DEUS	23
2.2 JESUS CRISTO, COMUNICADOR DO PAI	26
2.3 JESUS, PREGADOR E OUVINTE	40
2.4 A COMUNICAÇÃO DA FÉ. POR UMA ECOLOGIA COMUNICACIONAL	45
3 A COMUNICAÇÃO NOS DOCUMENTOS DA IGREJA	50
3.1 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A MISSÃO DA IGREJA	52
3.2 A COMUNICAÇÃO À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II: <i>INTER MIRIFICA</i>	55
3.3 IGREJA E COMUNICAÇÃO: OS PROGRESSOS NA COMUNICAÇÃO SOCIAL	59
3.4 DA ERA ANALÓGICA À ERA DIGITAL	66
4 COMUNICAÇÃO DA FÉ, CULTURA E DESAFIOS NA EVANGELIZAÇÃO NA IGREJA DA AMAZÔNIA	77
4.1 CAMINHOS DE EVANGELIZAÇÃO A PARTIR DAS COSMOVISÕES DO POVOS DA AMAZÔNIA	78
4.2 A COMUNICAÇÃO NA IGREJA DA AMAZÔNIA E SUAS REPERCUSSÕES ...	82
4.3 NÃO NOS ENVERGONHAMOS DE JESUS CRISTO: COMUNICANDO A FÉ ..	91
4.4. A PASTORAL DA COMUNICAÇÃO - PASCOM	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa *Comunicação da fé e Meios de Comunicação na ação Evangelizadora. Por uma ecologia comunicacional*, está vinculada a Área de Concentração Ético-Social e a Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, do Programa Pós-Graduação da PUCPR e ao Projeto de Pesquisa Formação Inicial e Continuada de Professores de Ensino Religioso e Lideranças Comunitárias.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* – EG (2013), embebida de sua substância comunicativa, propõe um estilo evangelizador baseado na tríade: encontro, diálogo e anúncio. O estilo e a linguagem inclusiva são formas de expressão utilizadas pelo Papa na exortação para falar sobre o anúncio e são adequadas às problemáticas que se sobressaem em nossas realidades.

No documento, Francisco recolhe “a riqueza dos trabalhos do Sínodo” para expressar “as preocupações que se movem neste momento concreto da obra evangelizadora da Igreja” (EG 16), especialmente em torno da ação missionária, “paradigma de toda a obra da Igreja” (EG 15). Neste contexto, o documento convida a Igreja a avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, “que não pode deixar as coisas como estão” (EG 25). Por isso, “se tudo na Igreja deve ser feito em chave missionária, isto se aplica à maneira de comunicar a mensagem do Evangelho” (EG 34).

O apelo do Papa Francisco de que “é preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais” (EG 167), motivou-me ao aprofundamento das diferentes formas de comunicação da fé na Igreja. Além disso, observa-se que membros da Igreja, clero, catequistas e coordenadores das diferentes pastorais etc., são pouco conhecedores dos documentos, das diretrizes, das orientações e propostas da Igreja sobre os meios de comunicação.

Assim, compreende-se que é essencial formar as novas gerações para a convivência com o mundo da comunicação e preocupar-se em aprofundar esta temática. A Pastoral da Comunicação precisa ser mais priorizada, pela Igreja, nos seus planejamentos e planos de ação, em todas as suas instâncias. A comunicação que emerge das comunidades precisa ganhar reconhecimento por parte dos seus pastores e dos seus líderes. A comunicação leva-nos a compreender as pessoas e a

sociedade na qual vivemos. O comunicador cristão não pode abdicar da cultura midiática, “pois é nela que se instaura a comunicação plena consigo mesmo, com o outro, com a comunidade e com Deus” (CNBB, 99, 18).

Nesta pesquisa há, ainda, o interesse de verificar as dificuldades encontradas e os caminhos percorridos na aprovação do Decreto *Inter Mirifica* (IM), do Concílio Vaticano II. A Igreja teve grandes dificuldades em reconhecer os valores positivos dos meios de comunicação e em perceber suas potencialidades na defesa da dignidade da pessoa humana. Isso nos impulsiona a saber do desenvolvimento teórico-histórico da comunicação e mostrar seus diferentes estágios no âmbito da Igreja Católica, que expressa seu entendimento de que:

Os modernos meios de comunicação reúnem os homens de nosso tempo, como em uma mesa-redonda, para convívio fraterno e a ação comum. [...] A torrente de informação e opinião, assim movimentada, fez de cada ser humano um participante do drama, dos problemas e dificuldades do gênero humano, essa participação cria, por sua vez, as condições necessárias para a compreensão mútua, que conduz ao progresso de todos (CP 19).

Outro motivo que despertou nosso interesse em estudar o tema da comunicação, na ação evangelizadora, é saber o que o Sínodo Pan-Amazônico (2019) e a Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia (QA, 2020) propuseram sobre a ação comunicativa, principalmente para a Igreja na Amazônia. A comunicação passa pelo desenvolvimento de uma ecologia integral, por meio do qual busca-se fortalecer os espaços de comunicação que já existem na região, a fim de promover urgentemente uma conversão ecológica integral. Os documentos reforçam a necessidade de colaborar na formação de agentes de comunicação autóctones, especialmente indígenas. Eles não são apenas interlocutores privilegiados para a evangelização e a promoção humana no território, mas também nos ajudam a difundir a cultura do “bem viver” e do cuidado da criação (QA 8).

No século XXI, a comunicação analógica e digital que se faz presente em todos os espaços e conversas, passou a ser utilizada amplamente em quase todas as áreas. As ações comunicativas, seja por meios de comunicação ou por redes sociais, permitem ao ser humano sua afirmação como pessoa ativa em uma sociedade em mudanças. A comunicação não é mera transmissão de mensagens, mas, sim de ressignificação do mundo. Na comunicação, as pessoas interagem com a realidade, dialogam com o mundo, buscando dar sentido a ele e à sua existência. A comunicação refere-se aos processos de construção simbólica que possibilitam a interação pessoal

e a organização social. O objetivo essencial da comunicação é criar comunhão, estabelecer vínculos de relações, promover o bem comum e o diálogo na comunidade. Na comunicação, não se comunicam apenas ideias, pois a pessoa comunica a si mesma.

Entramos, assim, no sentido teológico da comunicação, no sentido de comunicação como dom de Deus à humanidade. “Comunicação é dom de Deus, é relação entre o Criador e suas criaturas” (CNBB 99, 34). E, ainda, “criado à imagem e semelhança de Deus, o ser humano se comunica não por uma exigência, mas por um dom natural; não por uma ordem, mas por uma vocação” (CNBB 99, 36). Em toda a História da Salvação, Deus revela-se e comunica-se como Pai Amoroso. Por isso, “a comunicação, em sua natureza e manifestação, é a expressão do amor maior” (CNBB, 99, 38), e a Trindade, comunidade comunicadora. “Criando, salvando e santificando, o Pai, o Filho e o Espírito Santo redimem os seres humanos e glorificam para sempre a comunicação nas suas dimensões humana e divina” (CNBB 99, 39).

Assim sendo, a comunicação na Igreja remete ao Deus uno e trino. Deus comunica-se por meio de seu Filho e por intermédio de seu Filho, Deus revela seu grande amor pela humanidade e comunica seu plano de salvação para todos. “E o Verbo se fez carne e veio morar entre nós. Deus realiza aqui um salto comunicativo de qualidade, por meio da presença pessoal de seu Verbo eterno, o Filho amado, que precisa ser escutado e seguido” (CNBB 99, 42).

Tendo em vista a profundidade teológica da comunicação cristã, evidenciamos em nossa pesquisa a força da comunhão-comunicação das primeiras comunidades cristãs no atualizar-se mediante processos que implicam o serviço, o diálogo, o anúncio e o testemunho de vida. A ação comunicativa de uma forma ou outra sempre esteve presente na Igreja, conduzida pelo Espírito de Deus.

Quando se examina a história da comunicação da Igreja, numa perspectiva sócio-histórica ou das relações entre Igreja e Comunicação, compreende-se a importância de considerar a trajetória de tal relacionamento, seja através de seus documentos, seja de sua prática. A seu modo, segundo os critérios e a cultura da época, bem como o grau de compreensão da Igreja em cada período, esta, de certa forma, sempre se interessou pela comunicação. Desde o início, a essência de Deus é comunicação. Comunicando, Ele revela-se aos seres humanos ao longo dos tempos, e o lugar por excelência da comunicação de Deus são as Sagradas Escrituras.

Ao longo dos textos bíblicos do Antigo Testamento, Deus vai comunicando-se com os seres humanos e ao se comunicar vai revelando-se. Revelar-se é tirar o véu; é dar-se a conhecer. “De muitas maneiras, Deus falou aos homens no passado através dos profetas. Agora nestes tempos que são os últimos, falou-nos através de seu filho Jesus “(Hb 1,1). Nas primeiras comunidades, além da Palavra, havia as Cartas e depois os Evangelhos escritos. A diferença está na maneira com que se utilizaram da comunicação através dos séculos. A trajetória é longa, diversificada, lenta por vezes, recrudescida por outras. Encorajadora em determinadas situações. Hoje, conhecemos a importância dos meios de comunicação na Igreja para a evangelização.

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja pôde contar com novos recursos para a ação evangelizadora, oferecidos pelos suportes midiáticos e digitais. O documento *Inter Mirifica*, aprovado em 4 de dezembro de 1963, enfatiza que, nos primórdios da Igreja Católica, o conceito de comunicação estava concentrado na comunidade. Esta, composta pelos primeiros fiéis cristãos, era por si só um instrumento de comunicação. A comunidade acreditava que, através do testemunho de fraternidade, a fé seria comunicada entre seus membros. Portanto,

a Igreja Católica, instada pela necessidade de evangelizar, considera que faz parte da sua missão pregar a mensagem da salvação, com a ajuda, também, de meios de comunicação social, e para ensinar aos homens o seu uso correto (IM 3).

A Igreja Católica sempre considerou o tema comunicação como elemento importante a ser contemplado, na sua especificidade. Os documentos da Igreja tais como a proeminente encíclica *Miranda Prorsus* (MP), (segunda encíclica sobre a comunicação em 8 de setembro de 1957), que trata do cinema, da rádio e da televisão, revela a evolução do pensamento do magistério nesta área. Nos passos do Concílio, a Igreja Católica avança para o *aggiornamento*. Mas a grande abertura para a comunicação acontece, como já dissemos, no Concílio Vaticano II, com o decreto do *Inter Mirifica* (1963), que foi um dos grandes acontecimentos para a comunicação na Igreja Católica. O *Inter Mirifica* foi uma novidade na pauta conciliar. Pela primeira vez, um documento universal da Igreja assegura a obrigação e o direito de utilizar os instrumentos de comunicação social.

Revela-se imprescindível a crescente abertura da Igreja acerca desta temática e a evolução do pensamento sobre como pôr em prática esses meios em favor da

evangelização. Entender como a Igreja conseguiu evoluir com o uso dos meios de comunicação no processo de evangelização, a partir do Concílio Vaticano II, sem perder o diálogo entre fé e cultura, nas diversas etapas da sociedade, é a grande questão a ser elucidada nesta pesquisa.

Na sua caminhada de mais de dois mil anos, a Igreja deparou-se com diferentes contextos e modos de anunciar aos povos a Boa Nova de Jesus Cristo (Mt 28,16ss; Jo 20,21ss). Na sociedade contemporânea, a comunicação, como nunca, vai agregando novas tendências, novos processos comunicacionais e novos paradigmas ao seu discurso. De tal modo, trata-se de recuperar o pensamento da Igreja Católica sobre a comunicação por meio de seus documentos. A propósito disso, convém ressaltar que:

De um lado, havia a reta intenção de falar do Reino para o mundo, começando por Jerusalém; e de outro estavam justamente os interlocutores com seu universo de vida e suas leituras de mundo diferentes da leitura judaica, pois, historicamente, a Igreja nasceu inculturada em Israel, tanto que, durante seus primeiros anos, foi considerada como uma seita no interior do povo de Deus, conformada por aqueles que afirmavam que Jesus era o messias prometido e esperado por múltiplas gerações (BRIGHENTI, 1998, p. 13).

Dessa maneira, a importância dos meios de comunicação, do diálogo entre fé e cultura e da ação evangelizadora, que supõem mudanças de paradigmas, serão abordadas minuciosamente nesta pesquisa. A Igreja necessita, portanto, renovar seus métodos pastorais no diálogo com a sociedade atual. É na sociedade contemporânea que a comunicação, como nunca, vai agregando aos seus discursos, novas tendências, novos processos comunicacionais e novos paradigmas. Estamos na era das tecnologias digitais, dos novos formatos que necessitam de novos métodos, novas linguagens e novos conceitos.

É imprescindível, portanto, averiguar a evolução no processo de compreensão da Igreja, diante dos meios de comunicação e sua contribuição nas práticas pastorais. Nesta perspectiva, a midiatização é utilizada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios de comunicação na Igreja e para mostrar as inter-relações entre a mudança comunicativa e sociocultural refletidas na Igreja, principalmente a partir do Concílio Vaticano II, realizado em Roma, em três importantes sessões, de outubro de 1962 a dezembro de 1965.

Assim, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a Igreja pôde ampliar suas formas de comunicar a Revelação de Deus no projeto da nova

evangelização. Além disso, o Decreto *Inter Mirifica* (1963) foi decisivo para a Igreja reconhecer e entender sua postura, diante das novas exigências da transmissão da fé, e assegurar sua obrigação em utilizar os instrumentos de comunicação social, apresentando orientações gerais para o clero e para os leigos sobre o emprego dos meios de comunicação social. Com o Decreto *Inter Mirifica* (1963), houve grandes avanços na reflexão e no uso dos meios de comunicação na evangelização. Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), de acordo com o Papa Paulo VI que, nos meios de comunicação, a igreja encontra “uma versão moderna e eficaz do púlpito” (EN 45). Naturalmente, o pensamento é sobre o alcance que eles têm em vista da evangelização.

Assim sendo, esta pesquisa tem por objetivo geral compreender, a partir do Concílio Vaticano II, a caminhada da Igreja, diante das inovações advindas no campo das comunicações, os desafios e as oportunidades para a ação evangelizadora neste início do século XXI. Os objetivos específicos buscam: aprofundar os aspectos teológicos da comunicação a partir da teologia da revelação; discutir a trajetória histórica dos documentos da Igreja e a inserção dos meios de comunicação social nos processos da ação evangelizadora; aprofundar, a partir da Querida Amazônia, os desafios e as formas de comunicação ligados à Igreja e outras Instituições que contribuem para reconhecer aos povos originários e comunidades locais, suas cosmovisões e experiências religiosas e de fé.

Diante dos grandes avanços das tecnologias e dos meios de comunicação, questiona-se: Qual a teologia que está na base da comunicação evangelizadora? Por que, ainda hoje, o uso dos meios de comunicação para a ação evangelizadora constitui um grande desafio para a Igreja Católica? Quais os avanços da Igreja em relação ao uso dos meios de comunicação depois do *Inter Mirifica*? Qual a contribuição da comunicação no processo evangelizador? Qual a proposta da Querida Amazônia para a comunicação da fé com os povos originários?

Esta pesquisa pauta-se na seguinte hipótese: Ao longo da história, a Igreja teve certas dificuldades em utilizar-se dos meios de comunicação para sua ação evangelizadora. Hoje, é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor da nova evangelização, para redescobrir a alegria de crer e o entusiasmo de comunicar a fé mediante formas e linguagens diferenciadas e adaptadas às diferentes culturas. A Igreja possui uma visão ampla da comunicação, uma nova cultura, uma nova

“ambiência”, que interfere na vida, na experiência e vivência da fé das pessoas, mas, ainda, não está preparada para responder a este desafio.

Assim, a metodologia adotada neste estudo é uma pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa. Como estratégia metodológica, optamos pela revisão bibliográfica fundamentalmente baseada nos documentos da Igreja, artigos científicos, livros e informações publicadas para acesso em geral.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos, além deste introdutório, tendo como temas geradores Teologia e Comunicação; A comunicação nos documentos da igreja; Comunicação da fé, cultura e desafios na evangelização na Igreja da Amazônia.

O segundo capítulo visa aprofundar os aspectos teológicos da comunicação a partir da teologia da revelação. Segue um percurso que vai do comunicar-se de Deus na História da Salvação à comunicação da fé por uma ecologia comunicacional. Reflete teologicamente sobre o fenômeno da comunicação humana fundamental para o ser humano e sua relação com o divino. Além disso, analisa os valores teológicos vinculados a esse processo e aprofunda a revelação de Deus como a primeira forma de comunicação. Deus, ao revelar-se, comunica-se com o ser humano, fazendo-o participar dos bens divinos. Deus revela-se através da criação, da natureza, na consciência da humanidade, nas Escrituras e por meio do Filho. A revelação como “maiêutica” abre novas perspectivas para ser-a-partir-de-Deus-no mundo.

Jesus Cristo é, portanto, o comunicador do Pai. Este é um fato central na visão cristã que perpassa as Escrituras do Novo Testamento e toda a tradição da Igreja. Jesus é também apresentado como pregador e ouvinte. É pelo diálogo que Jesus leva seus interlocutores a uma visão mais crítica da própria realidade, transformando-os de pessoas passivas a receptores ativos. Assim, a comunicação da fé implica um caminho de diálogo, e o diálogo é muito mais do que comunicação de uma verdade, é “comunicação entre os corações” (EG 142). Na perspectiva da *Evangelii Gaudium* (2013), enfatiza-se a necessidade de a Igreja deixar-se evangelizar pelas culturas.

Dessa forma, somos chamados a encontrar um modo de comunicar Jesus que corresponda à situação em que vivemos (EG 121). A comunicação do Evangelho entre os povos “parte das tradições e culturas locais” (EG 118). Com isso, evidenciou-se o critério da universalidade, próprio da dinâmica do Evangelho, visto que o Pai quer que todos os seres humanos se salvem; e seu plano de salvação consiste em “submeter tudo a Cristo, reunindo n’Ele o que há no céu e na terra” (Ef 1,10).

Em redes sociodigitais, os deslocamentos das práticas de fé das mídias digitais para ambientes *online* necessitam de uma complexa ecologia comunicacional a fim de que a experiência de fé torne-se possível. “Uma Igreja em saída” (EG 49), também é chamada a caminhar nos ambientes digitais, que não são apenas “rede de fios”, mas de “pessoas humanas” (FRANCISCO, 24 jan. 2014).

No capítulo terceiro, *A Comunicação nos documentos da Igreja*, discutiu-se a trajetória histórica dos documentos da Igreja e a inserção dos meios de comunicação social nos processos da ação evangelizadora. Evidenciou-se a relação entre Igreja e Comunicação, os meios ao seu dispor e as vias alternativas para difundir o anúncio do Evangelho. Nesta perspectiva, apontou-se a necessidade da Igreja de acompanhar a evolução dos meios de comunicação e como esses meios contribuíram na mudança da construção da cultura, da sociedade e das diferentes práticas sociais e pastorais.

Ao longo dos séculos, foram muitos os documentos pontifícios e pastorais que destacaram o tema das comunicações. Embora os mais conhecidos sejam os que tratam dos modernos meios, a Igreja sempre se pronunciou a respeito da importância do bom uso dos meios de comunicação. Os principais documentos são: *Vigilanti cura* (1936); *Miranda Prorsus* (1957); *Inter Mirifica* (1963); *Communio et Progressio* (1971); *Aetatis Novae* (1992). Há, ainda, outros documentos publicados pela Santa Sé para tratar de assuntos específicos, como: *Orientação para a formação dos futuros Sacerdotes sobre os meios de Comunicação Social* (1986); *Pornografia e violência nas Comunicações Sociais. Uma resposta pastoral* (1989); *Critérios de colaboração ecumênica e inter-religiosa nas Comunicações Sociais* (1989); *Ética na Publicidade* (1997); *Ética nas Comunicações Sociais* (2000); *Ética na Internet* (2002); *Igreja e Internet* (2002).

A leitura e o aprofundamento destes documentos mostraram-nos a necessidade de avançar para uma formação cultural, doutrinal, espiritual e profissional adequada da comunicação. A reforma digital com suas práticas de acesso, conexão, participação, criatividade e colaboração [de pessoas comuns], encorajadas pelo uso disseminado de novas mídias sociais digitais, atinge em todos os aspectos da vida diária, incluindo a vida de fé.

O último capítulo que trata sobre *Comunicação, cultura e desafios na Igreja da Amazônia, aprofunda*, a partir da Querida Amazônia, os desafios, as formas de comunicação ligadas à Igreja e outras Instituições que contribuem para reconhecer os povos originários e comunidades locais, suas cosmovisões e experiências religiosas

e de fé. Deste modo, a reflexão tem como pressuposto a “eclesiologia encarnada” de Francisco, que motiva integrar à abordagem social à abordagem ecológica para “ouvir o clamor da terra e o clamor dos pobres” (LS 49; QA 8), para construir projetos de bem-viver e de cuidado com as raízes culturais dos povos nativos, porque delas provêm a força das futuras gerações.

O grande desafio da ação evangelizadora consiste em escutar o que os povos têm a dizer sobre si mesmos, seus costumes, seus modos de vida etc., para poder, por meio de um diálogo evangélico, intercultural, promover uma cultura comunicativa, de encontro e de cuidado da “Casa Comum”. Acenou-se que todo e qualquer tipo de comunicação deve ser planejada, para que possa contribuir nos diagnósticos e gerenciamento da comunicação. Enfatizou-se que, ao entrar no Novo Milênio, a Igreja percebeu a necessidade de desenvolver um diálogo mais consistente com a cultura midiática, pensando diretrizes mais inovadoras para suas pastorais. A Internet já é uma realidade na vida cotidiana das pessoas, e a rede apresenta-se com um tecido conectivo das experiências humanas. Desta maneira, a Igreja alarga o uso dos meios de comunicação para diferentes setores e amplia suas redes para diferentes territórios, de modo especial, com a pandemia do Coronavírus – COVID 19.

Não obstante os avanços da Igreja nos seus processos de evangelização, o Sínodo da Amazônia aponta ainda para esta região formas coloniais de ser Igreja, uma Igreja impositiva”, “de costas para a realidade” (QA 28, 39). A proposta de Francisco é que se crie uma Igreja de rostos amazônicos, com a presença de leigos e leigas responsáveis, maduros e dotados de autoridade, conhecedores das línguas, das culturas, da experiência espiritual e do modo de viver em comunidade de cada lugar, ao mesmo tempo que deixem espaço à multiplicidade dos dons que o Espírito Santo semeia em todos. Propõe, ainda, uma Igreja Sinodal, Samaritana, Madalena, Mariana e missionária. A ação evangelizadora deve começar pelo reconhecimento do outro e do diferente.

Outro aspecto mencionado neste capítulo é que a escuta dos povos originários exige do “discípulo missionário” uma conversão pastoral, que reflita nas relações com o mundo todas as consequências do encontro com Jesus. Destacou-se, assim, que o agente principal da comunhão na comunidade cristã é o Espírito Santo: ele tem a missão de guiar, ensinar, inspirar para o conhecimento e para o exercício da verdade. Esses são requisitos fundamentais de uma atividade comunicativa para os discípulos e discípulas missionários na comunidade cristã e na sociedade.

Mostrou-se, ainda, que os meios de comunicação, como a TV, a Internet e as últimas invenções tecnológicas vêm ao encontro com os novos projetos de evangelização, principalmente pelas dificuldades da distância entre os locais onde moram os ribeirinhos e os indígenas e outras realidades. Trata-se de um encontro de culturas mediadas pelo Evangelho, mais precisamente entre a cultura de quem leva a mensagem e a cultura daqueles que a recebem.

Discutiu-se sobre a espiritualidade do comunicador cristão como eixo de toda ação evangelizadora. A prática e a vivência da espiritualidade são fundamentais para uma eficaz evangelização, pois o comunicador cristão, é um místico da comunicação. “No silêncio, a Palavra é gerada, transmitida e comunicada na sua grandeza e totalidade” (MENDONÇA, 2014, p. 117). A espiritualidade do comunicador inspira-se e alimenta-se na “Trindade, que, é, por sua natureza, comunicadora” (CNBB 99, 39). A comunicação é a expressão do amor maior e como comunicação amorosa liga-se intimamente à comunicação misericordiosa. “A mensagem da comunicação chega ao coração das pessoas quando estas se percebem acolhidas e amadas” (CNBB 99, 38). Por fim, acenou-se, brevemente, sobre a Pastoral da Comunicação, sua caminhada nos planejamentos das Igrejas e sua finalidade na prática eclesial. Evidenciou-se que existe uma visão renovada sobre a comunicação, uma nova cultura e uma nova “ambiência”, que interfere na vida e na experiência de fé das pessoas.

Desse modo, consideramos que o tema comunicação, depois do Concílio Vaticano II sempre foi considerado um elemento importante a ser contemplado na reflexão e nos documentos da Igreja. Além de ser um elemento transversal, a comunicação ocupa um lugar específico na evangelização, que necessita investir enfaticamente numa pastoral midiática e ser tratada como tema próprio. Nesse sentido, a mídia constitui-se muito mais que um simples instrumento, ela configura a atual cultura, lugar onde se desenvolve o discipulado missionário em favor da vida plena. Vivemos, nestes últimos anos, uma evolução histórico-tecnológica no conceito de comunicação. De “meios de comunicação social” passou-se para “comunicação social”. Cabe a nós, a partir do mandato missionário de Jesus (Mt 28,16-20), integrar a mensagem cristã nesta nova cultura criada pelas modernas comunicações (RM 37c).

A opção da Igreja em inserir-se na cultura da comunicação não é apenas estratégica, mas principalmente evangélica, porque Jesus é o modelo e o paradigma dessa comunicação como seus discípulos e missionários (IG 33). Ele é o comunicador

por excelência e mandou-nos proclamar de cima dos telhados (Lc 12,3), e para todos os povos a Boa Nova do Reino. Jesus comunicava-se com a vida e com a palavra, inserindo-se na experiência, na linguagem, na mentalidade e na cultura do povo. Devemos, portanto, fazer isso também.

2 TEOLOGIA E COMUNICAÇÃO

Neste capítulo objetiva-se refletir sobre a relação entre Teologia e Comunicação e sobre o comunicar-se de Deus na história da Salvação a partir da Teologia da Revelação. Para tal finalidade, recorre-se a vários autores dentre os quais destacam-se Joana Puntel (2010), Helena Corazza (2019), André Torres Queiruga (2010), Edward Schellebeeckx (1994). Desse modo, busca-se recuperar estudos sobre o decreto *Inter Mirifica* (1966), que trata dos meios de comunicação social na Igreja Católica.

Com os avanços tecnológicos e os novos processos sociais correlacionados, percebe-se a existência de novas modalidades comunicacionais da sociedade, que são movidas por tecnologias transformadas pela ação humana em “meio de comunicação, de interação e de organização social” (CASTELLS, 2005, p. 257). É nesse contexto que entra em cena a *mediatização* como fenômeno histórico-comunicacional contemporâneo. A mediatização pode ser assim entendida porque se baseia na “modificação da *comunicação* [midiática] como a *prática básica* da forma como as pessoas constroem o mundo social e cultural” (KROTZ, 2007, p.257). Viver em sociedades em mediatização significa reconhecer que “a percepção que temos hoje do mundo tornou-se dependente de complexos e permanentes dispositivos de mediatização” (RODRIGUES, 2000, p.169).

Nesse sentido, não só a vida individual, mas também o funcionamento das instituições como as religiões passam a ser moldados por lógicas midiáticas. Desse modo, tanto a religião quanto “seu conteúdo simbólico e práticas individuais” está sendo submetidos à lógica das mídias (HJARVARD, 2008, p.11). Durante esta pesquisa, veremos que “as mídias podem ser, ao mesmo tempo, *fonte* de religião e espiritualidade, um *indicador* da mudança religiosa e espiritual e *estar articuladas* com as tendências religiosas e espirituais – *mudando a religião* mediante essas interações e sendo mudadas por essa relação” (HOOVER, 2008, p.4). Emerge, portanto, da mídia uma forma específica de fazer religião e de ser religioso, o que não significa a supressão do cristianismo-catolicismo, mas sim o surgimento de múltiplas experiências, crenças e práticas religiosas católicas que, via mídias, são ressignificadas socialmente.

O Concílio Vaticano II, ao se posicionar em uma arena pública como os meios de comunicação social, alerta que compete à Igreja “o direito nativo de usar e possuir

toda a espécie destes meios, enquanto são necessários ou úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas” (IM 3) e reforça que “compete, porém, aos sagrados pastores o dever de instruir e de dirigir os fiéis de modo que estes, servindo-se dos ditos meios, alcancem a sua própria salvação e perfeição, assim como a de todo o gênero humano” (IM 3). Em face disso, o Concílio Vaticano II atribui aos leigos a tarefa de “vivificar com espírito humano e cristão estes meios, a fim de que correspondam à grande esperança do gênero humano e aos desígnios divinos” (IM 3).

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica começa a proclamar a fé cristã através dos meios ao seu dispor, como vias alternativas para sua missão e evangelização. Assim, em tempos de dificuldades, a Igreja vem insistindo com seus documentos para que haja uma organização e um bom planejamento na área da comunicação.

2.1 REVELAÇÃO COMO COMUNICAÇÃO DE DEUS

O ser humano percebe-se como centro da criação e sujeito autônomo na configuração de sua fé. Todos temos alguma ideia. Nesse sentido, podemos dizer que o que o diferencia dos demais seres é a sua consciência, a sua liberdade, sua capacidade de auto possuir-se, de estabelecer relações e de comunicar-se com os outros seres humanos. Ele também identifica-se como finito e que está diante de um horizonte mais amplo e sente-se tocado por este horizonte maior.

A partir dessa experiência, o ser humano concebe-se como ser transcendente, ou seja, ser de horizonte infinito. Desse modo, pode perceber sua experiência como aquilo que lhe permite perceber-se a si mesmo e, portanto, realizar-se enquanto ser de abertura, “ouvinte da palavra” (RAHNER, 2004, p. 33). Trata-se de uma palavra que – em nosso ambiente cultural - tende a perpetuar-se até mesmo através daqueles que negam a experiência com ele, como sua existência. Trata-se de uma experiência na história, e não fora dela e que assim se faz não porque o ser humano iniciou esse processo, mas porque o próprio Deus deu-se ao ser humano – o ouvinte da revelação. Esse Deus que se relaciona conosco é um ser pessoal que se comunica no amor. “A autocomunicação de Deus significa, portanto, que a realidade comunicada é realmente Deus em seu próprio ser, e desta forma é comunicação que tem em mira conhecer e possuir a Deus na visão imediata e no amor” (RANHER, 2004, p. 147).

Convém ressaltar que a revelação divina é a comunicação da própria vida de Deus. Ao se revelar Deus, comunica a si mesmo ao ser humano. O que Deus dá na sua revelação é a si mesmo. Por isso, diz-se que a revelação é autodoação. O ser humano deseja encontrar Deus, e Deus quer estabelecer com o ser humano uma relação de intimidade e de comunhão de vida. Mas esse encontro entre Deus e o ser humano, não se dá como uma imposição ou uma ação que invade e destrói a dignidade humana.

Pela Revelação Divina, quis Deus manifestar e comunicar-se a si mesmo e os decretos eternos da sua vontade a respeito da salvação dos seres humanos, “para os fazer participar dos bens divinos, que superam absolutamente a capacidade da inteligência humana” (DV 6). Deus é o primeiro agente de toda a ação reveladora. Ele comunica, antes de tudo, a si mesmo e os eternos desígnios de sua vontade. A salvação das criaturas humanas, constituídas suas parceiras e interlocutoras, é a finalidade de toda a sua ação. Todo esse projeto ultrapassa completamente a compreensão da inteligência das pessoas. Estamos navegando em pleno mistério de amor.

Podemos dizer que existem alguns tipos de revelação de Deus por meio das Escrituras Sagradas? A Revelação geral mostra Deus revelando-se através da criação, da natureza e na consciência da humanidade (Sl 19,1; Rm 1, 20; At 14,17). Por outro lado, a Revelação especial mostra Deus revelando-se particularmente pelas Escrituras e por meio do Filho, sendo este a própria revelação de Deus para a nossa salvação (2Tm 3,16; Jo 10,30; 20,31).

A revelação, iniciada já com a criação dos nossos primeiros pais e a elevação à vida da graça, que lhes permitia participar da intimidade divina e depois prefigurada no pacto cósmico com Noé, a aliança de Deus com o ser humano, revela-se, de modo explícito, com Abraão e depois, de maneira particular, com Moisés, a quem Deus entrega as Tábuas da Aliança. Quer a numerosa descendência prometida a Abraão, na qual seriam abençoadas todas as nações da terra, quer a lei entregue a Moisés, com os sacrifícios e o sacerdócio que acompanham o culto divino, são preparações e figura da nova eterna aliança selada em Jesus Cristo, Filho de Deus, realizada e revelada na Sua Encarnação e no Seu sacrifício pascal. A aliança em Cristo redime do pecado dos primeiros pais, que quebraram com sua desobediência a primeira oferta de aliança por parte de Deus criador.

Para poder compreender a Palavra de Deus, também precisamos de revelação. Necessitamos da ação do Espírito de Deus em nosso interior que nos dá o entendimento. O salmista orou da seguinte maneira: “abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei” (Sl 119,18). Paulo também escreveu aos Efésios: “Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito de sabedoria e revelação, no pleno conhecimento dele” (Ef 1,17).

A revelação pertence à autocompreensão de toda religião, que sempre se considera a si mesma criação divina e não meramente humana. Esta afirmação situa a reflexão diante do fato radical, a partir do qual tudo o mais é uma derivação, mas que tende a ser encoberta pelos hábitos comuns do pensamento: pelos “juízos” tanto como pelos “pré-conceitos”. Aí mesmo tropeça imediatamente com a teoria de Karl Barth¹, o qual, partindo de um conceito predeterminado do que vem a ser a revelação, nega que ela se possa dar em alguma parte fora da Bíblia, ao ponto de conceber a revelação de Deus como uma forma de suprimir a religião (QUEIRUGA, 2010).

A revelação como “maiêutica” permite um importante avanço na compreensão e abre novas perspectivas. Responde, sobretudo, a uma das grandes preocupações modernas: mostrar que não se trata de algo arbitrário, injustificável ou alienante. Ainda que chegue de fora, a revelação faz as vezes de parteira para que quem a acolhe possa ver a verdade última de seu ser-a-partir-de-Deus-no mundo. Longe de se apresentar como algo que leva o ser humano para fora de si, aparece como a oferta de sua mais radical autenticidade (QUEIRUGA, 2010).

Por amor, “Deus revelou-se e doou-se ao ser humano, oferecendo respostas às questões acerca do sentido da vida, comunicando-lhe gradualmente seu próprio Mistério por meio de ações e palavras” (CAT 69). Além dos testemunhos que Deus deu de si mesmo nas coisas criadas, ele revelou-se aos nossos primeiros pais. Falou com eles e, depois da queda, assegurou-lhes a salvação e ofereceu-lhes a sua aliança

Nesse sentido, ressalta-se que, mediante a razão natural, o ser humano pode, com certeza, conhecer a Deus a partir de suas obras. E, para que fôssemos dele, entrou em diálogo conosco, revelando-nos o seu mistério. Para realizar seu plano de

¹ Karl Barth nasceu em 10 de maio de 1886, na Basileia, Suíça, foi um teólogo reformado suíço, considerado o maior teólogo protestante do século XX. Sua influência expandiu-se muito além do domínio acadêmico, chegando a incorporar a cultura, o que levou Barth ser apresentado na capa da revista Time em 20 de abril de 1962. Barth faleceu em dezembro de 1968, em Basileia, Suíça. <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/585408-50-anos-apos-sua-morte-retrato-teologico-de-karl-barth>

salvação, escolheu o povo de Israel, como destinatário de sua Palavra. Ele manifestou-se nos eventos históricos desse povo. Arrancou-o da escravidão do Egito, acompanhou-o através do deserto, fez com ele uma Aliança, deu-lhe uma lei, uma terra e um rei. Fez isso revelando seu projeto benevolente que, desde toda a eternidade, concebeu em Jesus Cristo, em favor de todos os homens. Revelou plenamente seu projeto enviando seu Filho bem-amado, nosso Senhor Jesus Cristo, e o Espírito Santo.

Há que se mencionar, também, que a “Revelação” pode ser compreendida em níveis linguísticos diferentes. Por um lado, a revelação é essencialmente o inominável, o inexpressível, o que está além de todo conhecimento conceitual e é o fundamento da experiência de fé – da práxis de fé e do pensamento de fé. Por outro lado, chama-se revelação também o inominável captado na reflexão: a manifestação posta em conceito, por assim dizer “concebida”, a base da revelação, base diretamente não conceituável.

Nesta perspectiva, na revelação, se processa a verdadeira interpretação da existência humana, pessoal, social, mas à luz do sagrado. Tal conceituação vale também para a revelação bíblica, que se realizou por meio da história do “povo de Israel de interpretar a sua existência à luz de sua relação com Javé. Israel vai-se espelhando e interpretando na revelação, que lhe iluminava o ser mais profundo”. Na revelação, o povo de Israel não só se reconhecia, mas também aceita a iniciativa gratuita de Deus de escolhê-lo como seu povo. No Novo Testamento, a revelação do Verbo feito carne, do Jesus de Nazaré, “está em profunda continuidade com a tradição cultural-religiosa e imerso na experiência humana” (LIBÂNIO, 2012, p. 303).

2.2 JESUS CRISTO, COMUNICADOR DO PAI

Deus emprega duas formas específicas para comunicar-se com o ser humano: a Palavra Escrita e a Palavra Encarnada – Jesus Cristo. Por meio da Palavra Escrita, Deus ordenou a Moisés que escrevesse sua mensagem revelada “num livro” (Ex. 17,14). A revelação escrita substituiu a tradição oral, como testemunho da existência e comunicação de Deus (Ex 34, 27; Jr 30, 2; Ap 1,19). A revelação escrita é chamada de Escritura (2Tm 3,16), ou Escrituras (Mt 2,29; 2,56).

Por meio da Palavra Encarnada – Jesus Cristo (Jo 1,14.18) - não se trata de uma comunicação através das palavras de um profeta, mas da revelação de Deus por

meio de uma pessoa santíssima e coeterna com o Pai (Jo,1.1; 14, 9; Hb1,1-3). O propósito da revelação é conduzir o ser humano ao encontro com o Verbo Eterno. A tradução da revelação, pela categoria de Palavra, possui uma necessidade estrutural que acaba por impor-se de alguma maneira. A experiência reveladora para tornar-se consciente tem que ser vivenciada como manifestação de Deus.

Essa vivência precisa, por sua vez, ser expressa, tanto para ser compreendida como para ser comunicada: o próprio receptor da experiência precisa “dizê-la” a si mesmo e sobretudo “dizê-la” aos demais. Tal “dizer” não é sempre necessariamente verbal, pense-se, por exemplo, nas “ações simbólicas” dos profetas, porém, pode ser um reflexo verbal. De fato, acabará por tê-lo sempre, desde o momento em que queira ser transmitido à posteridade. Nesse sentido, o cristianismo é a religião da revelação e do livro. Portanto, está fundamentada na manifestação de Deus na história por meio do povo de Israel e, de maneira definitiva, em Jesus Cristo. Esse conhecimento foi revelado e transmitido oralmente e registrado por uma comunidade que assentiu na tradição escrita uma comunicação única e original de Deus (QUEIRUGA, 2010).

O fato de um Deus comunicar-se com os homens, um Deus dos homens, é central na visão cristã. Essa realidade foi sempre meditada, pregada através da história por uma comunidade, a Igreja. Ela lê, medita os livros sagrados, celebra a vida do Espírito em seu meio, organiza-se em instituições, desenvolve práticas de serviço e de caridade em relação a toda humanidade. Nesse sentido, ela vive dentro de si uma tradição, alimenta-se dela, mas também, enriquece-a pelo simples fato de viver em tempos e em circunstâncias diferentes.

Ao longo da história, a Igreja reinterpreta para novas situações uma revelação já dada e em devir. A Igreja iluminada por essa revelação sabe que seu Deus está atuando de forma reveladora e salvífica para além dos limites, em todos os tempos e em toda a humanidade. Israel viveu interpretando em e para cada geração, de maneira viva, a história reveladora e salvadora de Deus. Jesus também releu a tradição judaica, com a autoridade máxima de Filho, para a nova situação que vivia. Do mesmo modo, continua fazendo a Igreja até hoje, ela vive dentro da revelação viva e transmitida pela tradição. Com a tradição, ela vai desenvolvendo temas conforme os momentos históricos exigem.

Na preparação da revelação, Deus continua criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (Jo 1, 3); oferece aos homens um testemunho perene de Si mesmo na criação (Rm 1,1-20) e, além disso, decide abrir o caminho da salvação

sobrenatural, manifestou-se a Si mesmo, desde o princípio, aos nossos primeiros pais. Depois da sua queda, com a promessa de redenção, deu-lhes a esperança da salvação (Gn 3,15) e cuidou continuamente do gênero humano, para dar a vida eterna a todos aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação (Rm 2, 6-7). No devido tempo, chamou Abraão, para fazer dele pai de um grande povo (Gn 12, 2), povo que, depois dos patriarcas, ele instruiu, por meio de Moisés e dos profetas, para que o reconhecessem como único Deus vivo e verdadeiro, Pai providente e juiz justo, e para que esperassem o Salvador prometido. Assim, Deus preparou, através dos tempos, o caminho do Evangelho.

A consumação e a plenitude da revelação em Cristo, “depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho” (Hb 1,1-2). Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, “o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhe a vida íntima de Deus” (Jo 1, 1-18).

Por isso, Jesus disse: “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14, 9). Com toda sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo, com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito Santo, Jesus completa totalmente e confirma com o seu testemunho de vida a revelação. A saber, Deus está conosco para libertar-nos das trevas do pecado e da morte, para nos ressuscitar para a vida eterna.

Outrossim, a fé, enquanto virtude, é a resposta do ser humano à revelação divina, uma adesão pessoal de Deus em Cristo, motivada pelas Suas palavras e pelas obras que Ele realiza. A credibilidade da revelação apoia-se sobretudo na credibilidade da pessoa de Jesus Cristo, em toda a sua vida. A Sua posição de mediador, plenitude e fundamento da credibilidade da Revelação, diferencia a pessoa de Jesus Cristo de qualquer outro fundador de uma religião que não solicita dos seus seguidores que tenham fé Nele, nem pretende ser a plenitude e a realização do que Deus quer revelar, mas que somente se propõe como mediador para fazer com que os homens conheçam tal revelação (CAT 51).

Como os apóstolos e seus sucessores são transmissores do Evangelho da Revelação Divina, Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos. Por isso, Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo consuma-se (2Cor 1, 20; 3,16-4,6), ordenou aos Apóstolos que pregassem a todos,

como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o Evangelho prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente, comunicando-lhes assim os dons divinos. Isto foi realizado com fidelidade, tanto pelos Apóstolos que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo, como por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação.

A tradição que se origina dos Apóstolos, progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo. Com efeito, cresce o conhecimento tanto das coisas como das palavras que constituem parte da Tradição, quer mercê da contemplação e do estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (Lc 2,19.51), quer mercê da intimidade, não de uma inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam um seguro carisma da verdade. Como se constata, a Igreja, no decurso dos séculos, caminha continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realize a Palavra de Deus.

E, assim, a pregação apostólica, que se exprime de modo especial nos livros inspirados, deveria conservar-se por uma sucessão contínua, até à consumação dos tempos. Por isso, os Apóstolos, transmitindo o que eles mesmo receberam, advertem os fiéis a que observem as tradições que tinham aprendido quer por palavras quer por escritos (2Ts 2,15), e a que lutem pela fé recebida de uma vez para sempre (Jd 3,4). Ora, o que foi transmitido pelos Apóstolos abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé. Assim, a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ele é e tudo quanto acredita.

Àquele que tem o poder de vos confirmar segundo o evangelho e a mensagem de Jesus Cristo – revelação de um mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado e, pelos escritos proféticos e por disposição do Deus eterno, dado a conhecer a todos os gentios para levá-los à obediência da fé (Rm 16, 25-26).

A riqueza da Revelação da Palavra de Deus, considerada como Sagrada Escritura e Tradição, nem sempre foi vivida com a mesma intensidade de piedade, veneração e eficácia. A caminhada histórica da comunidade eclesial, na busca da vivência da Palavra de Deus, não foi sempre linear ou cíclica. Aberturas, altos e baixos

na vivência e no uso da Bíblia fazem parte integrante deste caminho. No primeiro século da vida da Igreja, a comunidade cristã foi normalmente guiada pela Palavra de Deus. Na época dos Padres da Igreja, Bíblia e Tradição andavam de mãos dadas.

É importante ressaltar que:

As afirmações dos santos Padres testemunham a presença vivificadora desta Tradição, cujas riquezas entram na prática e na vida da Igreja crente e orante. Mediante a mesma Tradição, a Igreja conhece o cânon inteiro dos livros sagrados e a própria Sagrada Escritura entende-se nela mais profundamente e torna-se incessantemente operante; e, assim, Deus, que outrora falou, dialoga sem interrupção com a esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo, por quem ressoa a voz do Evangelho na Igreja e, pela Igreja, no mundo, introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza (cfr. Col 3,16). (DV 8).

Como se constata na história da salvação, consignada nos livros do Antigo Testamento:

Deus amantíssimo, desejando e preparando com solicitude a salvação de todo o gênero humano, escolheu por especial providência um povo a quem confiar as suas promessas. Tendo estabelecido aliança com Abraão (cfr. Gên. 15,18), e com o povo de Israel por meio de Moisés (cfr. Ex. 24,8), revelou-se ao Povo escolhido como único Deus verdadeiro e vivo, em palavras e obras, de tal modo que Israel pudesse conhecer por experiência os planos de Deus sobre os homens, os compreendesse cada vez mais profunda e claramente, ouvindo o mesmo Deus falar por boca dos profetas, e os difundisse mais amplamente entre os homens (cfr. Sal. 21, 28-29; 95, 1-3; Is. 2, 1-4; Jer. 3,17). (DV 14).

Conforme narrada, explicitada e anunciada pelos autores sagrados, a “economia da salvação” encontra-se nos livros do Antigo Testamento como verdadeira Palavra de Deus. Por conseguinte, esses livros, que foram divinamente inspirados, conservam um valor perene: “Ora tudo o que se escreveu no passado é para nosso ensinamento que foi escrito, a fim de que, pela perseverança e pela consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos a esperança” (Rm 15,4).

Acredita-se, face ao que foi exposto, que, quando Israel, enquanto monarquia, produz a sua própria história escrita, denominada na teoria documental de documento javista, atinge uma visão global que, a partir da fé, permite-lhe encontrar-se consigo mesmo no mundo e orientar sua existência. Ao narrar a criação, toma conhecimento do sentido global da vida e o lugar do ser humano no cosmo. Assim, pela história dos povos, consegue situar-se na história universal; pela história dos patriarcas, obtém notícias de seus antepassados remotos; pelo Êxodo, toma conhecimento de sua

origem determinante; pela história da conquista e da constituição da monarquia, tem presente seu passado imediato. Portanto, “a revelação é, então, para Israel este conjunto de uma visão global do mundo e a narração de sua experiência religiosa; ou melhor; uma visão do mundo totalmente modelada sobre sua experiência religiosa” (QUEIRUGA, 2010, p. 60).

Feitas essas considerações, é possível perceber que a maneira de conjugar a vivência histórica e a experiência cultural de Deus é uma das peculiaridades específicas da religião de Israel. Entende-se que todas as religiões têm conhecimento desses dois tipos de experiência do divino. Contudo, enquanto nas demais religiões do Oriente Médio prevalece o aspecto cultural, e a percepção histórica fica num segundo plano diante da manifestação teofânica da divindade no culto, a religião de Israel, embora a sua liturgia tenha alcançado uma indiscutível relevância, conservou um evidente predomínio da experiência histórica de Deus. Na verdade, o que realmente funda a relação de Israel com Deus não é a teofania no Sinai, mas o acontecimento do Êxodo. A teofania tem unicamente a função de ratificar, corroborar e dar continuidade a uma experiência que já havia tido seu fundamento na realidade histórica.

Com efeito, nessa etapa final, o processo de identificação entre a revelação e a palavra chega ao seu ápice. O próprio fato da emergência de um dinamismo que leva à formação do cânon demonstra como a revelação, projetada fundamentalmente no passado, identifica-se com sua manifestação na Palavra dos livros sagrados. Em uma comunidade, que perdeu praticamente tudo, desde as instituições até à iniciativa histórica, os livros sagrados vão converter-se no núcleo mais firme da identificação nacional da revelação.

A importância do Antigo Testamento para os cristãos destinava-se sobretudo a preparar, a anunciar profeticamente (Lc 24,44; Jo 5,39; 1Pd 1,10) e a simbolizar com várias figuras (1Cor 10,11) o advento de Cristo, redentor universal, e o do reino messiânico. Mas os livros do Antigo Testamento, segundo a condição do gênero humano, antes do tempo da salvação estabelecida por Cristo, manifestam a todos o conhecimento de Deus e do ser humano, e o modo com que Deus justo e misericordioso trata os homens. Tais livros, apesar de conterem também coisas imperfeitas e transitórias, revelam, contudo, a verdadeira pedagogia divina. Por isso, os fiéis devem receber com devoção os livros sagrados, que exprimem respeito da

vida humana, bem como admiráveis tesouros de preces, nos quais, finalmente, está latente o mistério da nossa salvação.

A Palavra de Deus, que é “força de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1,16), apresenta-se e manifesta sua força de modo iminente nos escritos do Novo Testamento. Com efeito, “quando chegou a plenitude dos tempos” (Gl 4,4), “o Verbo fez-se carne e habitou entre nós cheio de graça e verdade” (Jo 1,14). Cristo estabeleceu o reino de Deus na terra, manifestou com obras e palavras o Pai e a Si mesmo, e levou a cabo a Sua obra com a Sua morte, ressurreição, e gloriosa ascensão, e com o envio do Espírito Santo. Sendo levantado da terra, “atrai todos a si” (Jo 12,32). Ele é o único que “tem palavras de vida eterna” (Jo 6,68). Este mistério, porém, não foi descoberto e outras gerações como foi agora revelado aos seus santos Apóstolos e aos profetas no Espírito Santo (Ef 3,46) para que pregassem o Evangelho, despertaram a fé em Jesus Cristo e Senhor, e congregaram a Igreja. Os escritos do Novo Testamento são um testemunho perene e divino da Boa Nova da Salvação pelo Cristo.

Iluminados pelos acontecimentos pascais, os Apóstolos proclamam que “não há sob o céu outro nome, dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos (At, 4,12). Pedro diz a Cornélio: Deus “enviou sua palavra aos filhos de Israel anunciando a paz por meio de Jesus Cristo, que é o Senhor de todos” (At, 10,36; Hb 1, 1-2). Em Jesus glorificado na ressurreição e feito Senhor de todos, os homens são agora reconciliados. Pedro menciona a “Palavra da Boa Nova” (At, 15, 7); Paulo, a do “Evangelho da graça” mensagem evangélica (At 8, 4; 14, 7), “a mensagem da salvação” (At 13,26) isto é, palavra que anuncia a salvação e nela introduz.

Mais explicitamente, o conteúdo da palavra é, em primeiro lugar, que Jesus ressuscitou (At 2,31; 3,15; 5, 30; 10,41; 13,31) e que, pela ressurreição, foi constituído juiz dos vivos e dos mortos (At 10,42), Senhor e Cristo (At 2,36); o Príncipe da Vida (At 3,15), o “Salvador” (At 5,31; 13,23), fora do qual não há salvação. Pela fé em Cristo e pelo batismo (At 2,41; 11, 21; 18,8), dá-se a remissão dos pecados (At 2,38) e recebe-se o Espírito, dom salvífico da existência (At 2, 38). Deste modo, a característica do cristão é ser repleto do dom do Espírito.

A resposta ao querigma e ao testemunho é a fé que, segundo os Atos dos Apóstolos, é algo de global: é absoluta e total adesão ao Cristo; é a fé no Senhor (At 16,31), no Senhor Jesus Cristo (At 9, 42, 11,17) em nome de Jesus (At 3,16). Assim, a revelação confiada à Igreja é esse testemunho apostólico que nos convida a crer no

que Cristo disse e fez. A fé é a resposta a essa pregação; é obra divina despertada pelo Espírito que, interiormente, age e fecunda a palavra externamente ouvida.

Deste modo, é importante ressaltar que Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na Sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo. Sempre as considerou e, continua a considerar, juntamente com a sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé; elas, com efeito, inspiradas como são por Deus, e exaradas por escrito duma vez para sempre, continuam dar-nos imutavelmente a palavra do próprio Deus, e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos Apóstolos. Nesse sentido, toda a pregação eclesiástica, assim como a própria religião cristã, deve ser alimentada e regida pela Sagrada Escritura. “A palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb. 4,12), “capaz de edificar e dar a herança a todos os santificados”, (At. 20,32; 1 Tes. 2,13). (DV, 21).

Mas nem mesmo a revelação de Jesus pôde escapar do destino de ir sendo assimilada como “Palavra”, sua própria vida acabou chegando aos fiéis como anúncio, como *eu-angellion*. À medida que sua atividade terrena foi afastando-se no tempo, foram adquirindo também mais relevo e importância suas palavras, “as Palavras do Senhor”. Ele próprio é chamado de *Logos* no Quarto Evangelho, e numa transformação cheia de consequência passa de “pregador” a “objeto da pregação”.

Impressiona o cuidado que Jesus tinha com a divulgação de seus milagres. A ninguém digais. Proibia que divulgassem. São situações frequentes na pregação de Jesus. O mesmo Jesus que mandou anunciar de cima dos telhados (Mt 10,28) e dizia que a luz dos seus discípulos deveria brilhar (Mt 5,14) pedia a leprosos, parálíticos e a outros agraciados (Mc 8,26) que não espalhassem o que houve. Aos discípulos, que o viram transfigurar (Mt 17,1-9), recomenda silêncio. Em João (Jo 5,37; Mt 5,31-32), afirma que ninguém deve dar testemunho de si mesmo, mas, sim, esperar que outros relatem o que viram, porque falar de si não é válido, nem mesmo quando se pretende anunciar o Senhor.

Sugeriu ao possesso de Gerasa (Mc 5,19) que ficasse e desse testemunho na sua família. Ele não obedeceu e foi dá-lo a toda a Decápole. Mas não tinha sido essa a recomendação de Jesus. Ele admitia que poderiam falar de sua transfiguração depois de sua ressurreição, não antes (Mt 17,9). Jesus não aceitava o

sensacionalismo nem a queima de etapas. Não fez milagres diante do sensacionalista Herodes (Lc 23,8-9).

Ao lermos o Evangelho de Marcos, damos-nos conta que sempre que a identidade de Jesus está prestes a ser desvelada, Ele impede-o e impõe vários tipos de silêncio. Manda calar os demônios, e estes obedecem-lhe (Mc 1,25; 3,11-12); impõe o silêncio aos seus discípulos sobre o seu messianismo (Mc 8,30) e a sua transfiguração (Mc 9,10), e eles obedecem; finalmente, manda calar os que são testemunhas de alguns dos seus milagres, daqueles que têm carácter messiânico, mas não lhe obedecem: o leproso (Mc 1,44), na ressuscitação da filha de Jairo (Mc 5,43), o surdo-mudo (Mc 7,36) e o cego (Mc 8,26). Este silêncio contrasta claramente com o mandato de anunciar o Evangelho, depois da Páscoa (Mc 13,10; 14,9). Mas por que razão Jesus ocultou o seu messianismo?

O fato de o povo judeu, na sua maioria, ter recusado Jesus e a sua mensagem, chegando mesmo a pedir a sua crucificação, sendo que, com o Messias, toda a história de Israel devia ter chegado ao seu ponto alto, à sua coroação final, é um problema trágico da história evangélica. De fato, Jesus evitou sempre apresentar-se como Messias. Só no final, quando entra triunfalmente em Jerusalém, se manifesta como tal (Mc 11,1-10). O mesmo acontece diante do Sinédrio, quando responde à pergunta do Sumo Sacerdote: “És Tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?” (Mc 14,61-62), confessando abertamente o seu messianismo, o que levará os seus acusadores a condená-lo à morte. A ordem de manter o silêncio é extensiva aos discípulos (Mc 8,30), depois de Pedro confessar que Ele é o Messias e depois da transfiguração (Mc 9,9).

Esta atitude de Jesus encontra a sua justificação nas concepções de Messias que ao tempo existiam. A expectativa messiânica era vivida com grande tensão, por causa da opressão exercida pelos romanos. Aliás, o judaísmo era bastante plural no que se refere a esta matéria. Cada grupo tinha as suas ideias acerca do Messias. Os fariseus esperavam um Messias diferente do dos sacerdotes, ou dos essênios, por exemplo. Todavia, a grande maioria esperava um Messias que viria libertar Israel do domínio estrangeiro e restaurar o reino de David. As expectativas dos discípulos de Jesus não eram diferentes das da maioria dos seus compatriotas (Mc 10,35-45). Estava absolutamente fora de cogitação a ideia de um Messias que haveria de sofrer e morrer pelos pecados do povo. A expectativa reinante era a de um Messias político,

capaz de libertar o seu povo do jugo da potência estrangeira, uma figura puramente humana (FUSCO,1990).

Paulo, impregnado na tradição bíblica e submerso no mundo grego, centra-se decididamente no acontecimento da morte-ressurreição de Cristo. Nele, a experiência pessoal da conversão e a força da vivência cristã – “é Cristo quem vive em mim” (Gl 2,20) – mantêm vivo o caráter concreto e atuante da palavra. Contudo, recorre a um esquema sapiencial e apocalíptico: evangelho e mistério se transformam em conceito-chave. A revelação, universalidade em seu destino que agora inclui também os pagãos, faz-se Palavra na Escritura e pregação do Apóstolo.

Com uma reflexão mais tardia, João, mais acentuadamente que Paulo, vê no cristianismo uma religião revelada (QUEIRUGA, 2010). Como foi dito, João com audácia especulativa, identifica Jesus com a própria Palavra (*Logos*): ele é por inteiro revelação e palavra. Palavra que ainda é carne viva e concreta, “que vimos com nossos olhos, que contemplamos, e que nossas mãos apalpamos” (1Jo 1,1); mas que, afinal, também precisa chegar-nos por meio de palavras e que por palavras nos entrega sua revelação:

Manifestei o teu nome àqueles que do mundo me deste. Eram teus e os destes a mim e eles guardaram a tua palavra. Agora reconheceram que tudo quanto me deste vem de ti, porque as palavras que me deste eu as dei a eles, e eles as acolheram (Jo 17,6-8a).

É importante ressaltar que já no período neotestamentário os próprios escritos apostólicos vão constituindo-se em *corpus*, nascendo daí a clara consciência de que também eles são Escrituras Sagradas, de que sua palavra é revelada. Cria-se, assim, uma situação que terá duas consequências fundamentais: a revelação é concebida como um “depósito” de verdade que se deve conservar e transmitir fielmente; assim aparece nas Epístolas Pastorais: “guarda o depósito!” (1Tm 6,20), “guarda o precioso depósito!” (2Tm 1,14), “o que de mim ouviste na presença de muitas testemunhas, confia-o a homens de confiança, que sejam idôneos para ensiná-lo a outros” (2Tm 2,2). A revelação – vista por detrás quase exclusivamente enquanto Escritura Sagrada – aparece como palavra inspirada, que vem de Deus e vai-se revestindo de qualidades divinas. São bem conhecidos os dois textos clássicos: “toda escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça” (2Tm 3,16); “antes de mais nada, sabeis isto: que nenhuma profecia da Escritura resulta de uma interpretação particular, pois que nenhuma profecia veio por vontade humana,

mas de homens, impelidos pelo Espírito Santo, que falaram da parte de Deus” (2Pd 1,20-21).

Desta forma, num ritmo mais rápido e numa escala diferente, repete-se o processo geral do Antigo Testamento: o curso vivo da revelação, chegado à sua maturidade, é conceitualizado em forma de Palavra de Deus, que, ademais, aparece como escrita e, por isto mesmo, fixa e sublimada em sua sacralidade. Ainda que uma vez mais devemos recordar que essa constatação não tenciona refletir aqui toda a experiência da revelação no Novo testamento – a não ser aquele aspecto de sua compreensão que leva à “verbalização”. Desse ponto de vista, a conclusão torna-se clara: tudo está preparado para que, com o afastamento da experiência viva, a tendência se acentue e vá mostrando suas consequências unilaterais.

Deus revelou-se plenamente, enviando seu próprio Filho, com o qual estabeleceu sua Aliança para sempre. O Filho é a Palavra definitiva do Pai, de modo que, depois dele, não haverá outra revelação. Pela encarnação, Cristo revestiu-se da semelhança daqueles que, depois, iriam receber sua mensagem. Anunciava do meio do povo, conhecia sua história, seus desafios e esperança. Jesus não só conhecia o seu povo, mas especialmente vivia como alguém do povo. Era sua maneira mais simples de estar com os pecadores, de escutar os pedidos dos leprosos, do cego de Jericó, da mulher que sofria do fluxo de sangue. Discutia com os fariseus e doutores da lei para levá-los à reflexão sobre a importância da misericórdia e não do legalismo que gerava exclusão e sofrimento no povo, visto que “as coisas escondidas pertencem a lahweh Nosso Deus; as coisas reveladas, porém, pertencem a nós e a nossos filhos, para sempre, para que ponhamos em prática todas as palavras desta Lei” (Dt 29,28-29).

Com efeito, Deus na sua grande misericórdia, confiou toda a sua revelação ao seu Filho Jesus Cristo, enviado por meio dos homens para trazer a Boa Nova a todas as criaturas. Jesus Cristo, por sua vez, confiou a sua revelação aos Apóstolos, e estes transmitiram-na a todas as gerações, até a volta gloriosa de Cristo. “Graças ao sentido sobrenatural da fé, o Povo de Deus inteiro não cessa de acolher o dom da Revelação divina, de nele penetrar mais profundamente e viver dele mais plenamente” (CAT 99). Quanto à responsabilidade de interpretar de modo fidedigno a Palavra de Deus, esta foi confiada “unicamente ao Magistério da Igreja, ao Papa e aos Bispos em comunhão com ele” (CAT 100).

De fato, tudo isso torna claro que Deus está realmente presente em todos os seres humanos, “que em sua experiência religiosa, captam sua presença como revelação ativa e salvador; entre eles há um povo, o de Israel, que vive e expressa de um modo específico essa revelação, iniciando assim a história santa que aparece recolhida na Bíblia” (QUEIRUGA, 2010, p. 175). Israel dizia assim sua verdade, reconhecia-se em sua fé, recuperava seu passado e iluminava seu presente. Porém, a experiência corria o risco de ser bloqueada em seu surgir genuíno.

A realidade conjunta da Revelação divina, como verdade e como vida, implica que o objeto da transmissão não seja somente um ensinamento, mas também um estilo de vida: doutrina e exemplo são inseparáveis. O que se transmite é, efetivamente, uma experiência viva, a do encontro com Cristo ressuscitado e o que este evento significou e continua a significar para a vida de cada um. Por este motivo, ao falar da transmissão da Revelação, a Igreja fala de *fides et mores*, fé e costumes, doutrina e conduta.

Finalmente, chega Jesus, plenitude da Revelação. A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, no seu número 4, começa citando a carta aos Hebreus, dizendo: “Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho (Hb.1,1-2)”. De fato, Deus falou definitivamente em Jesus Cristo, que é a palavra viva e concreta de Deus. Tudo o que se pode falar sobre o projeto de Deus – criação, revelação e redenção - encontra sua expressão definitiva em Jesus Cristo, o Verbo Eterno. Ele é igual ao Pai em tudo.

Jesus Cristo, portanto, é a Revelação definitiva. Ele é a nova e eterna aliança. O texto refere-se ao tema da consciência de Jesus, fala dos testemunhos sobre Jesus e apresenta Jesus como o centro vivo e pleno da revelação. A teologia clássica trabalhou com um esquema vertical e, no fundo – como tantas vezes assinalou Karl Rahner – “monofisista²” (QUEIRUGA, 2010). Jesus chegou à terra sabendo já de tudo, e sua missão consistiu em ir revelando-nos isto aos poucos. Era este o significado da conhecida tripartição da ciência de Cristo: beatifica, infusa e experimental. Desta, à última correspondia unicamente as coisas práticas da vida sem relevância reveladora, e às duas primeiras todo o propriamente revelador. Porém, a ciência infusa e a beatifica eram, por definição, algo dado e perfeito, que a

² Doutrina que refutava a definição ortodoxa da Igreja de que Jesus Cristo tinha naturezas completas, a humana e a divina.

humanidade de Jesus recebia passivamente. Por isso, tudo era claro para ele, sem sombra de dúvida, erro ou ignorância (QUEIRUGA, 2010).

Não é que hoje a teologia já tenha tudo totalmente claro, mas compreende irreversivelmente que a divindade de Jesus realiza-se em sua autêntica humanidade, não fora dela ou apesar dela. A mesma pessoa que “crescia em estatura”, passando de criança que não sabia andar nem se alimentar por si mesmo, o jovem e o adulto capaz de trabalhar e de percorrer seu país, também “crescia em sabedoria e em graça” (Lc 2,25). Com efeito,

[...] de alguém que não sabia sequer falar, este menino passou pelas descobertas da infância, pelos ideais ardentes da adolescência, pela fase de busca que é a juventude, até atingir à entrega da maturidade. Sua união com o Pai, única e inefável, foi sendo descoberta em sua consciência e manifestando-se em sua missão por meio de um processo autenticamente humano (QUEIRUGA, 2010, p. 72).

A oração pessoal, como também a educação familiar, a aprendizagem da Escritura, o discipulado junto ao Batista (muito provavelmente, antes com outros mestres ou escolas), as encruzilhadas da vida e os contratempos da missão foram mediando o avanço de sua tomada de consciência (QUEIRUGA, 2010).

Encontramos Jesus em momentos de alegria, como nas Bodas de Caná da Galileia (Jo 2,1-11), na entrada triunfal em Jerusalém e na celebração da Páscoa. Jesus é um ser humano inserido no meio do povo e isto lhe garante a palavra sábia que gera força e esperança. Fala em sintonia com as mazelas da população sofrida. A formação de Jesus como pregador acontece na escola da observação, da escuta e participação da vida dos marginalizados, e isto lhe permite trazer à Palavra uma reflexão concreta, cheia de boas notícias. O Cristo pregador saiu da mão do povo e de suas carências.

Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou no passado aos nossos pais através dos profetas. Nesta etapa final, ele nos falou por meio de um Filho. Deus fez dele o herdeiro de tudo, e por meio dele também criou o universo (Hb 1,1-2).

Não haverá outra revelação, a economia cristã, portanto, como Aliança nova e definitiva, jamais passará, e já não há que se esperar nenhuma nova revelação pública antes da gloriosa manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Todavia, embora a revelação esteja terminada, não está explicitada por completo. Cabe à fé cristã captar

gradualmente, ao longo dos séculos, todo o seu alcance. No decurso dos séculos, houve revelações denominadas privadas, alguma delas reconhecidas pela autoridade da Igreja. Elas não pertencem, contudo, ao depósito da fé. A função delas não é “melhorar” nem “completar” a revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a viver dela, com mais plenitude, em determinada época da história (CAT 66-67). Guiado pelo Magistério da Igreja, o senso dos fiéis sabe discernir e acolher o que nessas revelações constitui um apelo autêntico de Cristo ou de seus santos à Igreja.

Jesus liberta a religião de seu povo do formalismo ritual, ensina que é piedoso não aquele que só cumpre as tradições e preceitos de orações e sacrifícios, mas, sobretudo, aquele que ama e perdoa. “O que eu quero é misericórdia e não sacrifício” (Mt 9,13). Desta forma, Jesus “interioriza” a salvação, mostra que esta passa, em primeiro lugar, pelas atitudes livremente assumidas e não pelos simples cumprimentos do ritual.

Os ritos exteriores devem encontrar sentido em algo mais profundo que a simples execução de normas. Eles devem encontrar espírito e força no coração, nas atitudes de amor e perdão. A observância pura e simples de normas conduz ao domínio das consciências, retira das pessoas toda forma de “piedade” diante do sofrimento e ajuda às pessoas. Nesse sentido, Jesus vem dar um novo sentido aos ritos.

Neste sentido, Jesus preocupa-se em purificar a religião de elementos opressores e escravizantes. No lugar de dominar as consciências por preceitos e regras exteriores, Jesus vem dar a vida de fé um novo sentido, vem ampliar o conceito de religião mediante o horizonte da misericórdia. Muitas vezes, encontramos no Evangelho um Jesus alheio a normas elementares do judaísmo. Ele cura no sábado; seus discípulos comem sem purificar as mãos; Jesus vai à casa de um pecador público; propõe um novo rito na Santa Ceia. O objetivo de tudo isto é dar à religião um sentido mais humano, verdadeiro, criativo e, sobretudo, permitir que a ação do Espírito Santo de Deus haja na vida das pessoas.

Jesus denuncia tudo o que é contra a dignidade e os direitos do ser humano: o ódio, a calúnia, a injustiça, a discriminação de pessoas, por razões de etnias, gênero e religiões. A denúncia de Jesus é contra o respeito, as ideologias que desprezam a pessoa humana. Em outros termos, denuncia o pecado, mas perdoa o pecador, dando-lhe sempre oportunidade de recomeçar.

Também Jesus precisou interrogar-se e interrogar o Pai. Ele precisou buscar na fidelidade os verdadeiros contornos de sua missão. Temas como os do anúncio do fim indicam que nem sequer há razão para excluir “o erro humano”, isto é, aquele que se refere ao modo da representação concreta e temporal de uma doutrina, não a sua realidade e significado salvífico. Neste sentido, superadas as primeiras resistências, a teologia pode até chegar à afirmação de que “é melhor” assim, pois hoje percebemos que nisso não uma negação da divindade de Cristo, senão sua afirmação através de uma humanidade viva, real e autenticamente apropriada.

2.3 JESUS, PREGADOR E OUVINTE

Especialmente, o quarto Evangelho apresenta-nos Jesus falando das coisas do Reino de forma dialógica. Como exemplos significativos, podemos mencionar sua atuação nas Bodas de Caná da Galileia (Jo 2,1-12); suas respostas aos questionamentos de Nicodemos (Jo 3,1ss) e às objeções da Samaritana (Jo 4,1ss); a cura do parálítico na piscina (Jo 5,1ss); a cura do cego de nascença (Jo 9,1ss). Jesus fala com os pecadores, com os fariseus, com os soldados, com os demônios, aleijados, ricos e pobres. Ao longo das suas conversas, Jesus vai apontando as novas realidades do Reino, sua presença no mundo, a importância da fé e a necessidade de mudar de vida.

Pelo diálogo, Jesus leva seus interlocutores a uma visão mais crítica da própria realidade, transforma-os de pessoas passivas a receptores ativos. Jesus apresenta-se como aquele que sabe escutar os problemas dos seus interlocutores, conduzindo-os a uma visão mais ampla da vida e envolve as pessoas na construção do Reino. Em cada pergunta, Ele responde, de forma nova e mais crítica, a questão que lhe é colocada, provoca a reflexão, atinge as consciências e desperta uma tomada de posição no interlocutor.

O caminho da pregação, pautado na liberdade, deve ser o mesmo para os seus seguidores e diante de toda espécie de perseguição: “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos odeia” (Jo 15,18-19). A missão profética exige liberdade e confiança, condições indispensáveis para aqueles que desejam seguir o mestre. A pregação não pode trilhar os caminhos dos interesses egoístas e escusos, não pode

ter como critério a “bajulação” dos detentores do poder. Ela deve seguir a trilha do Senhor, sem “conchavos” e “agrados” humanos. A fidelidade ao Senhor e a seu projeto devem trazer força, audácia e valentia ao pregador.

Jesus, nas atitudes e palavras dirigidas aos homens individualmente, busca a universalidade de seus destinatários. Ele se mostra capaz de unir a universalidade a interpretação personalíssima. A saber, apesar de sua vida transcorrer na Palestina, ele ultrapassa os condicionamentos particulares de sua cultura e, dirigindo-se ao próprio povo, fala também aos povos de todos os tempos. Quando se dirige a Nicodemos (Jo 3,1-21), mostrando-lhe a necessidade de “nascer de novo”, fala a todo ser humano, aconselhando-o a um nascimento permanente no Espírito.

Apesar de sua mensagem ter um caráter universal, Jesus tem como destinatários preferencialmente os pobres, os marginalizados. São eles que decodificam historicamente sua mensagem, porque a eles, através do Filho, o Pai dirige a Boa Nova das bem-aventuranças. Aqui se encontra a chave mais profunda do Evangelho: o Pai, por meio de Jesus, vai ao encontro dos excluídos, dos pobres, dos pacíficos, dos que choram, dos mansos, dos que têm fome e sede de justiça, dos misericordiosos, dos perseguidos e caluniados por causa de seu nome, enfim, dos menores de seus filhos (Mt 5,3-11).

E não é só isso, Jesus identifica-se com a sorte dos pobres, nascendo como um deles, no meio da pobreza. É importante salientar que esta forma de nascimento dá maior “autoridade” à Palavra de Jesus. A Palavra de um pobre dirigida a outro pobre. Assim, a Palavra de Jesus vem carregada de sua experiência terrena e não apenas de sua sabedoria divina. A pregação não pode trair os princípios da predileção pelos pobres e da necessidade de partir de dentro da experiência sofrida do ser humano. A pregação deve levar para dentro do cotidiano sofrido a semente de esperança. Mas, para que isto aconteça, o pregador deve estar em sintonia com o interlocutor privilegiado do Evangelho. Uma vida pautada no despojamento e em contato direto com o sofrimento traz segurança e clareza na apresentação da Boa Nova.

Jesus não usa só a palavra para anunciar a Palavra. Ele transmite sua mensagem tanto pelas palavras, quanto pela totalidade de sua vida inteira. Jesus é o Evangelho vivo, é inteiramente Palavra de Deus. As suas palavras, seus gestos, as lágrimas, suas caminhadas ou pescaria, tudo é sinal vivo de Deus. Chama a atenção de todos para todos os sinais que faz. A partilha do pão, misturar saliva com terra, o

deixar-se banhar de lágrimas pela pecadora, comer com os pecadores, transformar a água em vinho, tudo isso são algumas das tantas formas que descrevem o Evangelho vivo de Jesus Cristo, tudo isto é inseparável da sua pessoa e de sua mensagem.

Jesus preocupa-se com a meta principal da comunicação que é produzir a comunhão entre as pessoas e com Deus. O caminho de Emaús (Lc 24,13-35), mostra-nos a pregação de Jesus transformando o coração dos discípulos, ajudando-os a compreender a história de sua vida, para que tivessem motivos para retornar à comunidade dos discípulos que permaneceram em Jerusalém. Sua Palavra não acentua a distância entre Emaús e Jerusalém. O que procura é renovar a motivação dos caminhantes para assumirem a missão, juntamente com os demais discípulos. Sua comunicação é “espírito de vida” (Jo 6,63) e alcança sua culminância na Eucaristia, onde se doa totalmente, como Palavra e como pão vivo descido do céu.

Jesus convidou os irmãos Simão e André, Tiago e João para tornarem-se pescadores de homens (Mt 4,18-22). Eles o seguiram e transformaram suas vidas, Jesus deu a Simão o nome de Pedro (Jo 1,42-42) e o encarregou de cuidar da sua Igreja: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21,15-19). Jesus também livrou da morte por apedrejamento a mulher adúltera: “Vai e não tornes a pecar” (Jo 8,1-11). Inúmeros outros exemplos de mudança de vida podem ser apontados no Evangelho.

A mudança de vida aparece de maneira específica no dia de Pentecostes. De homens medrosos, os discípulos passaram a ser apóstolos e missionários destemidos (At 2). A homilia deve apresentar argumentos e motivação para que o ouvinte acredite na força da Palavra em seu coração como provocadora de mudanças pela ação do Espírito Santo. No decorrer da história, vamos percebendo a ação da Revelação de Deus através de seu Filho, que manda no dia de Pentecostes o Espírito revelador, incentivando aqueles homens que estavam trancados e com medo. Dando força e coragem para anunciarem a palavra e os ensinamentos de Jesus.

Jesus, ao se dirigir às pessoas, utiliza o vocabulário coerente e cria parábolas a partir das experiências do dia a dia: a cultura da vinha, a pescaria, a agricultura, o trabalho da dona de casa, a construção, dentre outras. Fala também, das alegrias e preocupações de um pai de família. Jesus falava de um jeito simples, que Ele sabia que fala para um povo humilde, sofrido pelas perseguições dos seus opressores e pela dureza das suas leis.

Jesus não deixava de se dirigir às crianças com afeto e carinho, apresentando-as como modelos para os adultos e solicitando que estes se tornassem crianças para

entrar no Reino dos Céus. Usa os sinais da água, do pão, do fogo, do vento, do pastor, da ovelha, da pérola e do campo. Desta forma, Jesus obtém o contato com seus interlocutores, pois sua maneira de falar não é estranha a dos ouvintes. Jesus fala ao povo, aos sacerdotes, aos fariseus e aos doutores da lei, com muita sabedoria.

Além das histórias e fatos que fazem parte do cotidiano, Jesus faz memória dos personagens do Antigo Testamento, como Abraão, Jonas, Elias e Moisés. Atualiza narrativas bíblicas e aquelas que se aplicam a sua pessoa, como é o caso de sua pregação em Nazaré: “Hoje se cumpre esta Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4,21).

De um lado, Jesus tem a preocupação de formar as lideranças em pequenos grupos, a fim de habilitar pessoas que possam continuar sua missão (Mt 13,10-23). Este é o caso do grupo dos doze e de um número de discípulos, que foram enviados de dois a dois. Por outro lado, Jesus dirige-se às multidões, levando sempre uma palavra de esperança, mudança de vida, conforto e confiança no Pai. Sua Palavra atrai as massas, não só pelo conteúdo da sua pregação, mas porque Ele tinha por elas compaixão, o que confirma que suas Palavras não eram vazias, mas carregadas do testemunho de sua vida (Mt 14,14). Jesus orienta seus ouvintes sobre a melhor forma de orar: “Quando orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de rezar em pé nas sinagogas e esquinas das ruas, para serem vistos pelas pessoas. Eu lhes garanto: Já receberam a própria recompensa” (Mt 6,5).

Convém ressaltar que a oração está impregnada da experiência diária, dos desafios de cada dia e da busca incessante do rosto do Pai. Jesus dedica longas horas de seu ministério para, por meio da oração, encontrar as forças para cumprir a vontade do Pai que o enviou. Antes de ser preso, aparece no Horto das Oliveiras, orando numa profunda intimidade com o Pai em busca do sentido de sua morte na cruz e de forças para suportá-la. Ele “subiu ao monte a fim de orar” (Mt 14,23). “Assentai-vos, eu vou ali orar” (Mt 26,36). “Vigiai e orai” (Mt 26,41). “Foi orar pela terceira vez” (Mt 26,44).

A história acontece em Jesus Cristo, Filho de Deus no Espírito Santo, que estava junto do Pai desde toda a eternidade e que foi enviado à humanidade como Revelador e Salvador. Deus sai de si na pessoa do Filho, cuja morte e ressurreição representam o ápice da revelação. Em Jesus, que, uma vez ressuscitado, envia, junto do Pai, o Espírito Santo, para configurar os homens e as mulheres a Ele, fazendo-os participar de sua própria filiação divina.

O que Jesus é por natureza, os homens tornam-se por graça: Filhos de Deus, Filhos no Filho, portanto, irmãos uns dos outros. Assim, cumpre-se o Reino de Deus que Jesus anunciou como profeta. Sua mensagem é clara: Nele, por sua morte e ressurreição, todos se tornaram verdadeiros irmãos e devem viver em solidariedade ilimitada e desinteressada. Depois de Jesus, sabemos que o amor é real.

Quando nós amamos, realizamos o que Deus é em si mesmo, segundo o que manifestou em seu Filho: amor incondicional. “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (Jo 14,6). A realidade finca nele suas raízes. Amar desinteressadamente Deus e os irmãos resume o destino último do ser humano. As primeiras palavras públicas de Jesus no Evangelho de Lucas (2,49) são uma demonstração disso:

Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor’ (Lc, 4,17-19).

O anúncio de Jesus é uma anunciação “encarnada”, que passa pelo seu corpo e envolve o corpo das pessoas, sob a forma de unção, libertação e cura. Com isso, nasce também uma teologia concreta, prática, acessível, e não uma “teorização” hermética sobre um Deus distante. São Paulo, na Carta aos (Hb 2,14), afirma que: “uma vez que os filhos têm todos em comum a carne e o sangue, Jesus também assumiu uma carne como a deles. Assim pôde, por sua própria morte, tirar o poder do diabo, que reina por meio da morte”. Por isso, teve que ser semelhante em tudo a seus irmãos (Hb 2,4). Jesus não falava para os “anjos” lá em cima, mas para os “descendentes de Abraão” daqui de baixo, ou seja, para todos nós, “seus irmãos”. Em Jesus, a “boa nova” é algo palpável, sensível, experimentável (Hb 2,16-17).

E isso era bem acolhido e reconhecido pelas pessoas em geral, como apontam outros registros dos Evangelhos. De acordo com Mateus, logo após o sermão da montanha, “as multidões ficaram admiradas com o seu ensinamento, porque Jesus ensinava como alguém que tem autoridade, e não como os doutores da Lei” (Mt 7,28-29). Por isso, Jesus era chamado de “mestre” (rabi), porque ensinava com a própria vida, com seus gestos e ações.

Para o Papa Francisco, a comunicação da fé implica também um caminho de diálogo. E o diálogo é muito mais do que comunicação de uma verdade. Realiza-se

pelo prazer de falar e pelo bem concreto que se comunica através das palavras entre aqueles que se amam. É um bem que não consiste em coisas, mas nas próprias pessoas que mutuamente se dão ao diálogo”. Trata-se de uma “comunicação entre os corações” (EG 142).

Daí a importância do diálogo cultural que, na perspectiva da comunicação da fé, pode ser entendido como inculturação. Mas não apenas no sentido de evangelizar as culturas. O Papa Francisco inverte essa noção, convidando a Igreja a se deixar evangelizar pelas culturas. Pela inculturação, diz o Papa, “a Igreja introduz os povos em suas culturas na sua própria comunidade, porque ‘cada cultura oferece formas e valores positivos que podem enriquecer o modo como o Evangelho é pregado, compreendido e vivido’” (EG 116).

Neste sentido, todos somos chamados a crescer como evangelizadores, a testemunhar nosso amor pelo Evangelho, a encontrar o modo de comunicar Jesus que corresponda à situação em que vivemos (EG 121). O Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diferentes carismas (EG 130). A Igreja comprometida na evangelização, aprecia e encoraja a pregação da mensagem evangélica e o uso dos métodos e dos meios digitais e sociais para a mesma evangelização.

2.4 A COMUNICAÇÃO DA FÉ. POR UMA ECOLOGIA COMUNICACIONAL

O documento 99 da CNBB: Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, em seu número 134 afirma que: “A comunidade eclesial, a exemplo dos primeiros cristãos, que viviam a proposta do Reino em suas práticas cotidianas, é o lugar por excelência da experiência comunitária”. Todavia, em tempos de pandemia, de isolamento social, não habitamos mais o mesmo modelo de casa dos primeiros séculos. Nossas casas são espaços aumentados, expandidos, conectados graças à evolução tecnológica. Essas se tornaram verdadeiras “Igrejas domésticas” que se conectam entre si, unindo pessoas, famílias, grupos e comunidades em encontros de oração, reflexão e formação pela internet.

Além disso, o fenômeno digital abriu as casas do mundo, possibilitando às pessoas comunicarem-se umas com as outras, inclusive a viver uma nova eclesialidade, ressignificada pelo fechamento dos templos e pela conectividade das redes. Esta situação problematizou não só a compreensão da fé, mas também a sua própria experiência. Este processo, todavia, tem levado a uma virtualização da fé. Os fiéis, impossibilitados de participar da experiência religiosa real, recorrem a uma fé virtual, com grandes perdas principalmente a do contato humano. Certamente este fenômeno tem incidências sobre os aspectos teológicos e pastorais em relação a Igreja e a sociedade contemporânea, marcada por um processo de digitalização e conectividade.

Nas redes sociodigitais, há muitos sentidos religiosos em circulação; há um deslocamento das práticas de fé das mídias digitais para o ambiente *online*, que, segundo Sbardelotto (2016, p. 2):

vem complexificando o fenômeno religioso e as processualidades comunicacionais. Dessa forma, as pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nos templos de pedra, nos sacerdotes de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits e pixels da internet. Formam-se, assim, novas modalidades de percepção e de expressão do sagrado em novos ambientes de culto.

Conforme Sbardelotto (2016), essa era uma das facetas de uma sociedade em midiatização em 2012, pois a internet passava a ser também uma ambiência social e discursiva de vivência, prática e experiência da fé. Isto é, as mídias, não se apresentavam apenas como uma extensão dos seres humanos, mas também o ambiente no qual tudo se movia, inclusive a religião: um novo “bios religioso”.

Diante disso tudo, o primeiro passo é resgatar o sentido comunicacional da própria fé. Para isso, propomos a reflexão de alguns pontos da primeira encíclica intitulada “A luz da fé” (*Lumen fidei*, 2013), na qual o Papa Francisco apresenta a fé como um encontro: “A fé nasce no encontro com o Deus vivo” (LF 4). Mas, a fé só é possível porque é um encontro com um Deus que *sai ao nosso encontro*, “que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede” (LF 4). Segundo Francisco, “a fé cristã [...] é fé num Deus que se fez tão próximo que entrou na nossa história [...] no Filho de Deus feito ser humano em Jesus de Nazaré” (LF 18).

De tal modo, esse encontro com Deus *leva-nos a sair ao encontro dos outros*. A fé “nos leva a ultrapassar o nosso ‘eu’ isolado, abrindo-o à amplitude da comunhão”

(LF 4). A fé “abre o indivíduo cristão a todas as pessoas” e, portanto, não é um “fato privado, uma concepção individualista, uma opinião subjetiva, mas nasce de uma escuta e destina-se a ser pronunciada e a tornar-se anúncio” (LF 22).

Por isso, “a fé tem uma forma necessariamente eclesial”, que parte “do corpo de Cristo como comunhão concreta dos fiéis”. Assim, a experiência da fé só é possível pela comunicação: é a relação entre o sagrado, que sai ao encontro do ser humano; este que o escuta e o experimenta; e um “outro”, a quem se narra e se anuncia essa experiência. A “palavra escutada” se converte, então, em “palavra anunciada”. A comunicação divino-humana gera comunhão, que constrói comunidade. Nesse sentido, comunicação, comunhão e comunidade formam um “movimento” de experiência da fé cristã.

A partir do exposto, compreende-se que a experiência de fé sempre ocorre de forma mediada. Como afirma o evangelista Jo 1,18: “ninguém jamais viu a Deus; o Filho [...] foi quem o deu a conhecer”. Jesus, com o seu corpo, os seus gestos, os seus discursos, a sua história e a sua cultura revelam-nos o rosto de Deus. Ao longo da história humana, há uma série de manifestações da experiência de fé que são técnicas e tecnológicas. Os gestos, os símbolos, a fala, a linguagem, a música, a escrita, a imagem, o digital: é mediante essa “complexa ecologia comunicacional”, na qual “tudo está estreitamente interligado” (LS 16), que a experiência de fé se torna possível. Isso porque o ser humano não é apenas religioso, mas também tecnológico, ou seja, essa articulação entre a dimensão religiosa e a dimensão tecnológica é constitutiva da humanidade. O Papa emérito Bento XVI, afirma: a técnica é “um dado profundamente humano, ligado à autonomia e à liberdade do ser humano” (CV 69). Portanto, é por meio dela que “a pessoa realiza a própria humanidade” (NODARI; CALGARO; SÍVERES, 2017, p. 15), que envolve também a sua experiência religiosa.

Nesse sentido, afirmamos que em tempo de pandemia tem-se verificado o aumento de comunidades religiosas *online*, novas formas de encontro e de relação, inclusive com o sagrado. Isso transforma a própria experiência e vivência de fé. As tecnologias digitais mudaram os comportamentos individuais e coletivos. Não mudaram somente o dinamismo diante dos fatos; elas mudaram os conceitos e, em alguns casos, os paradigmas.

Para avançar nessa reflexão, é fundamental, compreender a ideia de comunidade quando essa possa carregar consigo conotações emotivas. No sentido virtual,

a comunidade, não é mais formada por um 'conjunto de pessoas geograficamente situadas e organizadas em estruturas de relações familiares, de bairro, de grupos e de agremiações, sendo sustentada socialmente por vínculos afetivos e sentimento de pertença. Nesse ecossistema comunicativo, todos são agentes da comunicação' (CNBB 99, 131).

Uma comunidade virtual é constituída por um estado de espírito, um sentimento de comunidade que se estabelece mediante meios de comunicação, é organizado em torno de interesses compartilhados. Ao ingressar em uma comunidade *online*, o usuário escolhe integrar no ciberespaço, o faz porque se identifica com as práticas daquele grupo, dentro de seus hábitos e diferenciações dos demais. Segundo Ramos & Patriota (2018), o ingressante na comunidade *online* passa por diferentes etapas, sendo elas: a identificação; a interação; e a presença. Estas etapas levam à construção do pertencimento nas comunidades religiosas no ciberespaço.

Entretanto, é preciso ter presente que “o ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana. [...] estas redes podem também abrir as portas a outras dimensões da fé” (BENTO XVI, 24 jan 2013). O Papa Francisco, ao pedir uma “Igreja em saída”, também esclarece que “entre estas estradas estão também as digitais, congestionadas de humanidade”. Na Mensagem do Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2014, ele disse que: “A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas” (FRANCISCO, 24 jan. 2014).

Sbardelotto (2020), no seu livro *Comunicar a Fé. Por quê? Para quê? Com Quem?* partindo da premissa que o ser humano é um ser comunicacional entende que neste período histórico comunicar é uma tarefa repleta de possibilidades e desafios, uma vez que “os processos de comunicação são os mais diversos e interagem entre si de modo cada vez mais complexo” (SBARDELOTTO, 2020, p. 11).

Daí a relevância da reflexão proposta pelo autor, acompanhada de algumas provocações: qual o papel da Igreja e de cada cristão e de cada cristã e em meio a tanta conectividade porque as pessoas não são mais felizes e realizadas em seus vínculos; porque as sociedades não se mantêm mais coesas e harmônicas; e porque o mundo não se torna mais solidário e pacífico. Então, a pergunta: Como reanimar nas pessoas a alegria de viver e conviver?

O autor propõe “a fé cristã, fé na vida, fé em alguém, fé que se comunga e se comunica” (SBARDELOTTO, 2020, p. 12). Dentre tantas reflexões particular

relevância merece a alusão feita na *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco pelo seu estilo evangelizador para a comunicação da fé hoje, que traz a marca da alegria pela presença de Deus junto do seu povo e da liberdade, da diversidade, da pluralidade e da multiplicidade dos fiéis que se deixam conduzir pelo Espírito Santo e nele encontram a unidade, sem particularismos e exclusivismos (SBARDELOTTO, 2020, p. 69-82).

A Carta Encíclica *Laudato Si'* propõe desafios e possibilidades para uma ecologia comunicacional. Para Francisco, a comunicação envolve três diferentes níveis: antropológico, ecológico e cosmológico. A ecologia comunicacional favorece uma experiência humana mais consciente e crítica, que não simplifica os problemas em dicotomias empobrecedoras. Reconhecer o lado técnico (dos elementos não humanos) e social (dos “outros” humanos) de toda comunicação é favorecer a construção de relações mais saudáveis, na consciência de que tudo está interligado (SBARDELOTTO, 2020, p. 83-93).

Por fim, Francisco, na sua primeira mensagem para o dia Mundial das Comunicações Sociais de 2014, convida a viver a comunicação como proximidade. A construção de uma autêntica cultura do encontro passa pela proximidade, pelo diálogo e pela ternura. Desta forma, os comunicadores são convidados a serem samaritanos comunicacionais, superando a intolerância com a proximidade. O ambiente de comunicação pode ajudar-nos a crescer, mas isto requer tempo e capacidade de fazer silêncio para escutar. “Comunicar significa tomar consciência de que somos humanos, filhos de Deus. Apraz-me definir este poder da comunicação como ‘proximidade’” (FRANCISCO, 24 jan. 2014).

3 A COMUNICAÇÃO NOS DOCUMENTOS DA IGREJA

A Teologia, como função do reino de Deus no mundo, desenvolve-se na esfera pública como Teologia Pública. A relação entre Comunicação e Teologia embora descrita nos documentos ainda não está totalmente esclarecida no pensamento da Igreja. Apesar de os documentos oficiais da Igreja Católica falarem da comunicação, muitas vezes seu ponto de partida não é a realidade, mas, sim, a doutrina, isto é, a Trindade, o Pai, Jesus Cristo (visto como o comunicador perfeito).

Depois vêm as aplicações práticas e as incidências na vida das pessoas. Este é o exemplo, do documento de Santo Domingo (1992) quando, na parte que fala da comunicação social e cultura (ponto 3.5), primeiro faz uma “Iluminação Teológica” (SD 279), depois reflete sobre os desafios pastorais (SD 280) e, por fim, das linhas pastorais (SD 281-286). Paradoxalmente, o documento *Aetatis Novae* (AN), rompeu com esta tendência, partindo da realidade das comunicações sociais.

Considerando esses aspectos aprofundamos neste capítulo a relação entre Comunicação e Teologia, em lugar de Teologia da Comunicação. Na História da Teologia, pode-se encontrar importantes elementos orientados à essa temática. O estudo da comunicação em sua relação com a Teologia evidencia-se pelo desenvolvimento da “ciência da comunicação” no mundo contemporâneo.

Grande contribuição para seu desenvolvimento foram os postulados da *Teologia da Libertação* que abriu o debate sobre as relações entre a Igreja e a Sociedade, de maneira contundente, utilizando subsídios provenientes das ciências sociais, desembocando no que se conhece por “*opção preferencial pelos pobres*” (MEDELLIN, 1968).

A partir dessa visão, compreende-se que a comunicação não pode ser estudada fora desse contexto e que se sujeita, também, ao mecanismo dos interesses públicos que dominam a sociedade. É fundamental considerar que a Teologia não parte de ideias, mas da experiência histórica do povo de Israel e da comunidade cristã primitiva. O povo rompe a comunicação. Deus torna a oferecer a comunicação. A comunicação de Deus não é uma palavra vazia, mas precha de significados e criadora de vida. É gesto, é ação.

Assim sendo, a Igreja percorre os caminhos do mundo pela comunicação em cada contexto histórico, social, político, econômico e cultural. Da comunicação analógica à digital, nos contatos presenciais e a distância, em sua missão de

evangelizar, ela compreende que não é possível evangelizar sem marcar presença onde as pessoas se encontram: na família, na pequena comunidade, nas metrópoles; através dos meios que a tecnologia oferece.

Desse modo, ao se examinar a história da comunicação na Igreja, numa perspectiva histórico social ou das relações entre a Igreja e a Comunicação, é importante considerar a trajetória da relação entre Igreja e Comunicação, seja através de seus documentos seja de sua prática. Essa trajetória deve ser considerada segundo critérios e cultura da época, bem como o grau de compreensão da Igreja em cada período, pois, esta, de certa forma, sempre se interessou pela comunicação. A diferença está na maneira com que ela ocupou-se da comunicação através dos séculos. A trajetória é longa, diversificada e lenta por vezes, recrudescida por outras. Encorajadora em determinadas situações e audaz em circunstâncias particulares.

A religião está conectada à comunicação. Não existe a primeira sem a segunda, haja vista que a transmissão de preceitos de fé se baseia exclusivamente em alguns processos comunicacionais entre duas ou mais pessoas. Com o surgimento das mídias de massa, a comunicação religiosa também ganhou maior visibilidade. Assim, os setores de comunicação religiosa começaram a se estruturar e a se profissionalizar para adentrar cada vez mais os espaços que os meios de comunicação televisiva, impressa e radiofônica ofereciam.

Com efeito, trata-se de recuperar o pensamento da Igreja Católica sobre a comunicação, a partir destes pensadores: Moisés Sbardelotto (2016), Helena Corazza (2019), Joana Puntel (2010), André Torres Queiruga (2010) e Edward Schillebeeckx (1994). Com o Vaticano II, a Igreja Católica começa a proclamar a fé cristã através dos meios ao seu dispor, como vias alternativas para difundir sua missão e evangelização. Desse modo, em tempos de dificuldades, a Igreja vem insistindo com seus documentos para que haja uma organização e um bom planejamento na área da comunicação.

Com o desenvolvimento da internet e do ambiente digital, as pessoas, hoje, encontram novas formas de relação e de interação, sem fronteiras de espaço e sem limites de tempo. Nesse sentido, busca-se, com esta pesquisa, compreender a necessidade da Igreja de acompanhar a evolução dos meios de comunicação e como esses meios contribuíram na mudança da construção da cultura, da sociedade e das diferentes práticas sociais e pastorais. Nesta perspectiva, a midiatização é utilizada como um contexto para descrever o processo de expansão dos diferentes meios de

comunicação na Igreja e para mostrar as inter-relações entre a mudança comunicativa e sociocultural refletida na Igreja.

3.1 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A MISSÃO DA IGREJA

A atenção da Igreja volta-se para os meios de comunicação impressos depois da introdução da imprensa. Em 1487, o Papa Inocêncio VIII publicou a bula Papal *Inter Multiplices*, dirigida aos bispos alemães. O texto fala sobre o entusiasmo da invenção providencial da prensa de Gutemberg (1439) e dava algumas orientações quanto ao cuidado pastoral dos bispos em relação ao conteúdo publicado. O Papa estava preocupado com a vida espiritual dos católicos e via no advento da imprensa uma nova tecnologia que poderia ameaçar o controle eclesiástico da produção cultural de seu tempo.

Nesse período, a Igreja estabeleceu também um rigoroso controle no exame dos livros suspeitos de heresias (oposição aos ensinamentos da Igreja). A inquisição, nome dado ao tribunal eclesiástico encarregado de punir todas as pessoas consideradas culpadas de ofensas contra a ortodoxia católica, tinha o direito de proibir os livros que julgassem perniciosos. As pessoas que se recusassem a mudar suas crenças eram condenadas a morrer na fogueira. Livros suspeitos foram também destruídos pelo fogo.

Em 1559, o Papa Pio IV publica em um *Index Librorum Prohibitorum* - autores e livros que não podiam ser editados nem lidos. Esse *Index* foi aprovado por Pio IV, confirmado pelo Concílio de Trento realizado de 13 de dezembro de 1545 a 4 de dezembro de 1563. Soares (1990) destaca que a atitude da Igreja frente à comunicação baseava-se em princípios morais e atitudes defensivas, ficando sob suspeita até o final do século XIX. No entanto, isso começou a mudar com o pontificado do Papa Leão XIII (1878-1903). Na história da Igreja, essa foi uma época de grande desenvolvimento, pois seu pontificado foi marcado por uma nova fase da vida eclesial sobretudo no campo da doutrina social.

Neste sentido, com o Decreto *Inter Mirifica* (1963), a Igreja Católica começou a proclamar a fé cristã através dos meios ao seu dispor e considerá-los como vias alternativas para difundir sua missão. Além disso, chama atenção para o uso correto desses meios tanto no uso das formas, das normas de ordem moral, do respeito aos

direitos legítimos e à dignidade do ser humano, tanto na busca da notícia quanto na sua divulgação.

Visto que hoje a opinião pública exerce uma influência muito forte na vida privada e pública dos cidadãos de todos os setores, é necessário que todos os membros da sociedade cumpram os seus deveres de caridade e justiça também neste campo; e assim, com a ajuda desses meios, se esforcem para formar e difundir uma opinião pública correta (IM 8).

Convém ressaltar que a Igreja teve grandes dificuldades em formar-se e formar seus destinatários, isto é, leitores, espectadores e ouvintes na escolha pessoal e livre, das comunicações veiculadas por tais meios. Essa escolha não dependia apenas da Igreja, mas a valorização da ciência e da arte também. Tratava-se de reconhecer os valores positivos nos meios de comunicação e perceber suas potencialidades para atuar como instrumento na defesa da dignidade dos seres humanos.

Durante o período de 1878 a 1939, a Igreja mostrou certa flexibilidade em relação à imprensa, particularmente ao cinema e ao rádio, mas ainda se movia com cautela. Muitos foram os debates e as discussões que contribuíram para que a Igreja mudasse sua opinião sobre os meios de comunicação, considerados de simples meios de difusão de mensagens negativas e “do mal” para meios eficazes de evangelização, como em nossos dias. Foi com o Papa Pio XII (1939-1958) que a Igreja aprofundou e ampliou suas reflexões sobre as relações com a sociedade e sobre o papel da informação na constituição da opinião pública. De fato, o tema da opinião pública foi abordado em muitas palestras pelo Papa Pio XII aos profissionais da comunicação.

Convencido pela influência dos meios de comunicação de massa e por seu grande significado, Pio XII escreveu a proeminente *Encíclica Miranda Prosrus* (1957) sobre a cinematografia, o rádio e a televisão. Durante seu pontificado teve 46 diferentes intervenções sobre o cinema, demonstrando o interesse crescente da Igreja pelo papel das ciências sociais, especialmente a sociologia e a psicologia na interpretação dos fenômenos cinematográficos.

A Encíclica *Miranda Prosrus*, de Pio XII, representa a primeira grande síntese da doutrina da Igreja Católica sobre a comunicação social. Sua principal característica consiste em tratar do cinema, o rádio e da televisão sob a perspectiva da comunicação social. O documento é dividido em quatro ações e manifesta as preocupações do Papa:

Queríamos confiar-vos, veneráveis irmãos, as nossas preocupações, por vós certamente compartilhadas, acerca dos perigos que o uso incorreto das técnicas audiovisuais pode constituir para a fé e a integridade moral do povo cristão. Não deixamos, porém, de pôr em relevo os aspectos benéficos e as vantagens desses modernos e poderosos meios de difusão (MP 37).

Pela primeira vez, a Igreja dava as “boas-vindas” aos meios de comunicação, apesar das manifestações de inquietude. Enfatizava sua missão de proteger o povo de todos os perigos e de anunciar a boa-nova do Evangelho. Conforme afirma Pio XII:

Com particular alegria, mas também com prudência vigilante de mãe, a Igreja procurou desde o princípio seguir e proteger seus filhos no caminho maravilhoso do progresso das técnicas de difusão. Tal solicitude deriva diretamente da missão que lhe confiou o Redentor Divino, porque essas técnicas, na geração presente têm uma poderosa influência no modo de pensar e de agir dos indivíduos e das comunidades (MP 2).

Na Encíclica *Miranda Prorsus*, Pio XII aborda as regras que devem guiar e regulamentar as atividades dos diretores de cinema, rádio e televisão e as ações dos que se servem desses meios de comunicação. A esse respeito, por exemplo, Pio XII adverte sobre:

Os erros acerca da liberdade de difusão, lembrando que a doutrina cristã e a finalidade espiritual das técnicas de comunicação são contrárias a reservar seu uso apenas para fins políticos e propagandistas, ou a considerá-las um mero negócio econômico (MP 10).

Reconhecendo que deve preparar tanto os adultos quanto a juventude “para melhor apreciarem os lados positivos e negativos de espetáculos” (MP 17), a Igreja sente necessidade de canalizar o potencial de vantagens espirituais, emanadas de meios, e de proteger a integridade da moral cristã em cada país:

[...] desejamos que, em todos os países onde tais organismos ainda não existem, se criem sem demora e sejam confiados a pessoas competentes, sob a direção de um sacerdote escolhido pelos bispos. [...] seria muito útil se os organismos nacionais aderissem às organizações internacionais competentes (MP 19).

Caracterizada como uma advertência pastoral, a Encíclica *Miranda Prorsus* apresenta duas premissas: na primeira, retoma e renova os ensinamentos anteriores da Igreja sobre comunicação. O Papa reforça que as novas tecnologias de comunicação são dom de Deus e que “deve cumprir sua finalidade de difundir os

ensinamentos de Deus” (MP 7). Na segunda premissa, refere-se à responsabilidade dos seres humanos no uso das novas tecnologias da comunicação como “um precioso dom de Deus” (MP 8).

A novidade desse documento é que ele condena o uso da comunicação apenas para os interesses políticos e econômicos. De acordo com *Miranda Prorsus*, a Igreja não pode concordar em tratar esta nobre causa apenas como “mero negócio” (MP 10). Ao contrário, a Igreja deve encorajar o emprego das novas tecnologias de comunicação para favorecer e desenvolver a cultura humana e os valores espirituais da sociedade. No entanto, como o documento adverte, é sempre muito difícil dizer quando as finalidades das novas tecnologias de comunicação estão nelas embutidas ou cuidam apenas de “fins políticos e propagandísticas, sendo consideradas, portanto, meros negócios econômicos” (MP 10).

Ainda que a Igreja estivesse então mais preocupada com o desenvolvimento dos seres humanos, em seus aspectos social, cultural e espiritual, na ocasião dessa Encíclica o Papa Pio XII, continuava a acentuar os aspectos morais dos meios de comunicação. O tom geral da *Miranda Prorsus*, assim como a da *Vigilanti Cura* (1936) de Pio XI, é cauteloso e protetor. Pio XII acentua influências potencialmente corruptoras dos meios de comunicação social. A esse respeito, tanto as autoridades civis como as eclesiásticas são conclamadas ao exercício da censura, e os organismos nacionais são chamados a agir como vigias. Assim, pelo menos inicialmente, – uma ampla rede de organismos da Igreja Católica, comprometidos com os meios de comunicação social – são posicionados mais por razões negativas ou defensivas do que positivas, isto é, por propósitos apostólicos.

3.2 A COMUNICAÇÃO À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II: *INTER MIRIFICA*

O Concílio Vaticano II constitui o mais importante evento da Igreja Católica do século XX. Foi uma reunião solene de bispos de todo o mundo, convocada pelo Papa João XXIII para refletir sobre a Igreja e suas relações com o mundo contemporâneo, que como “sinais dos tempos”, exigiam ser decifradas à luz da Palavra de Deus. Realizado em Roma, em três importantes sessões, de outubro de 1962 a dezembro de 1965, foi o 21º Concílio Ecumênico depois de um intervalo de 92 anos do Concílio Vaticano I, interrompido em 1870.

O Concílio Vaticano II foi decisivo na tentativa de a Igreja Católica reconhecer e entender o mundo no qual vivemos, com suas expectativas, seus anseios, suas características muitas vezes dramáticas. O documento *Gaudium et Spes*. (Sobre a Igreja no Mundo de hoje, 1965) chamou a atenção sobre a nova postura da Igreja pela justiça e pela transformação da sociedade como uma dimensão fundamental da evangelização.

O decreto *Inter Mirifica* foi o segundo dos dezesseis documentos publicados pelo Vaticano II. Aprovado em 4 de dezembro de 1963, assinala pela primeira vez que um concílio geral da Igreja volta-se para a questão da comunicação. Neste sentido, tem-se um documento universal da Igreja que assegura a obrigação e o direito de utilizar os instrumentos de comunicação social.

Outrossim, o *Inter Mirifica* também apresenta a primeira orientação geral da Igreja para o clero e para os leigos sobre o emprego dos meios de comunicação social. Nos números 20 a 21, trata do uso dos instrumentos de comunicação social para a ação pastoral. Além disso, convida tanto o clero quanto os leigos para empregarem os instrumentos de comunicação no trabalho pastoral. Enumera diretrizes gerais, referente à educação católica, à imprensa católica e à criação de secretariados diocesanos, nacionais e internacionais, de comunicação social, ligados à Igreja.

De tal modo, compreende-se que a missão de evangelizar faz parte da identidade da Igreja. E esta deve evangelizar em uma sociedade marcada pela velocidade e pelo fascínio da “era digital”, da interatividade das redes digitais e das comunicações alternativas. A Igreja, para viver sua fidelidade a Jesus Cristo, precisa “buscar” o sujeito, onde ele se encontra. E é preciso prestar atenção para o fato de que o sujeito não está necessariamente onde nós prevemos e ou “preferimos” que ele esteja, mas, onde ele realmente se encontra.

É, portanto, tarefa da Igreja anunciar a mensagem da salvação para a sociedade toda. Para isso, a Igreja necessita renovar-se, bem como, voltar a pensar na sua própria identidade. A atenção, entretanto, volta-se para o fato de que para ser fiel ao Evangelho, não basta um simples processo de adaptação às modalidades atuais de comunicação. É necessário individualizar novas formas para uma comunicação da fé em um contexto sociocultural, no qual o Evangelho deve se encarnar sem dispersar-se e sem anular-se. E isso faz parte da identidade da Igreja: a evangelização.

O *Inter Mirifica* propõe para a Igreja avanços no âmbito da comunicação; direciona a Igreja para escolher caminhos de saída e mostra a necessidade de avançar para uma mentalidade comum e consistente, considerando que a comunicação é um componente essencial na evangelização. É o “areópago” moderno, por excelência na missionariedade, segundo João Paulo II. E, no entanto, continua o Papa:

[...] talvez se tenha descuidado um pouco destes areópagos: deu-se preferência a outros instrumentos para o anúncio evangélico e para a formação, enquanto os, *mass media* foram deixados à iniciativa de [instituições] particulares ou de pequenos grupos, entrando apenas secundariamente na programação pastoral (RM 37c).

Neste sentido, é fundamental compreender que a comunicação integra a ação missionária da Igreja e, que a comunicação contribui para situar-nos no coração do progresso humano enquanto procuramos compreender e afrontar os desafios; essa nos ajuda a compreender que o que assistimos na mídia implica mais que uma revolução técnica e, portanto, exige do comunicador, com identidade cristã, ir além do uso das novas tecnologias. É preciso colher os desafios culturais que se apresentam à Igreja, vindos dos novos horizontes comunicativos. Tudo isso nos mostra que precisamos avançar para uma formação cultural, doutrinal, espiritual e profissional adequada da comunicação.

De tal modo, a evangelização constitui para a Igreja grande desafio. É o desafio que a Igreja acolheu com o ensinamento de São João Paulo II e com ensinamento do Papa Emérito Bento XVI e, agora, com as provocações cotidianas do Papa Francisco, que propõe uma Igreja viva e “em saída” para que mude a própria mentalidade, exclua toda forma de burocracia presente na sua estrutura para recuperar a dimensão de humanidade e de relacionamento pessoal. Logo, a evangelização é o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, que é o mesmo hoje e sempre. Todavia, nós devemos fazer isso com maior convicção e sempre sabendo que, à medida que anunciamos o Evangelho, tornamo-nos credível também no estilo de vida e no nosso ser cristão.

Assim, a Igreja é aquela que Jesus anunciou. Jesus quis que a Igreja continuasse a proclamar o Evangelho, isto é, Boa Notícia que Ele trouxe ao mundo. Portanto, a Igreja deve ter o rosto de Cristo. O Papa Francisco diz que:

Precisamos de meios de comunicação capazes de construir pontes, defender a vida e abater muros, visíveis e invisíveis, que impedem o diálogo sincero e

a verdadeira comunicação, e ainda, meios de comunicação que possam ajudar as pessoas sobretudo os mais jovens, a distinguir o bem do mal, a fazer julgamentos corretos, baseados numa apresentação clara e imparcial dos fatos, a compreender a importância do compromisso com a justiça, a concórdia social e o respeito pela Casa Comum (FRANCISCO, 24 jan. 2022).

Deste modo, os cristãos são chamados a anunciar e testemunhar o Evangelho mediante sua presença nas mídias. Não é algo facultativo à Igreja servir-se da comunicação mediada pelas tecnologias para tornar Jesus conhecido e amado. Já na mensagem de 1972, Paulo VI pedia que os meios de comunicação estivessem a serviço da vida e lembrava aos cristãos a necessidade de, no meio do mundo, dentro das realidades humanas de cada dia, serem convictas testemunhas da verdade na qual acreditamos. E valorizava os espaços dos meios de comunicação social como novos caminhos abertos aos cristãos para o seu dever de testemunho e serviço à verdade.

Compreende-se que a evangelização não se dá apenas com palavras, mas pela vida do cristão em permanente evangelização.

O cristão, vivendo entre os outros homens, participando das ansiedades e sofrimentos do mundo, empenhando-se em promover o progresso dos valores temporais, inserindo-se no dinamismo das buscas e do confronto das ideias, realiza o seu testemunho evangélico e oferece sua contribuição no seio da sociedade (PAULO VI, 07 maio 1967).

Já o documento conciliar *Gaudium et spes*, no seu número 4, recordava “que era necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático” e, além disso, “é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho”. Algumas das principais características do mundo atual podem delinear-se do seguinte modo:

Provocadas pela inteligência e atividade criadora do ser humano, elas re incidem sobre o mesmo ser humano, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar de uma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa (GS 4).

O Concílio Vaticano II declarou seu profundo respeito, pela bondade e pela justiça “que o gênero humano criou e sem cessar continua a criar” (GS 42). E exorta os fiéis a viverem “em estreita união com os demais homens do seu tempo e [procurar]

compreender perfeitamente o seu modo de pensar e sentir, qual se exprime pela cultura” (GS 62). Os cristãos são chamados a cooperar ativa e positivamente pela promoção do progresso científico e tecnológico e articular os conhecimentos das novas ciências e as últimas descobertas com a moral e os ensinamentos da doutrina cristã. Isso exige que a Igreja seja capaz de manter-se no ritmo dos tempos, acompanhar e reconhecer as novas formas artísticas e os progressos incessantes da atualidade (GS 62).

Nesse sentido, o Vaticano II usou o conceito de tecnologia ligado não apenas às técnicas ou à difusão destas, mas, também aos atos humanos decorrentes, que são, no fundo, a principal preocupação da Igreja no seu trabalho pastoral. Assim, também, os termos “*mass media*” e “*mass comunicação*” que parecem ambíguos por sugerirem a “*massificação*” como se esta fosse decorrência inevitável da utilização dos instrumentos de comunicação social. Na escolha da inserção da “*comunicação*”, a Igreja, com o Concílio Vaticano II quis assumir uma visão mais otimista da comunicação frente às questões sociais. A Igreja não valorizou apenas os instrumentos técnicos da comunicação, mas também o aspecto humano e incluindo uma gama de variedades e interferências na cultura midiática atual.

3.3 IGREJA E COMUNICAÇÃO: OS PROGRESSOS NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Com relação à missão social da Igreja Católica, é importante salientar que, desde a Reforma³, ela apresenta sua missão “como exclusivamente religiosa”, visando preparar para a vida eterna, para o desenvolvimento da fé, da adoração e do correto proceder. No entanto, como acrescenta Dulles (1978), houve um movimento gradual na Igreja introduzido pelas encíclicas sociais de Leão XIII e Pio XI, a fim de que essa se responsabilizasse pelo ensino dos princípios de uma justa ordem social. Esta ordem era considerada mais de acordo com a lei natural do que com a concretização dos ensinamentos do Evangelho (PUNTEL, 2003).

³ A Reforma protestante foi iniciada por Martinho Lutero, embora tenha sido motivada primeiramente por razões religiosas, também foi impulsionada por razões políticas e sociais os conflitos políticos entre autoridades da Igreja Romana e governantes das monarquias europeias, *tais governantes desejavam para si o poder espiritual e ideológico da Igreja e do Papa, muitas vezes para assegurar o direito divino dos reis*(ICATÓLICA, 2014).Disponível em: <https://www.icatolica.com/2014/09/a-reforma-protestante-divisoes-causas-e.html>

Com o Papa João XXIII e com o Concílio Vaticano II altera-se o enfoque: a justiça social e a paz passam a ser vistas como uma demanda da missão da Igreja de prosseguir a tarefa de Cristo, que teve muita compaixão dos pobres e dos oprimidos (PUNTEL, 2018). Essa mudança de atitude foi elaborada na Constituição Pastoral *Gaudium et spes* que chamou atenção em todo o mundo. De fato, esta nova postura da Igreja se explicitou na Encíclica de Paulo VI, *Populorum Progressio* (1967) e, no documento sinodal, *Justiça no Mundo* (1971). Neste último documento a Igreja apresenta a luta pela justiça e pela transformação da sociedade como uma dimensão fundamental da evangelização. Papas e Conferências Episcopais deram atenção a este tema de acordo com as diferentes demandas sociais. É nesse contexto de solidariedade especial da Igreja para com os pobres e marginalizados que a Igreja da América Latina inclui a expressão opção preferencial (DULLES, 1978).

Nesse sentido, a Igreja vive sob as orientações do Concílio Vaticano II. Ao celebrar o vigésimo aniversário deste Concílio, João Paulo II convocou uma assembleia extraordinária do Sínodo dos Bispos, que se reuniu em 25 dezembro de 1985. Neste evento, o Papa afirma que o Vaticano II foi um dos eventos fundamentais da vida moderna da Igreja. Ao mesmo tempo, enfatizou a necessidade de troca de experiências em diferentes partes do mundo e examiná-las, à luz das orientações do Concílio e, de promover novos estudos a fim de incorporar a teologia do Vaticano II na vida futura da Igreja.

Os Relatórios de 95 das 136 Conferências episcopais consultadas contribuíram para dar uma visão abrangente da situação da Igreja Católica no mundo. As respostas dadas pelos bispos constituem o futuro mais duradouro do Sínodo. Ele baseia-se no fato de que os dois documentos publicados pelo Sínodo⁴ não contêm o núcleo dos debates e dos documentos aí utilizados.

Os dados dos Relatórios contribuíram para mostrar quais seriam as principais tendências para o futuro trabalho pastoral da Igreja. Desta análise emergiram duas vertentes principais de pensamento, cada uma com líderes próprios⁵. A primeira tendência - a conservadora - se opunha à tendência modernizante liderada pelo cardeal alemão Ratzinger (hoje Papa emérito Bento XVI) e Hoeffner. Esta tendência

⁴ Os dois documentos do Sínodo são mensagens para o Povo de Deus e o Relatório Final.

⁵ A Análise seguinte é baseada em Hermann-Joseph, *The Church as Mysterium and as Institution*. In: ALBERICO, Giuseppe; James Synod 1985 – *Na evaluation*, Now York/ London: T&T. Clark. 1986. Pp. 99-109. Anpd DULLES, *The Reshaping of Catholicism*, pp. 190-193.

teve como marca seu ponto de vista “supernaturalista”, que considerava a Igreja como “uma ilha de graça em meio a um mundo de pecado”. Sem se opor ao Vaticano II, os bispos insinuavam que o Concílio foi um pouco ingênuo, pois acreditavam que seria um erro prosseguir com as reformas estruturais e a modernização da Igreja.

O mundo está envolto na miséria, na divisão e na violência: está manifestamente sob o poder do mal. Os católicos que buscam aproximação com o mundo facilmente caem no materialismo, no consumismo e na indiferença religiosa. Esforçando-se para ser aberta ao mundo, a Igreja, no período pós-conciliar, acabou por contaminar-se [...] (DULLES, 1978, p. 191).

A segunda tendência foi liderada pelo Cardeal Hume, da Inglaterra, e por muitos outros, entre eles os Bispos James Malone e Bernard Hubert – nessa época presidentes das Conferências Episcopais dos Estados Unidos e do Canadá respectivamente. Esta tendência atuou sob a inspiração de João XXIII e do Concílio Vaticano II.

De fato, seus seguidores sustentam visões humanistas e comunitárias. Representando o lado progressistas da Igreja, os bispos estavam convencidos dos progressos resultantes do Concílio. E sustentavam que o desapontamento do povo não foi causado pelo esforço empreendido nas reformas estruturais. Ao contrário, era decorrente do fato de que as reformas necessárias “foram impedidas e parcialmente bloqueadas” (DULLES, 1978, p. 192). Este autor acredita que a Igreja Católica não conseguiu dar ainda aos leigos um sentido apropriado de participação e de corresponsabilidade em sua missão. Diante disso,

[...] urge agora promover um desenvolvimento acentuado das estruturas colegiais e sinodais, de modo que a Igreja possa tornar-se uma sociedade livre e progressista, um sinal de unidade na diversidade, adequada a todas as nações e grupos sociológicos (DULLES, 1978, p. 192).

Conforme explicitado, as duas tendências, conservadora e progressista, propuseram um projeto de futuro diferente para a Igreja. A primeira colocou o acento na “adoração e santificação”, e desejava uma Igreja “mais separada do mundo”, enquanto a segunda acentuava o aspecto comunitário, propondo que a Igreja se tornasse mais diversificada e que tenha um comprometimento maior no que tange à paz, à justiça e à reconciliação (PUNTEL, 2018).

Essas duas tendências, embora façam referência aos bispos membros e participantes da Assembleia do Sínodo de 1985, podem ser consideradas a

continuação das mesmas tendências já previamente identificadas no Concílio Vaticano I.

Como já acenamos nesta pesquisa, a grande conquista do Concílio foi a aprovação do Decreto *Inter Mirifica*. Sua aprovação sinalizou um divisor de águas, uma conquista em relação à trajetória anterior ao Concílio quanto ao tema da Igreja-comunicação, pois os meios de comunicação, em geral, eram vistos com certa desconfiança. A trajetória histórica nos mostra uma Igreja contra a liberdade de expressão, como por exemplo, a proibição da leitura de livros como o - index *Librorum Prohibitorum* - índice dos livros proibidos⁶ A Carta Encíclica *Vigilanti Cura*, do Papa Pio XI (1936), que propôs aos bispos do mundo a responsabilidade e a vigilância onerosa sobre o cinema para a proteção da moralidade do povo e a promoção de uma vida mais santa.

Nesse sentido, a Igreja vai progredindo nos avanços quanto aos meios de comunicação, mas não sem dificuldades. A história que envolve o Decreto *Inter Mirifica* (1963), como “batalha” e “conquista”, é revelada por Enrico Baragli (1969), membro da Comissão preparatória do documento. Ele testemunha e descreve como o tema da comunicação era visto e qual era a compreensão que se tinha naquele momento.

É fundamental enfatizar que o Decreto *Inter Mirifica* foi preparado antes ainda da primeira sessão do Concílio Vaticano II, pelo Secretariado Preparatório para a Imprensa e Espectáculos (novembro de 1960 a maio de 1962), tendo o seu esboço aprovado pela Comissão Preparatória Central do Concílio. Já em novembro de 1962, o documento foi debatido na primeira sessão do Concílio e o esquema aprovado, mas considerado muito amplo. De tal modo, foi após debates que foi sugerida redução do texto.

Assim, de 114 artigos foi reduzido para 24, sendo novamente submetido à Assembleia em novembro de 1963, um ano depois. A apuração dos votos registrou 1.598 “sim” contra 503 “não”. Entretanto, ao contrário de demonstrar que isso seria um “ganho folgado”, é preciso revelar que o *Inter Mirifica* foi o documento do Vaticano II aprovado com o maior número de votos contrários.⁷

⁶ O index *Librorum Prohibitorum*, em tradução livre o índice dos livros proibidos, era uma lista de publicações consideradas uma heresia, anticlericais ou lascivas e proibidas pela Igreja lica.

⁷ Baragli foi um dos membros da Comissão Preparatória desse documento. Ver também: PUNTEL, Joana. T. *Inter Mirifica*. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

Segundo o estudioso Baragli (1969), o fato é atribuído à publicação simultânea de várias críticas ao documento, feitas por jornalistas sendo que muitos desses eram teólogos. Das publicações em jornais influentes destacam-se três correntes: francesa, americana e alemã. A francesa opunha-se ao esquema do Decreto, alegando que nas diferentes versões esse carecia de conteúdo teológico, de profundidade filosófica e de fundamento sociológico. Naturalmente que, sempre que se perde de vista a interdisciplinaridade da comunicação, a tentação é compreendê-la ou reduzi-la de acordo com esta ou aquela disciplina. Nesse sentido, poder-se-ia hoje aprofundar muito o diálogo entre comunicação e teologia, se trilharmos caminhos desprovidos de reduções e preconceitos.

No que tange à segunda corrente, a americana, esta afirmava que o documento não trazia mudanças significativas, uma vez que o texto “não continha posições inovadoras”. De acordo com essa corrente, o documento proclamava oficialmente “um conjunto de pontos previamente afirmados e pensados em nível mais informal”. (PUNTEL, 2003, p. 178). Por surpresa dos jornalistas americanos, constava-se especialmente, no artigo 12, o tema da liberdade de imprensa.⁸ Com base nisso, os jornalistas americanos elaboraram um folheto mimeografado, com um esquema vago e trivial, falando de uma imprensa inexistente, considerado o *Inter Mirifica* apenas como uma exortação pastoral. Chegaram a alertar que um decreto, “assim como está agora”, demonstrava a posteridade da incapacidade de o Vaticano II enfrentar os problemas do mundo atual.

A oposição alemã, assinada por 97 padres de diferentes regiões, manifestou-se mediante uma carta dirigida à 10ª Comissão Conciliar, responsável pela redação do documento, propondo um novo estudo e um novo esquema. O grupo alemão também lançou uma Circular, que foi distribuída na Praça São Pedro momentos antes da sessão conciliar. A Circular caracterizava-se pelo pedido aos bispos de optar pelo (não satisfaz), pois o esquema não correspondia aos decretos conciliares e aos anseios do povo. De tal modo, a manifestação pública dos jornalistas franceses, americanos e alemães teve forte influência sobre os bispos participantes do Vaticano II.

⁸ Para mais informações sobre a presente questão, pode-se consultar a tese de doutorado de Joana T. Puntel sobre a Igreja e a democratização da comunicação.

Como mencionamos previamente, o *Inter Mirifica* foi aprovado com o maior número de votos “*non placet*” a um documento do Vaticano II. Um avanço, porém, foi constatado: ainda que o texto original do *Inter Mirifica* tenha sido bastante reduzido, o documento foi mais positivo e mais matizado do que os demais documentos pré-conciliares.

Já na introdução o documento celebra, pela primeira vez, a aceitação “oficial” da comunicação por parte da Igreja, denominada, ainda, como “instrumentos de comunicação” e foi legitimado o uso dos meios de comunicação pela Igreja. Este fato atribuiu ao decreto um valor imprescindível, apresentando-se como um “divisor de águas”, se levarmos o tipo de relação Igreja-comunicação desenvolvida nas épocas anteriores, onde praticamente não havia diálogo entre as diferentes áreas.

No âmbito da comunicação (naturalmente houve algumas iniciativas esporádicas, como o Jornal L'Osservatore Romano, a fundação da Rádio Vaticano etc.). O documento refere-se aos instrumentos de comunicação, como imprensa, rádio, televisão, cinema e outros meios semelhantes, que também podem ser propriamente classificados como meios de comunicação de massa até aquela data.

A Igreja Católica foi encarregada por Jesus Cristo de trazer a salvação [...] para proclamar o Evangelho, conseqüentemente, ela julga que seja parte de seu dever pregar a Boa Nova da redenção com o auxílio dos instrumentos de comunicação social [...]. Por essa razão, a Igreja reivindica, como um direito inato, o uso e a posse de todos os instrumentos desse gênero, que são necessários ou úteis para a formação cristã e para qualquer atividade empreendida em favor da salvação do ser humano (IM 3).

A partir desse momento, foi consagrado o Dia Mundial das Comunicações sociais, sendo celebrado, pela primeira vez, no domingo, 7 de maio de 1967 (IM 18).⁹ Do mesmo modo, determinou-se a elaboração de uma nova orientação pastoral sobre comunicação, “com a colaboração de peritos de várias nações” (IM 23) sob a coordenação de um secretariado especial da Santa Sé para a comunicação social.

Embora o Papa Paulo VI afirme que o *Inter Mirifica* não “foi de pouco valor”, os comentaristas assinalam de que este decreto deveria ter sido discutido mais no final do Concílio, após as muitas sessões consagradas à Igreja no mundo moderno e à liberdade religiosa, assim, o texto teria sido particularmente mais enriquecido.

⁹ Geralmente, o Papa dirige uma breve mensagem sobre comunicação, destinada a celebrar o Dia Mundial das Comunicações Sociais, retomando temas já tratados sobre o assunto.

Como se vê, parece de alguma forma irônica que a Igreja que se acha fundamentalmente interessada na comunicação da verdade e da vida para o mundo, que mostrou, especialmente no período do concílio, ter plena consciência da importância dos meios de comunicação de massa, tenha publicado o mais reduzido documento do concílio para tratar dos instrumentos de comunicação social (BURKE, 1966, p. 317).

De fato, o Decreto orienta mais para o passado do que para o futuro, olha mais para dentro e não para fora da Igreja. Não soube aproveitar do profissionalismo e da prática secular em comunicação de massa. Em alguns aspectos aborda preconceitos católicos ultrapassados. Mas, apesar das limitações apontadas, convém ressaltar que o *Inter Mirifica* pode ser considerado um divisor de águas em relação à mídia e não um fim em si mesmo.

A Instrução *Communio et Progressio* foi promulgada durante o pontificado de Paulo VI, a 23 de maio de 1971, pelo Pontifício Conselho para as comunicações, e representa, sem dúvida, o mais avançado documento da Igreja referente às comunicações. A Instrução *Communio et Progressio* é uma resposta pastoral ao Decreto *Inter Mirifica* (1963) do Vaticano II e é assinada pelos bispos Martins O'Connor, presidente, e Augustin Ferrari Toniolo, vice-presidente e pelo Monsenhor André M. Deskur, secretário da Comissão do Pontifício para os meios de Comunicação Social. A Instrução tem 187 artigos e distingue-se do Decreto *Inter Mirifica* particularmente por seu estilo.

A *Communio et Progressio* foi escrita pela Comissão Pontifícia para os Meios de Comunicação Social. É um documento oficial, possui caráter pastoral, recebeu a aprovação e a promulgação do Papa Paulo VI. Seu nome completo é *Instrução Pastoral para a Aplicação do Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre os Meios de Comunicação Social*. É um documento relevante por seu tom e pela proposta de caminhos seguros os quais a ação pastoral deve utilizar os meios de comunicação: a esperança e o otimismo são dominantes e o caráter moralizador e dogmático desaparece.

O texto retoma as grandes convicções do *Inter Mirifica* em relação à mídia, completando-o, mas apresentando-a de uma forma mais coerente e compreensível. Outra característica do documento é de que a sociedade contemporânea levanta questões sobre a presença das tecnologias da comunicação no mundo circundante e “[...] a Igreja deve saber como reagem os nossos contemporâneos, católicos ou não, aos acontecimentos e correntes de pensamento atual” (CP 122). Nesta perspectiva, a

premissa fundamental da *Communio et Progressio* é que seu efeito “unificador” necessita de uma análise sociológica da mídia, porque falha quando não considera a sociedade e não dialoga com o mundo moderno.

O Papa João Paulo II, após quarenta anos da publicação da *Inter Mirifica*, afirma que houve um caminho fecundo no campo da mídia e assegura que, também, vivemos um tempo oportuno para continuamente voltar a refletir sobre os desafios crescentes que se apresentam. Nesse sentido, o pontífice refere-se às palavras de Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, que a Igreja deve sentir-se obrigada a:

rever seus métodos, a procurar, por todos os meios ao alcance, e a estudar o modo de fazer chegar ao ser humano moderno a mensagem cristã, na qual somente ele poderá encontrar a resposta às suas interrogações e a força para a sua aplicação de solidariedade humana (EN 3).

Por conseguinte, “a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja” (EN 14), tarefa e missão que ~~que~~ se tornam cada vez mais possíveis através dos meios de comunicação, pois, como afirma McLuhan (1964, p. 23), “o meio é a mensagem”, e através dele é possível entender que o Verbo Encarnado é o meio e a mensagem; Jesus Cristo é o sacerdote, o altar e o cordeiro que, ao se entregar por puro amor aos seres humanos, lhes comunica a salvação. O Filho, único intermediário entre o divino e o humano é, por conseguinte, a comunicação perfeita e eterna que une Deus às suas criaturas, hoje e sempre. É parte constituinte da identidade comunicativa da Igreja a missão do Verbo Encarnado, isto é, anunciar a Palavra Eterna do Pai em toda a sua verdade e profundidade.

Dessa forma, a Igreja, Corpo Místico de Cristo, é e faz comunicação. Mais ainda, ela “é mistério de comunicação da graça divina e da comunhão visível dos carismas e ministérios” (BOMBONATTO, 2009, p. 16). É o próprio Jesus Ressurreto que ordena aos apóstolos que saiam pelo mundo a evangelizar, anunciar e comunicar sua Palavra (Mc 16,15).

3.4 DA ERA ANALÓGICA À ERA DIGITAL

Na interface entre o contexto eclesial e o sócio comunicacional, a instituição Igreja se defronta com um fenômeno histórico de grande relevância definido por Drescher (2011) de “Reforma digital”, ou seja, “práticas de acesso, conexão,

participação, criatividade e colaboração [de pessoas comuns], encorajadas pelo uso disseminado de novas mídias sociais digitais em todos os aspectos da vida diária, incluindo a vida de fé” (DRESCHER, 2011, p. 4, trad. nossa).

Como aponta a autora, analisando-se um contexto histórico mais amplo,

ao contrário das reformas eclesiais anteriores, a Reforma Digital é movida não tanto por teologias, dogmas e política – embora estes certamente estejam sujeitos a um questionamento renovado – mas sim pelas práticas espirituais digitalmente intensificadas de crenças comuns com acesso global entre si e a todas as formas de conhecimento religioso previamente disponíveis apenas ao clero, aos estudiosos e a outros especialistas religiosos. Isso coloca praticamente tudo em jogo – nossas tradições, nossas histórias, nossa compreensão do sagrado, até mesmo a estrutura e o significado dos textos sagrados que nós pensávamos que haviam sido assegurados em um cânone duradouro há muito tempo, no quarto século (DRESCHER, 2011, p. 2, Tradução nossa).

Não obstante, a Igreja permaneça de 1971 a 1992 em silêncio em termos de publicação de documentos sobre a comunicação, ela não hesitou em olhar para os avanços tecnológicos.¹⁰ São vinte e um anos, um tempo caracterizado por profundas transformações no campo midiático em que assistimos à passagem da era analógica para a era digital.

Por ocasião do vigésimo aniversário da *Communio et Progressio*, em 1992 foi publicada a Instrução Pastoral *Aetatis Novae*, um documento breve se comparado a *Communio et Progressio*, como já dissemos, sintetiza aspectos e elementos fundamentais no campo da comunicação, faz emergir, sobretudo, a necessidade de uma pastoral, seja “da” e “na” comunicação. A *Aetatis Novae*, em face aos documentos precedentes, estimula, encoraja e apresenta princípios e perspectivas pastorais e um plano para uma eficiente pastoral da comunicação.¹¹ Além desses documentos sobre a comunicação, foi publicada *Ética da Publicidade*, de 22 de fevereiro de 1997. O documento salienta que a importância da publicidade “na sociedade moderna é cada vez maior” (EP 1). O documento, escrito 25 anos depois da publicação da *Communio et Progressio*, encara os *mass media* como “dons de Deus” que aproximam os povos, “pondo-se assim ao serviço da Sua vontade salvífica” (EP 1).

¹⁰ É justo dizer, entretanto, que, anualmente, por ocasião do Dia Mundial das Comunicações, o Papa apresenta uma mensagem, da qual se pode também colher o pensamento do Magistério sobre a comunicação.

¹¹ Outros documentos da Igreja sobre a comunicação que se seguiram, nos passos do Concílio, foram *Ética da Publicidade* (1997) e *Ética nas comunicações sociais* (2000).

No ano 2000, o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais publica outro documento. Dessa vez, é *Ética nas Comunicações Sociais*. O documento assinala que a comunicação social possui grande poder de promover a felicidade e a realização humana, indispensáveis, portanto, nos contextos econômico, político, cultural, educativo e religioso - assim como em outros ainda, “os *mass media* podem ser utilizados para construir e apoiar a comunidade humana” (EC 12). Ademais, os *mass media* fazem-no, encorajando os homens e as mulheres a estarem conscientes da própria dignidade, “a entrarem nos pensamentos e nos sentimentos dos outros, a cultivarem um sentido de responsabilidade recíproca e a crescerem na liberdade pessoal, no respeito pela liberdade do próximo e na capacidade de dialogar” (EC 6).

Entre agosto de 1998 e outubro de 1999, o Papa João Paulo II chegou a divulgar um endereço de e-mail pessoal, mas, em seguida, foi fechado por excesso de e-mails. Em 2001, em um evento público, na Sala Clementina, no Vaticano, o Papa polonês enviou o primeiro “e-mail Papal”, dirigido a todos os bispos da Oceania, anexando a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in Oceania*. Já a sua mensagem sobre *Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho*, para a celebração do 36º Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2002 foi o primeiro documento pontifício a abordar diretamente o tema da internet, como um novo meio para a evangelização.

[...] a história da evangelização não é apenas uma questão de expansão geográfica, dado que a Igreja teve de ultrapassar também muitos confins culturais, cada um dos quais exigiu renovadas energia e imaginação na proclamação do único Evangelho de Jesus Cristo. A época das grandes descobertas, a Renascença e a invenção da imprensa, a Revolução Industrial e o nascimento do novo mundo: também estes foram momentos de vanguarda, que exigiram novas formas de evangelização. Atualmente, com a revolução das comunicações e da informática em pleno desenvolvimento, sem dúvida a Igreja encontra-se diante de outra porta de entrada. Por conseguinte, neste Dia Mundial das Comunicações de 2002, é oportuno refletirmos sobre o tema: ‘Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho’ (JOÃO PAULO II, 2002, 1).

O Papa refere-se ao novo mundo do espaço cibernético, ao seu grande potencial para proclamar a mensagem evangélica. Como os outros instrumentos de comunicação, ele é um meio e não um fim em si mesmo.

A Internet pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se for usada com competência e uma clara consciência das suas forças e debilidades. Sobretudo, oferecendo informações e suscitando o interesse, ela

torna possível um encontro inicial com a mensagem cristã, de maneira especial entre os jovens que, cada vez mais, consideram o espaço cibernético como uma janela para o mundo. Portanto, é importante que a comunidade cristã descubra formas muito especiais de ajudar aqueles que, pela primeira vez, entram em contacto com a Internet, a passar do mundo virtual do espaço cibernético para o mundo real da comunidade cristã (JOÃO PAULO II, 2002, 3).

Bento XVI, por sua vez, foi o primeiro Papa a ter uma conta pessoal em uma plataforma sociodigital, o Twitter, com o usuário @Pontifex (em vários idiomas), criado em 2012. E escreveu nada menos do que quatro mensagens para o Dia Mundial das Comunicações que, já no título, faziam referência ao ambiente digital:

- Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade (2009);
- O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos mídias ao serviço da Palavra (2001);
- Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital” (2011) e
- Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização” (2013).

Hoje, portanto, afirma o Papa Francisco na mensagem, “o ambiente medial é tão invasivo a ponto de já ser indistinguível da esfera da vida cotidiana” – e da vida eclesial e religiosa. Isso ficou ainda mais evidente no Ângelus do dia 20 de janeiro de 2019, em que Francisco apresentou ao mundo inteiro a plataforma oficial da Rede Mundial de Oração do Papa, “Click To Pray”. “Aqui – afirmou o pontífice – vou inserir as intenções e os pedidos de oração pela missão da Igreja”.

A mensagem do Papa Francisco para o LII Dia Mundial das Comunicações Sociais em 13 de maio de 2018, frisa que:

No projeto de Deus, a comunicação humana é uma modalidade essencial para viver a comunhão. Imagem e semelhança do Criador, o ser humano é capaz de expressar e compartilhar o verdadeiro, o bom e o belo. É capaz de narrar a sua própria experiência e o mundo, construindo assim a memória e a compreensão dos acontecimentos. Mas, se orgulhosamente seguir o seu egoísmo, o ser humano pode usar de modo distorcido a própria faculdade de comunicar, como o atestam, há nos primórdios, os episódios bíblicos dos irmãos Caim e Abel e da Torre de Babel (Gn 4, 1-16; 11, 1-9).

Esse é um sintoma típico de tal distorção, ou seja, é a alteração da verdade, tanto no plano individual como no coletivo. Mas se conseguir manter-se fiel ao plano de Deus, “a comunicação torna-se lugar para exprimir a própria responsabilidade na busca da verdade e na construção do bem” (FRANCISCO, 24 jan. 2018).

Atualmente, diante de um contexto de comunicação cada vez mais rápida e dentro dum sistema digital, assistimos ao fenômeno das “notícias falsas”, as *fakes news*. Isto levou o Pontífice a refletir e dedicar a sua Mensagem ao tema da verdade, como fizeram os seus predecessores a começar por Paulo VI. Dessa forma, o Papa Francisco quis contribuir para o esforço comum de prevenir a difusão das notícias falsas e “redescobrir o valor da profissão jornalística e a responsabilidade pessoal de cada um na comunicação da verdade” (FRANCISCO, 24. jan. 2018).

Na Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 02 de junho de 2019, o Papa Francisco realça que: “desde quando se tornou possível dispor da internet, a Igreja tem sempre procurado que o seu uso sirva o encontro das pessoas e a solidariedade entre todos”. Francisco convida, ainda, “a refletir sobre o fundamento e a importância do nosso ser-em-relação e descobrir, nos vastos desafios do atual panorama comunicativo, o desejo que o ser humano tem de não ficar encerrado na própria solidão” (FRANCISCO, 24 jan. 2019).

Assim, o Sumo Pontífice assinala a invasão do ambiente dos *mass-media* no círculo da vida quotidiana. Considera a rede como “um recurso do nosso tempo: uma fonte de conhecimento e relações outrora impensáveis”. Mas alerta também a propósito das profundas transformações impressas pela tecnologia às lógicas da produção, circulação e fruição dos conteúdos e os riscos que ameaçam a busca e a partilha da informação autêntica à escala global. Segundo o Pontífice,

se é verdade que a internet constitui uma possibilidade extraordinária de acesso ao saber, verdade é também que se revelou como um dos locais mais expostos à desinformação e à distorção consciente e pilotada dos fatos e relações interpessoais, a ponto de muitas vezes cair no descrédito (FRANCISCO, 24 jan. 2019).

O convite de “ir e ver”, que acompanha os primeiros e comovedores encontros de Jesus com os discípulos, é também o método de toda a comunicação humana autêntica, diz Francisco na 55ª Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. O Papa convida par ir ao encontro das pessoas, ouvi-las, “gastar as solas dos sapatos” (FRANCISCO, 24 jan. 2021), apesar das inovações tecnológicas, porque, muitas vezes, os noticiários de televisão, rádio e *websites*, são pré-fabricados, distantes da vida real das pessoas.

Nessa mesma mensagem, Francisco diz que:

na comunicação, nada pode jamais substituir, de todo, o ver pessoalmente. Algumas coisas só se podem aprender, experimentando-as. Na verdade, não se comunica só com as palavras, mas também com os olhos, o tom da voz, os gestos. O intenso fascínio de Jesus sobre quem O encontrava dependia da verdade da sua pregação, mas a eficácia daquilo que dizia era inseparável do seu olhar, das suas atitudes e até dos seus silêncios. Os discípulos não só ouviam as suas palavras, mas viam-No falar. Com efeito, n'Ele – Logos encarnado – a Palavra ganhou Rosto, o Deus invisível deixou-Se ver, ouvir e tocar. Como escreve o próprio João (1Jo 11 1-3) (FRANCISCO, 24 jan. 2021).

Não obstante isso, Francisco salienta a grande possibilidade de que temos de evangelizar por meio da rede. A rede, com as suas inumeráveis expressões sociais, pode multiplicar a capacidade de relato e partilha: muitos mais olhos abertos sobre o mundo, um fluxo contínuo de imagens e testemunhos. A tecnologia digital dá-nos a possibilidade duma informação em primeira mão e rápida, muito útil; pensemos nas emergências em que primeiras notícias e mesmo as primeiras informações de serviço às populações viajam precisamente na web.

Convém ressaltar que a rede é um instrumento formidável, que nos responsabiliza a todos como utentes e desfrutadores. Potencialmente, todos podemos tornar-nos testemunhas de acontecimentos que de contrário seriam negligenciados pelos meios de comunicação tradicionais, oferecer a nossa contribuição civil, fazer ressaltar mais histórias, mesmo positivas. Graças à rede, temos a possibilidade de contar o que vemos, o que acontece diante dos nossos olhos, de partilhar testemunhos.

Diante da “Reforma digital”, a instituição eclesial, especialmente a partir das reflexões Papais, convocava e continua convocando toda a Igreja a uma resposta a tais processos, a uma espécie de “contrarreforma digital” por parte de todos os católicos, do clero às suas bases. Essa resposta iniciou de tal modo, ainda no Papado de João Paulo II (1978-2005).

Já na Mensagem de 2002, o pontífice afirmou que: “para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura do uso de seu potencial para proclamar a mensagem evangélica” (JOÃO PAULO II, 24 jan. 2002). Para o pontífice, “é importante que a comunidade cristã descubra formas muito especiais de ajudar aqueles que, pela primeira vez, entram em contato com a internet, a passar do mundo virtual do espaço cibernético para o mundo real da comunidade cristã” (2002, s/p). Trata-se de uma postura eclesial de desbravamento e reconhecimento de um “novo mundo”, na tentativa de convertê-lo (fazê-lo “passar”) ao “mundo real da comunicação cristã”.

No pontificado do Papa emérito Bento XVI (2005-2013), a Igreja aprofunda suas reflexões e ações pastorais em relação à internet, em um período histórico em que a digitalização já estava entremeada a todo o tecido social. Das oito mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, quatro delas são dedicadas especificamente ao fenômeno digital.¹²

Diante dos desafios que a comunicação contemporânea levanta à própria instituição eclesial, o Papa busca se posicionar, reagindo às demandas com um posicionamento e uma resposta concreta. Tal convocação visa convidar os católicos e católicas a assumir um “compromisso por um testemunho do Evangelho na era digital” e “anunciar, neste campo também [da web], a nossa fé” (BENTO XVI, 24 jan. 2011). Segundo Bento XVI, a resposta cristã à “Reforma digital” fundamenta-se não no “desejo de estar presente, mas porque esta rede tornou-se parte integrante da vida humana” (BENTO XVI, 24 jan. 2011).

Ao longo de suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, Bento XVI apelou à tal “Contrarreforma digital”, dirigindo-se, principalmente, a três grandes públicos: os jovens, o clero e os cristãos em geral. Primeiramente, o então pontífice exortou especialmente os jovens católicos “a levarem para o mundo digital o testemunho da sua fé”, pedindo para se sentirem “comprometidos a introduzir na cultura deste novo ambiente comunicador e informativo os valores sobre os quais assenta a vida de vocês” (BENTO XVI, 24 janeiro 2009).

Segundo o pontífice, o mundo digital está marcado pela facilidade de acesso a celulares e a computadores, junto com o alcance global e a onipresença. Diante disso, ele diz aos jovens que estão em sintonia com esses novos meios de comunicação que a eles compete, de modo particular, a tarefa da evangelização deste ‘continente digital’. Assim, diante da realidade de uma sociedade de mudança, o pontífice convocou a juventude católica a assumir uma importante tarefa eclesial no ambiente digital. Como em uma cruzada online, os jovens foram exortados a investir suas energias na entrada de um novo “território” a ser conquistado, e o Papa disse que acompanha eles com a sua oração e a sua bênção”.

¹² Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade (2009); O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos *media* ao serviço da Palavra (2010); Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital (2011); e Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização (2013).

Por outro lado, Bento XVI desperta também o clero¹³ para que se atente para o “limiar de ‘uma história nova’” (2010) marcada pela cultura digital. Para o pontífice, o “âmbito vasto e delicado da pastoral como é o da comunicação e do mundo digital [...] oferece ao sacerdote novas possibilidades para exercer o seu serviço à Palavra e da Palavra” (BENTO XVI, 24 jan. 2010). E aos presbíteros é pedida a capacidade de estarem presentes no mundo digital, especialmente, diante das suas “perspectivas sempre novas e, pastoralmente, ilimitadas” para a missão na Igreja (BENTO XVI, 24 jan. 2010). Segundo o Papa, quanto mais ampliadas forem as fronteiras pelo mundo digital, tanto mais o sacerdote será “chamado a se ocupar disso pastoralmente, multiplicando o seu empenho em colocar os médios ao serviço da Palavra” (BENTO XVI, 24 jan. 2010). O comprometimento solicitado é exponencial. Fica explícita a demanda por parte da hierarquia de um maior envolvimento dos clérigos nas novas práticas comunicacionais da sociedade, em vista dos objetivos eclesiais.

Quanto à Mensagem Reflexão sobre a “Reforma digital” nos vários níveis eclesiais, o Papa comenta que a Igreja resumia-se a meros discursos no passado, todavia, com o passar do tempo começou a se concretizar em práticas específicas, como resposta à convocação papal a uma “Contrarreforma”, em que a instituição investiu seus esforços em novas modalidades comunicacionais, especialmente nas plataformas sociodigitais. A ideia parecia ser a de mostrar que, embora guardião de uma tradição multissecular, a Igreja também conseguia falar as novas linguagens e traduzir a sua tradição e doutrina nas modalidades comunicacionais mais recentes.

A “contrarreforma digital” também foi concretizando-se em diversas iniciativas, tanto na Santa Sé quanto na Igreja do Brasil, que podem ser destacadas em alguns principais marcos históricos recentes:

- Janeiro de 2009. Criação do canal oficial em inglês do Vaticano no YouTube. Até meados de 2016, o serviço contava com mais de 140 mil inscritos.
- Dezembro de 2010. Lançamento do site do projeto Jovens Conectados, promovido pela Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude (CEPJ), da CNBB, para a divulgação das atividades dos jovens das mais diversas expressões eclesiais (pastorais, movimentos, congregações, novas comunidades).

¹³ O conjunto dos ministros ordenados da Igreja Católica, como sacerdotes e bispos, que detêm um vínculo institucional com a Igreja e uma função oficial de liderança das comunidades católicas.

- Junho de 2011. Envio do primeiro "tuíte Papal" da história, pelo Papa Bento XVI. O mesmo tuíte lançou o portal New.va. serviço criado para congregar as principais notícias produzidas pelos meios de comunicação vaticanos (como: Agência Fides, jornal L'Osservatore Romano, Sala de Imprensa da Santa Sé, Serviço de Informação do Vaticano, Rádio Vaticano, Centro Televisivo do Vaticano e Setor de Internet da Santa Sé).
- Março de 2012. Jovens conectados lança conta no Instagram. Até meados de 2016, o serviço contava com mais de 36 mil seguidores.
- Junho de 2012. Grande reformulação do site do Vaticano, reorganizando seus elementos e layout.
- Agosto de 2012. O Programa Brasileiro da Rádio Vaticano abre sua página do *Facebook*. Foi a primeira página de um departamento da Santa Sé nesta plataforma de rede social online. Até meados de 2016, a página contava com mais de 313 mil "curtidas".
- Dezembro de 2012. Papa Bento XVI lança sua primeira mensagem na sua conta pessoal no Twitter, @Pontifex. Até a sua renúncia, em fevereiro de 2013, o pontífice alemão somaria mais de 3 milhões de seguidores nas oito versões idiomáticas da conta.
- Janeiro de 2013. Papa Bento XVI dedica sua mensagem ao 47ª Dia Mundial das Comunicações ao tema Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização.
- Janeiro de 2013. Lançamento do The Pope, aplicativo oficial do Papa, um programa para download em celulares com conteúdo referentes ao pontífice e ao Vaticano, integrado com diversas plataformas, permitindo compartilhar informações via *Facebook*, Twitter ou e-mail.
- Março de 2013. Recém-eleito, Papa Francisco retoma a conta @Pontifex e envia o seu primeiro tuíte. Até meados de 2016, o Papa já havia superado a marca de 27 milhões de seguidores na soma das suas oito contas.
- Março de 2013. Papa Francisco grava a seu primeiro vídeo mensagem como pontífice, de uma série de muitas outras que se sucederam com o passar dos anos. O primeiro vídeo mensagem, justamente, abordava uma questão midiática-religiosa, pois se dirigia aos fiéis que assistiram, no dia 30, ao Sábado Santo.
- Março de 2013. Criação da conta oficial da Santa Sé no Instagram, "News va". Até meados de 2016, o serviço contava com mais de 73 mil seguidores.

- Março de 2014. Aprovação e publicação do Diretório de Comunicação da Igreja, da CNBB, com um capítulo exclusivo sobre “Igreja e mídia digitais”.
- Maio de 2014. Nova reformulação do site do Vaticano, apresentando um novo layout, contemplando destaques para a presença do pontífice no Twitter e Instagram.
- Setembro de 2014. Papa Francisco participa, de forma inédita para um pontífice, de um encontro via Google Hangout, plataforma de videoconferência via internet, para o lançamento do projeto digital Scholas Social, da rede *Scholas Ocurrentes*, promovidas pelo Papa para buscar uma maior conexão entre as escolas do mundo inteiro.
- Novembro de 2014. Criação do canal oficial em português do Vaticano no YouTube. Até meados de 2016, o serviço contava com quase 6 mil inscritos.
- Fevereiro de 2015. Papa Francisco e uma nova videoconferência via Google Hangout, desta vez com crianças portadoras de deficiência de escolas do Brasil, Espanha, Estados Unidos e Índia, novamente em parceria com o projeto *Scholas Ocurrentes*.
- Março de 2015. Jovens conectados cria grupo aberto no aplicativo de conversas por celular Viber, “experiência inédita de comunicação na Igreja do Brasil”, conforme sua divulgação.
- Junho de 2015. Entra em atividade a nova Secretaria para a Comunicação da Santa Sé, assumindo sob o seu comando todas as atividades de comunicação vaticana, como as contas @Pontifex.
- Outubro de 2015. Jovens conectados lançam conta no aplicativo de conversa por celular Snapchat, focado em fotos e vídeos.
- Janeiro de 2016. O Apostolado da Oração, organização de leigos católicos, também chamada de Rede Mundial de Oração do Papa, lança o projeto Vídeo do Papa, no qual, mensalmente, o Papa Francisco explica, em primeira pessoa, as suas tradicionais intenções de oração para o mês em questão.
- Julho de 2016. Lançamento do aplicativo para smartphones DoCat, também disponível em formato impresso. Trata-se de um manual que apresenta a doutrina social da Igreja em linguagem jovem e digital, traduzido inicialmente para mais de 30 idiomas.

Esses marcos não são uma cronologia exaustiva de toda a aproximação da Igreja ao ambiente digital, até porque, ao longo do tempo, outros departamentos eclesiais vaticanos e brasileiros também foram promovendo outras iniciativas do

gênero. Estes eventos revelam que a Igreja-instituição buscou fortalecer sua presença oficial na internet, cuja constituição não foi neutra e nem automática. Para a sua ocorrência, ela precisou atualizar seus processos comunicacionais internos e externos para dar conta de uma nova complexidade social simbólica que emergia a partir dos desdobramentos das práticas comunicacionais digitais.

Historicamente, as instituições religiosas, como a Igreja Católica, possuíam o controle da sua “mensagem” e dos meios de sua transmissão, como intermediárias entre a produção do saber e a sua difusão na sociedade. Quem se interpusesse nessa intermediação corria o risco de ser considerado herege, ser listado no *Index*¹⁴ ou mesmo ser queimado nas fogueiras. O exercício da censura e da repressão esteve presente em um período bastante extenso e intenso da história cristã mediante a instituição da Inquisição. A mensagem certa, veiculada pelas pessoas certas, no meio certo garantia a fixação das crenças e da tradição religiosas.

Vivemos na “civilização da imagem”, na cultura digital. Trata-se de uma cultura que se comunica pela imagem, pelo som e pelos dígitos. A comunicação entre as pessoas é, em grande parte, mediada pelas tecnologias, e o contato pessoal tem ficado em segundo ou terceiro plano. A impressão que se tem é de que ela é só “dos meios”, pela intensidade com que faz parte do cotidiano. Em síntese, a comunicação é processo relacional, seja na forma presencial, intrapessoal, interpessoal, grupal ou a distância, mediada pelas tecnologias. O conceito adotado aqui é o da relação das pessoas consigo mesmas e, sobretudo, com o outro, uma comunicação que liberta, quando a pessoa consegue se relacionar com o outro enquanto sujeito.

¹⁴ Uma interessante reconstrução da origem, da atuação e do desaparecimento do *Index* foi feita pelo jornalista Marco Ventura. Disponível em: <http://goo.gl/YSUq3t>.

4 COMUNICAÇÃO DA FÉ, CULTURA E DESAFIOS NA EVANGELIZAÇÃO NA IGREJA DA AMAZÔNIA

Neste capítulo, a atenção volta-se mais especificamente para a comunicação da fé na Igreja da Amazônia. O texto inspira-se na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia - Ao Povo de Deus e a todas as Pessoas de Boa Vontade*, do Papa Francisco, publicada em 2020, onde enfatiza:

Tudo o que a Igreja oferece deve encarnar-se de maneira original em cada lugar do mundo, de modo que a Esposa de Cristo adquira rostos multiformes que manifestam melhor a riqueza inesgotável da graça. Deve encarnar-se a pregação, deve encarnar-se a espiritualidade, deve encarnar-se as estruturas da Igreja (QA 6).

Francisco propõe uma eclesiologia encarnada, “uma Amazônia que integre e promova todos os seus habitantes, para poderem *bem viver*” (QA 8). Nesse sentido, apela para integrar na abordagem social a abordagem ecológica, “para ouvir *tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres* (LS 49)” (QA 8). O grande desafio consiste, em propor um novo sistema social e cultural para os povos originários e as comunidades cristãs locais, que privilegie a fraternidade, o diálogo, “em um quadro de reconhecimento e valorização das diferentes culturas e dos ecossistemas, capaz de se opor a todas as formas de discriminação e domínio entre os seres humanos” (QA 22).

A região Amazônica é multicultural e transcultural. Os povos que nela vivem possuem uma identidade cultural e uma riqueza única. Assim, promover a Amazônia, “não implica colonizá-la culturalmente, mas sim contribuir de modo que ela própria revele o melhor de si” (QA 28). Querida Amazônia, nos alerta para evitar de considerar os povos indígenas como “‘selvagens não civilizados’, simplesmente criaram culturas diferentes e outras formas de civilização, que antigamente registraram um nível notável de desenvolvimento” (QA 29).

É preciso superar visões estereotipadas que tentam esconder a vida real da Amazônia e seus povos e considerar suas cosmovisões e experiências religiosas e de fé. Este é um dos desafios que a Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM, tenta responder. Para isso, é necessário que os povos tomem a palavra, pois a melhor maneira de comunicar a defesa da Amazônia e a dignidade de seus povos é ouvir seus protagonistas.

Estudos mostram que o eixo de comunicação da REPAM está sendo um nexo de união que nos últimos anos tenta articular o trabalho de diferentes meios de comunicação e instituições, muitos deles ligados com a Igreja, que contribui para recolher as vozes da Amazônia. Nesse sentido, a mídia comunitária ajuda a conhecer as experiências que têm como protagonistas os povos, contrapondo-se à informação da grande mídia, cujo discurso responde aos interesses globais.

4.1 CAMINHOS DE EVANGELIZAÇÃO A PARTIR DAS COSMOVISÕES DO POVOS DA AMAZÔNIA

O primeiro caminho apontado na Querida Amazônia, no contexto de evangelização dos povos originários, é que os meios de comunicação façam o possível para que as cosmovisões sejam interpretadas a partir da voz e visão destes povos. Para Francisco, “é preciso amar as raízes e cuidar delas, porque são um ponto de enraizamento que nos permite crescer e responder aos novos desafios” (QA 33). Ele convida os jovens, especialmente os indígenas, a “assumir as raízes, pois das raízes provém a força que [os] fará crescer, florescer e frutificar’ (QA 33). O Pontífice acrescenta:

Durante muitos séculos, os povos originários da Amazônia transmitiram a sua sabedoria cultural oralmente, através de mitos, lendas, narrações, como sucedia com ‘aqueles primitivos jograis que percorriam as florestas contando histórias de aldeia em aldeia, mantendo assim viva uma comunidade que, sem o cordão umbilical destas histórias, a distância e a falta de comunicação teriam fragmentado e dissolvido’. Por isso, é importante ‘deixar que os idosos contêm longas histórias’ e que os jovens se detenham a beber desta fonte (QA 34).

Francisco insiste sobre a necessidade de a Igreja ofertar a possibilidade para que cada povo comece “a escrever para contar as suas histórias e descrever o significado dos seus costumes” (QA 35). A insistência dele é para o povo não perder sua riqueza cultural e, além disso, para que eles próprios possam “reconhecer explicitamente que há algo mais do que uma identidade étnica e que são depositários de preciosas memórias pessoais, familiares e coletivas” (QA 35).

Nesse sentido, a base do problema está em compreender o que é a evangelização, que não pode ser uma tentativa de converter, e sim ouvir as pessoas

e fazer um diálogo evangélico, que não quer converter naquilo em que acreditamos, que não impõe.¹⁵

No Sínodo da Amazônia, a Igreja preocupou-se e destacou a importância do encontro intercultural, da comunicação nos territórios, principalmente para os povos indígenas. Com o mundo globalizado e complexo, desenvolveu uma rede de informações sem precedentes. Entretanto, tal fluxo instantâneo da informação não leva à melhor comunicação ou conexão entre os povos indígenas. Não obstante, uma das metas da Igreja Amazônica é promover uma cultura comunicativa que favoreça o diálogo, a cultura do encontro e o cuidado da “Casa Comum”, motivada por uma ecologia integral, que possa fortalecer os espaços comunicacionais existentes na região, a fim de promover urgentemente uma conversão ecológica integral.

A Igreja Católica, assim como as demais instituições religiosas e não religiosas, começa a se inserir no mundo digital. Atualmente, são inúmeros sites católicos que disponibilizam velas, terços, Bíblia virtuais, além de vídeos com celebrações litúrgicas, homilias, músicas religiosas e outros. Os dispositivos móveis também já têm espaço nas redes sociais.

A Bíblia já pode ser lida e o terço rezado por meio de um telefone celular ou um tablet, por exemplo.

Essa chegada da religião ao mundo digital vem causando curiosidade em muitos pesquisadores, que começam a estudar o impacto que as tecnologias causam em instituições religiosas e como estas devem não só utilizar, mas também pensar o ambiente digital (PUNTEL, 2011).¹⁶

Atualmente, muitos estudiosos analisam o real desafio de as religiões entrarem no mundo da *Web 4.0*.

Como já explicitado anteriormente, a Igreja para ser fiel a Jesus comunicador, precisa inserir-se na vida do povo, que é construída cada vez mais pela cultura midiática, que tem expressiva influência nos relacionamentos humanos,

¹⁵ Assim se refere o Concílio Vaticano II, no n. 44 da Constituição *Gaudium et spes*, quando diz: “[A Igreja] aprendeu, desde os começos da sua história, a formular a mensagem de Cristo por meio dos conceitos e línguas dos diversos povos, e procurou ilustrá-la com o saber filosófico. Tudo isto com o fim de adaptar o Evangelho à capacidade de compreensão de todos e às exigências dos sábios. Esta maneira adaptada de pregar a palavra revelada deve permanecer a lei de toda a evangelização. Deste modo, com efeito, suscita-se em cada nação a possibilidade de exprimir a mensagem de Cristo segundo a sua maneira própria, ao mesmo tempo que se fomenta um intercâmbio vivo entre a Igreja e as diversas culturas dos diferentes povos”.

¹⁶ Entrevista concedida à Revista IHU ONLINE no dia 24 de outubro de 2011.

especialmente na afetividade, no imaginário, na canalização dos sonhos, desejos e ambição na formação de valores, hábitos e costumes formadores da opinião pública.

A evangelização tem que partir de cada um de nós: Bispos, Sacerdotes, Diáconos, leigos e leigas. A Igreja não pode ficar apenas nos templos (Papa Francisco) nos indicou o caminho: ser uma Igreja em saída. Hoje a Igreja disponibiliza vários documentos que nos orientam para uma evangelização mais dinâmica, servindo-nos dos meios de comunicação presentes em todos os lugares, facilitadores para recolher a experiência da vida povo, sua identidade e sua história. Francisco assegura que “cuidar dos valores culturais dos grupos indígenas deveria ser interesse de todos, porque a sua riqueza é também a nossa” (QA 37). Diante disso, emerge a necessidade de formar-se para a “corresponsabilidade pela diversidade que embeleza a nossa humanidade, não se pode pretender que os grupos do interior da floresta se abram ingenuamente à ‘civilização’” (QA 37).

Na Amazônia, a experiência mostra-nos que:

mesmo entre os distintos povos nativos, é possível desenvolver ‘relações interculturais onde a diversidade não significa ameaça, não justifica hierarquias de um poder sobre os outros, mas sim diálogo a partir de visões culturais diferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança’ (QA 38).

Na *Laudato Sí* (2015), o Papa Francisco questiona-nos sobre o mundo que pretendemos construir. O Pontífice insiste na necessidade de aprender com os povos indígenas, que mantêm uma relação harmoniosa com a natureza. Ele também nos incentiva a construir outro mundo que contenha um paradigma de consumo diferente.

Nesse sentido, referindo-se à presença na Amazônia de muitos povos e do crescente crescimento dos meios de comunicação, adverte que é preciso cuidar da obsessão com o proselitismo, “ir para aprender, para ouvir, pois a evangelização não é ganhar seguidores é sim criar um mundo com os valores do Evangelho” (MINAS, apud IHU ONLINE, 2019), criticando a atitude de alguns meios da Igreja, que caíram no proselitismo.

Ao falar sobre a comunicação, ele insiste que a comunicação deve ser planejada, fazendo diagnósticos e gerenciamento de comunicação, e que deve se realizar um trabalho de desconstrução frente à grande mídia. Junto com isso, é preciso ressaltar que a Igreja, com o Sínodo para a Amazônia (2019-2020), teve a coragem

de assumir uma questão importante a partir de um conteúdo humano e social: a comunicação.

Atualmente, há um crescente número de paróquias, dioceses, congregações religiosas e instituições ligadas a programas e organizações de todos os tipos que recorrem efetivamente à Internet para realizar sua missão evangelizadora e ou para outras finalidades. Em alguns lugares, já existem projetos criativos financiados pela Igreja, tanto em nível nacional como regional.

A Santa Sé, como acenamos no capítulo anterior, tem sido ativa neste setor - já há vários anos divulga seu conteúdo e continua a crescer e a desenvolver a sua presença na Internet. Grupos ligados à Igreja, que ainda não deram passos decisivos para entrar no espaço cibernético, são encorajadas a considerar a possibilidade de o fazer o quanto antes.

A partir do Novo Milênio, a Igreja busca desenvolver um diálogo com a nova cultura midiática e avança empreendendo novos caminhos para a evangelização, traçando diretrizes renovadas para suas pastorais. Ela escuta os “sinais dos tempos”, para a valorização da continuidade da obra da criação através das invenções da inteligência humana e é atenta aos paradigmas, especialmente no que concerne às novas relações estabelecidas entre o ser humano e as novas tecnologias. Neste sentido, elabora dois documentos sobre a cultura digital: *Ética na Internet* (2000), *Igreja e Internet* (2002), ambos publicados pelo Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais.

São João Paulo II, na 36ª Mensagem para o Mundial Das Comunicações Sociais (24 jan. 2002, 3), afirma que, embora a internet nunca substitua a “profunda experiência de Deus, que só a vida concreta, litúrgica e sacramental da Igreja pode oferecer”, ela certamente pode contribuir “com um suplemento e um apoio singulares, tanto preparando para o encontro com Cristo na comunidade como ajudando o novo crente na caminhada de fé, que então tem início”. Também fala da “oferta de um fluxo quase infinito de informação” na internet que, assim, “volta a definir a relação psicológica da pessoa com o tempo e o espaço” (JOÃO PAULO II, 24 jan. 2002, 4). Afirma, neste sentido, o intercâmbio de ideias e de informações acerca da Internet, entre aqueles que já tinham experiência neste campo e os principiantes.

Assim sendo, a Internet é uma realidade que já faz parte da vida cotidiana: não é uma opção, mas um fato. A rede, hoje, apresenta-se com um tecido conectivo das experiências humanas. Ela não é um instrumento. As tecnologias da comunicação,

portanto, estão criando um ambiente digital em que o ser humano aprende a se informar, a conhecer o mundo, a estreitar e a manter vivas as relações, contribuindo para definir também um modo de habitar o mundo e organizá-lo, guiando e inspirando os comportamentos individuais.

Por isso, “o ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens” (BENTO XVI, 24 jan. 2013). A evangelização não pode ignorar essa realidade. O Concílio Vaticano II nos recorda: “Para o reto uso destes meios é absolutamente necessário que todos os que servem deles conheçam e ponham fielmente em prática neste campo, as normas da ordem moral” (IM 4). Além disso, o princípio ético fundamental consiste em que: “A pessoa e a comunidade humanas são a finalidade e a medida do uso dos meios de comunicação social: a comunicação deveria realizar-se de pessoa a pessoa, para o desenvolvimento integral das mesmas” (ECS 21). Assim sendo, são os comunicadores que devem em primeiro lugar colocar em prática nas suas vidas os valores e atitudes que são chamados a cultivar nos demais.

4.2 A COMUNICAÇÃO NA IGREJA DA AMAZÔNIA E SUAS REPERCUSSÕES

O Sínodo da Amazônia é um momento propício para fortalecer e continuar o trabalho de comunicação entre as diferentes instituições, especialmente em o que se refere a quebrar as fronteiras tecnológicas, para que a Amazônia possa ter acesso a novas tecnologias, o que exige uma estratégia para criar leis de comunicação que favoreçam as tecnologias de comunicação chegarem a todos os cantos dos países.

Papa Francisco juntamente com os bispos da região amazônica não hesitam afirmar que dentro da Igreja Amazônica ainda existem “formas coloniais de ser Igreja, impositivas”, “de costas para a realidade” (QA 28; 39). A comunicação não está separada da defesa dos territórios.

Em qualquer projeto para a Amazônia é preciso assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que o desenvolvimento dum grupo social [...] requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais a partir da sua própria cultura. Nem mesmo a noção da qualidade de vida se pode impor, mas deve ser entendida dentro do mundo de símbolos e hábitos próprios de cada grupo humano (QA 40).

Nesta perspectiva, o Sínodo da Amazônia nos mostrará uma luz sobre as relações da Igreja com os povos, para quem é necessário estar conectado com a base de nossos povos.

Na Amazônia, encontram-se milhares de comunidades de indígenas, afrodescendentes, ribeirinhos e habitantes das cidades que, por sua vez, são muito diferentes entre si e abrigam uma grande diversidade humana. Deus manifesta-Se, reflete algo da sua beleza inesgotável através dum território e das suas características, pelo que os diferentes grupos, numa síntese vital com o ambiente circundante, desenvolvem uma forma peculiar de sabedoria (QA 32).

Nesse sentido, Francisco vê um desafio na criação de um tecido intermediário, e aponta que há uma crescente concentração populacional nos centros urbanos, onde o trabalho da Igreja também é centrado. De lá, ele chama a atenção para o distanciamento do mundo rural, uma realidade que deve ser acompanhada como Igreja.

Além disso, o Sínodo dos Bispos (2019) ressalta que os protagonistas do cuidado, da proteção e da defesa dos direitos dos povos e dos direitos da natureza nesta região são as próprias comunidades amazônicas. Elas são os agentes de seu próprio destino, de sua própria missão. As comunidades expressaram claramente que desejam que a Igreja as acompanhe, caminhe com elas e não imponha uma maneira particular de ser, um modo específico de desenvolvimento que pouco tem a ver com suas culturas, tradições e espiritualidades. Elas sabem como cuidar da Amazônia, como amá-la e protegê-la; o que elas precisam é que a Igreja as apoie (INSTRUMENTUM LABORIS, 2019, 74).

A história da evangelização da Amazônia teve seu início com a chegada dos primeiros missionários Franciscanos da Província de Santo Antônio, em 1617. Mais tarde, em 1626 chegaram os Carmelitas e em 1639 os Mercedários¹⁷, que eram espanhóis, seguidos pelos Jesuítas em 1652, os Franciscanos da Província da Piedade, em 1693 e os Franciscanos da Província da Conceição em 1706. Do delta do Amazonas ao Alto-Solimões e ao Alto-Rio Negro – distância equivalente a 3.000 Km a oeste (quase não se encontram missionários na direção norte-sul) – centenas de missionários plantaram a Cruz de Cristo.

¹⁷ A ordem Real, Celestial e Militar de Nossa Senhora das Mercês para a Redenção dos Cativos, também conhecida como Ordem de Nossa Senhora das Mercês, é uma Ordem Romano Católica Medicante fundada em 1218 por São Pedro Nolasco na cidade de Barcelona.

Missões ou aldeamentos, colégios, fazendas e engenhos, que davam o suporte econômico, foram os “lugares” da evangelização e da catequese do mundo indígena amazônico. A atuação dos religiosos foi significativa para a formação dos primeiros núcleos populacionais da Amazônia, estabelecendo um modelo urbano que se consolidou em todo o interior amazônico. Com a criação do Bispado de Belém em 1719, o clero diocesano passou a ter o seu lugar na tarefa de estabelecer a Igreja na região através das poucas paróquias criadas em locais de maior concentração populacional: Belém, Cametá, Vigia, Tefé, Alvelos, Santarém, entre outras.

A Igreja na Amazônia, diante dos desafios que a realidade apresenta, tem dado sinais de sua vitalidade e de sua mais profunda comunhão com aqueles que neste contexto são a massa excluída dos planos econômicos voltados para a região. Depois do Encontro do CELAM em Medellín, na Colômbia, em 1968, a Igreja na América Latina assumiu oficialmente a adaptação da renovação conciliar à realidade do Continente. Essa nova proposta eclesiológica repercutiu na Amazônia. Tudo isso deu um novo impulso à ação evangelizadora em andamento e favoreceu o crescimento de uma Igreja mais local, ministerial e laical, demonstrando um grande amadurecimento da sua caminhada.

Nestes últimos tempos, a Igreja vem ocupando-se em fortalecer seu apoio e sua participação na melhoria da qualidade da vida ética e espiritual das pessoas tendo presente uma visão integral do ser humano. A Igreja é chamada a dar atenção primária às comunidades afetadas por danos socioambientais. Emerge a necessidade de formação de agentes pastorais e ministros ordenados com sensibilidade socioambiental. Trata-se de criar uma Igreja que navegue rio adentro e faça seu caminho pela Amazônia, promovendo um estilo de vida em harmonia com o território e, ao mesmo tempo, com o “bem viver” dos que ali habitam (QA 8).

Tudo isso levou a Igreja da Amazônia a pensar uma comunicação em que todos possam trabalhar juntos, a REPAM, a Igreja e os povos, fortalecendo uma rede de comunicadores da Amazônia, com características próprias, baseada em processos construtivos, deixando de lado as visões coloniais. Mas isso só será possível à medida que aqueles que vão para a Amazônia sejam sensíveis à ecologia humana, capaz de revelar o sofrimento e a dor do povo, e fiquem atentos às suas demandas. Este processo permite desenvolver as várias conexões com toda a Amazônia e melhorar sua comunicação.

Do Sínodo dos Bispos (INTRUMENTUM LABORIS, 2019, 61) aos dias de hoje, a Igreja, junto com outras entidades vinculadas à CNBB, buscou-se encontrar respostas que permitam ajudar a superar os desafios daqueles que trabalham no mundo da comunicação e, ao mesmo tempo, que, a partir da dimensão comunicativa, formulem-se estratégias de atuação no cuidado e defesa da Casa Comum. Na opinião de Francisco,

uma Igreja de rostos amazônicos requer a presença estável de leigos responsáveis, maduros e dotados de autoridade¹⁸, que conheçam as línguas, as culturas, a experiência espiritual e o modo de viver em comunidade de cada lugar, ao mesmo tempo que deixem espaço à multiplicidade dos dons que o Espírito Santo semeia em todos. Com efeito, onde houver uma necessidade peculiar, Ele já infundiu carismas que permitam dar-lhe resposta. Isso requer na Igreja capacidade para abrir estradas à audácia do Espírito, confiar e concretamente permitir o desenvolvimento de uma cultura eclesial própria, *marcadamente laical*. Os desafios da Amazônia exigem da Igreja um esforço especial para conseguir uma presença capilar que só é possível com um incisivo protagonismo dos leigos (QA 94).

Tampouco podem ser esquecidas as comunidades de base, que “sempre souberam integrar a defesa dos direitos sociais com o anúncio missionário e a espiritualidade, foram verdadeiras experiências de sinodalidade no caminho evangelizador da Igreja na Amazônia” (QA 96).

Ao mesmo tempo, não se pode deixar de fortalecer o que torna realidade uma comunicação democrática a partir dos valores cristãos. Tampouco pode ser esquecida a consolidação de líderes comunitários e de processos participativos de transformação social e incidência política. Muitas vezes, as comunidades de base “têm ajudado a formar cristãos comprometidos com a sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunho da entrega generosa, até derramar o sangue de muitos dos seus membros” (DAP 178; QA 96).

Com o Sínodo da Amazônia abriram-se as portas para a chegada de um ar renovado e fresco para os apelos da Igreja à missionariedade. Nas exortações apostólicas e nas cartas encíclicas, Francisco demonstra que o tempo é maior que o espaço e assevera, nos seus atos, que o espaço é de fato atingível e encurtado. A Igreja distante exige aproximação por uma conversão pastoral. Os meios de comunicação como a TV, a Internet e as últimas invenções tecnológicas vêm de

¹⁸ É possível, por escassez de sacerdotes, que o Bispo confie uma “participação no exercício do serviço pastoral da paróquia [...] a um diácono ou a outra pessoa que não possua o caráter sacerdotal, ou a uma comunidade” (CAT, 517).

encontro com os novos projetos de evangelização. Assim sendo, a Igreja possui um papel importante na formação e informação.

O programa Católico em Missão¹⁹ surge como uma resposta aos documentos da Igreja, mas também com um apelo à Igreja Instituição, à comunidade e ao leigo para que todos estejam mais inseridos e conectados aos meios de comunicação social. O mais importante é a contribuição dos meios de comunicação para uma evangelização no território missionário da Amazônia, principalmente pelas dificuldades da distância entre os locais onde moram os ribeirinhos e os indígenas. Por isso, a importância de se chegar a estas comunidades através dos meios de comunicação, quando é possível.

A abertura que Francisco promove para a escuta dos povos originários exige dos “discípulos missionários”, uma conversão que “comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus” (LS 217). Trata-se não apenas de uma conversão pessoal, mas comunitária, que nos comprometa a uma relação harmoniosa com a obra criativa de Deus, que é a “Casa Comum”. Convém que seja uma conversão que promova a criação de estruturas em harmonia com o cuidado da criação; uma conversão pastoral baseada na sinodalidade, que reconheça a interação de tudo o que foi criado; uma conversão que nos leve a identificar novos caminhos para a evangelização, novos caminhos para ser uma Igreja em saída, que entre no coração de todos os povos da Amazônia perspectivas de um futuro sereno (INSTRUMENTUM LABORIS, 2019, 18).

Francisco propôs uma “Igreja samaritana” para a Amazônia, encarnada na maneira como Filho de Deus se encarnou: “Ele assumiu as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças” (Mt 8,17b). Aquele que ficou pobre para nos enriquecer com sua pobreza (2Cor 8,9), por meio de seu Espírito, exorta os discípulos missionários de hoje a encontrar todos, especialmente os povos originários, os pobres, os excluídos da sociedade.

Convém ressaltar que uma Igreja samaritana inspira-se no modelo do bom samaritano, segundo a parábola contada por Jesus (Lc 10, 29-37). É uma Igreja que não passa ao largo daqueles que estão tombados à beira do caminho. E é isso que se verifica nas comunidades, que desde o início da pandemia foram se reinventando

¹⁹ O Projeto Programa Católicos em Missão é de autoria da Jornalista e produtora audiovisual, Deiny Sousa. Ele foi criado em 2011 na cidade de Manaus, Amazonas. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/CatolicosEmMissao>.

para viver a fraternidade e o amor pelos mais pobres, excluídos, que sofrem a margem das estradas (FT 66, 69).

Além disso, faz-se necessária uma Igreja Madalena, que se sinta amada e reconciliada, que anuncie com alegria e convicção Cristo crucificado e ressuscitado. Uma Igreja Mariana que gere filhos para fé e os eduque com amor e paciência, aprendendo também com riqueza do povo. Queremos ser uma Igreja servidora, querigmática, educadora, inculturada no meio dos povos que servimos (INSTRUMENTUM LABORIS, 2019, 22).

A ação evangelizadora da Igreja deve começar justamente a partir do reconhecimento da alteridade. Projeta uma Igreja sem receios de se encontrar com o diferente, destaca a importância da samaritanidade, que ultrapassa a igualdade e, mesmo a liberdade. Junto com isso, nos leva a refletir sobre a importância do diálogo e da escuta, sem, contudo, esquecer, que para escutar é necessário ser povo, estar no meio das realidades, escutar os sonhos (QA 7).

Papa Francisco, no rastro de Francisco de Assis, propõe como base a cultura do encontro, da partilha, da comunhão e da fraternidade.

A Igreja, com a sua longa experiência espiritual, a sua consciência renovadora sobre o valor da criação, a sua preocupação com a justiça, a sua opção pelos últimos, a sua tradição educativa e, a sua história de encarnação em culturas tão diferentes de todo o mundo, deseja, por sua vez, prestar a sua contribuição para o cuidado e o crescimento da Amazônia (QA 60).

É, por isso, que a evangelização será sempre, real ou potencialmente, crítica da cultura e, muitas vezes, um processo contracultural, ou seja, de denúncia profética. Mas, para chegar a essa relação dialógica, mediada pela verdade do Evangelho, os interlocutores necessitam se deixar guiar pela honestidade e integridade, condição indispensável para escutar e sintonizar para além das próprias discrepâncias.

As necessidades e angústias que clamam do coração da Amazônia “atestam que é possível responder a partir de organizações sociais, recursos técnicos, espaços de debate, programas políticos [...] e tudo isso pode fazer parte da solução” (QA 62). O anúncio do Evangelho é indispensável na Amazônia e, como cristãos, não podemos renunciar “à proposta de fé que recebemos do Evangelho”(QA 62). É necessária, portanto, uma comunicação que saiba atualizar e diversificar seus meios e mediações diante de cada novo contexto e situação.

Já o Documento de Puebla²⁰ fazia referência aos rostos que habitam a América Latina e observava que havia, nos povos originários, uma miscigenação que cresceu e continua a crescer com os encontros e os desencontros das diferentes culturas que fazem parte do continente. Este é o rosto, também da Igreja na Amazônia. É um rosto encarnado em seu território, que evangeliza e abre caminhos para que os povos sintam-se acompanhados em diferentes processos da vida evangélica.

Além disso, existe um renovado sentido missionário por parte dos integrantes dos mesmos povos, realizando a missão profética e samaritana da Igreja, a qual deve ser fortalecida com a abertura ao diálogo com outras culturas. Somente uma Igreja missionária inserida e inculturada fará surgir as igrejas particulares autóctones, com rosto e coração amazônico, enraizada nas culturas e nas tradições do povo, unida a mesma fé em Cristo e diversificadas em seu modo de vivê-la, expressá-la e celebrá-la (INSTRUMENTUM *LABORIS*, 2019, 42).

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho que, por meio dela, deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida com a nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser proposto com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiá-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia (FRANCISCO, 2016).

Em Paulo VI, encontramos uma das mais belas definições do que significa evangelizar a cultura.

Chegar a atingir e como que modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação [...] Importa evangelizar – não de maneira decorativa, como aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até as raízes – a cultura e as culturas do ser humano [...] (EN 19; 20).

²⁰ No dia 28 de janeiro de 1979, no Seminário Palafoxiano de Puebla de los Angeles, teve lugar a inauguração da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, presidida pessoalmente pelo Santo Padre João Paulo II. O Vigário de Cristo pronunciou o discurso inaugural que, sem dúvida, assinalou o caminho e o espírito decisivo para essa histórica Conferência.

Na evangelização das culturas deve haver um profundo respeito pela identidade de cada uma delas. Quando a Igreja anuncia o evangelho e o povo acolhe a fé, a Igreja se encarna nesse povo e assume sua cultura. Assim, a evangelização não é um processo de destruição, mas de consolidação e fortalecimento dos valores, o que é “uma contribuição do crescimento dos germes do Verbo presente nas culturas” (Dap 401). Encarnar-se significa impregnar de fé o sentido do trabalho e da festa. Essa encarnação da cultura é fundamental na nossa realidade latino-americana, realidade das culturas indígenas, afro-americanas e mestiças, que hoje sofrem o impacto da civilização urbana-industrial. Diante de uma cultura universal em ascensão, importa questionar a tendência ao nivelamento e à uniformidade e “uma injusta e lesiva supremacia e domínio de uns povos ou setores sociais sobre outros povos ou setores” (Dap 427).

Já no paradigma “evangelização inculturada”, o processo de evangelização parte dos povos e suas culturas. Distanciando-se da referida miopia etnocêntrica de um agente exógeno, parte-se do pressuposto que o sujeito no processo de evangelização não é quem leva o Evangelho, que deve apenas desempenhar o papel de mediador entre o Evangelho e a cultura, mas aquele que o recebe, dado que a Mensagem revelada é sempre recebida segundo o modo do receptor. Consequentemente, “como o Evangelho sempre se encontra encarnado em culturas concretas, o processo de evangelização inculturada dá-se essencialmente no encontro de culturas, num diálogo intercultural” (BRIGHENTI, 1998, p. 10-23; MIRANDA, 2001). Trata-se de um encontro de culturas mediadas pelo Evangelho, mais precisamente entre a culturas de quem leva a mensagem e a cultura daqueles que a recebem (SUESS, 1995).

Em consequência e entre quem leva e quem recebe a mensagem, estabelece-se um processo de evangelização mútua. Por um lado, quem recebe a mensagem é convidado a deixar-se impregnar por ela e, por outro, quem a leva precisa confrontar sua própria versão de cristianismo com a versão elaborada pelo outro. Nenhuma cultura esgota as possibilidades do humano e é capaz de abarcar a superabundância de sentido da Revelação, podendo sempre se enriquecer no encontro com o Evangelho.

De tal modo, conforme aponta o documento final da Assembleia Especial dos Bispos para a Região Pan-Amazônica, “a Igreja na Amazônia é chamada a caminhar

no exercício do discernimento [...] comunitário [pois este] nos permite descobrir o chamado que Deus faz ouvir em cada situação histórica particular” (INSTRUMENTUM LABORIS, 2019, 90).

Destaca-se, ainda, a importância dada à Assembleia, visto que:

Esta Assembleia é um momento de graça para exercitar a escuta recíproca, o diálogo sincero e o discernimento comunitário para o bem comum do povo de Deus na região, continuar caminhando sob a impulso do Espírito Santo nas pequenas comunidades, nas paróquias, nas dioceses, nos vicariatos, nas ‘prelazias’ e em toda a região (INSTRUMENTUM LABORIS, 2019, 90).

Diante disso, é possível afirmar que na comunidade cristã o Espírito Santo é o agente principal da comunhão, pois ele tem a missão de guiar, ensinar, inspirar para o conhecimento e o exercício da verdade, como diz Jesus no Evangelho de João: “Mas o Defensor, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14,26); “Quando vier o Espírito de verdade, este vos conduzirá em toda a verdade” (Jo 16,13). O Espírito, portanto, ensina, recorda, instrui, comunica, faz compreender, leva o conhecimento da verdade, requisitos fundamentais de uma atividade comunicativa para os discípulos missionários na comunidade cristã e na sociedade.

Com efeito, o Espírito Santo é o dom gratuito do Pai pelo Filho, que fecunda toda ação comunicativa e age a partir da interioridade. Ele é o agente central da comunicação e a ele estão associados o amor e a comunhão. O Espírito é o agente central da comunicação de Deus com o ser humano, da comunhão na Igreja e da atividade missionária, enquanto animador da atividade comunicativa e evangelizadora da Igreja.

Portanto, a evangelização é um anúncio-testemunho para o outro. Evangelizar é deixar-se alicerçar no Evangelho – Jesus viveu voltado para o outro, descentrado de si – e viveu voltado para a missão do Pai. Evangelizar é vivenciar o amor de Deus (Ágape) através do amor humano autêntico experimentado na relação com o outro, simplesmente porque ele é pessoa, ser humano livre, criatura amada por Deus como cada um de nós.

Por conseguinte, a nova evangelização, explicitada na *Evangelii Gaudium*, exige, de todo cristão, atitudes de fé, conversão, coragem para comunicar a boa nova do Evangelho em um mundo em constante transformação. A comunicação da fé

precisa ser sustentada “com a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a sua amizade e a sua mensagem” (EG 266). Para Francisco explicita que:

Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-lo, adorá-lo, descansar n’Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho, em vez de fazê-lo unicamente com a própria razão. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa. É por isso que evangelizamos (EG 266).

Em vista disso, o verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha, fala, respira e trabalha com ele, pois ele mesmo disse: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). Mas esse anúncio deve ser querigmático, ou seja, deve comprometer todo o ser da pessoa que transmite a mensagem salvífica contida nos Evangelhos. Deve ser testemunho de fé vivida na comunhão (Koinonia) simbolizada na partilha do pão eucarístico, realizado na assembleia reunida (*ekklesia*) em nome de Jesus Cristo, pão que é presença real de Cristo e que permite que os membros da assembleia coloquem-se em comunhão com Cristo. Ao se fazer presente no pão partilhado, Cristo revela-nos a intenção comunitária, universal e relacional da salvação.

4.3 NÃO NOS ENVERGONHAMOS DE JESUS CRISTO: COMUNICANDO A FÉ

O Documento Querida Amazônia enfatiza que: “A Igreja é chamada a caminhar com os povos da Amazônia” (QA 61). Mas, para desenvolver uma Igreja com um rosto amazônico, é preciso crescer numa cultura do encontro, na busca de uma “harmonia pluriforme”. Todos têm o direito ao anúncio do Evangelho Cristo, “sobretudo àquele primeiro anúncio que se chama querigma e é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar duma forma ou doutra” (QA 64).

Papa Francisco assevera que o anúncio de Cristo deve ressoar constantemente na Amazônia, e deve ser expresso em muitas modalidades distintas. Já na Exortação *Evangelii Gaudium*, Francisco exortava a importância da inculturação pois a “a graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe” (EG 115). Esse processo, por sua vez implica por um lado, uma dinâmica de

fecundação, que permite expressar o Evangelho num lugar concreto, numa comunidade, pois quando essa acolhe o anúncio de Cristo, é o Espírito que fecunda a cultura com sua força transformadora do Evangelho; por outro lado, “a própria Igreja vive um caminho de recepção, que a enriquece com aquilo que o Espírito já tinha misteriosamente semeado naquela cultura” (QA 68).

Por isso, a Igreja precisa escutar a sabedoria dos povos indígenas da Amazônia, reconhecer os valores presentes no estilo de vida das comunidades nativas, recuperar a tempo as preciosas narrações dos povos. Na cultura destes povos encontra o sentido da gratidão pelos frutos da terra, “o sentido da solidariedade e a corresponsabilidade no trabalho comum, a importância cultural, a crença e uma vida para além da terrena e tantos outros valores” (QA 70).

É fundamental, portanto, apreciar “esta espiritualidade indígena da interconexão e interdependência de todo o criado, espiritualidade de gratuidade que ama a vida como dom, espiritualidade de sacra admiração perante a natureza que nos cumula com tanta vida” (QA 73). Dessa maneira, o comunicador deve observar esta prática, considerá-la como um dos eixos que dá sustentação a toda sua ação evangelizadora. Jesus em sua missão, procurava o silêncio e o recolhimento. Estabelecia relação com Deus presente no cosmos, caminhava pelas aldeias, encontrava-se com pescadores, habitantes de cidades, a todos sem distinção comunicava “coisas do Reino de Deus”.

Assim, “é na experiência da Palavra acolhida no silêncio que o comunicador encontra sua fonte, sua expressão mais profunda e sua mente comunicativa, eficiente e verdadeira” (CNBB 99, 59). E ainda, “na intimidade com o Criador, a comunicação lança suas raízes na fonte onde emana o sentido dessa mensagem comunicativa” (CNBB 99, 60). Há uma interligação profunda entre beleza e comunicação: “Como coautor da Criação, o comunicador reflete a beleza da Criação. Portanto, a beleza e a comunicação levam ao divino” (CNBB 99, 62). “Comunicar, rezar e viver integram-se formando um todo no estilo e na elaboração da mensagem, quanto na forma de comunicar”.

A espiritualidade do comunicador/a cristãos não separa sua experiência de fé da sua atividade profissional e comunicacional (CNBB 99, 61). Comunicar, rezar e viver formam um único processo, que caracteriza, justamente, uma comunicação orante e viva, uma oração viva e comunicante, uma vida orante e comunicante, uma

espiritualidade, nas palavras de Santo Inácio de Loyola (1491-1556), “contemplativa na ação” de comunicar (JESUÍTASBRASIL, 2018).

A mística do comunicador – continua o Diretório – está relacionada com seu processo criativo, sua busca por informações, seu modo de interpretar os fatos, de inovar a linguagem e buscar outros estilos de comunicar. Essa dinâmica de criar e produzir alimenta-se também “do encontro com a beleza da Palavra, da arte, da literatura, da poesia e de tantas outras expressões de beleza” (CNBB 99, 61). O comunicador é um místico, e o místico é um comunicador. Não há cisão, não há separação.

Ao acompanhar os acontecimentos da história, o comunicador relata e interpreta cotidianamente aquilo os “sinais dos tempos”, isto é, “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das pessoas de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem” (GS 1), assim como as “eternas perguntas das pessoas acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas” (GS 4).

Diante de tais realidade, o comunicador cristão é chamado a “buscar e encontrar Deus em todas as coisas, e todas as coisas em Deus” (JESUÍTASBRASIL, 2018), como também diria Santo Inácio. O cotidiano torna-se fonte de revelação do próprio Deus, que está sempre Se manifestando e manifestando Seu amor e Sua misericórdia às pessoas, em todos os tempos e lugares.

Assim, o comunicador é chamado a ser um primeiro “sensor” da presença de Deus no hoje da história. Sua espiritualidade está bem sintetizada naquilo que o grande teólogo protestante Karl Barth (1886-1968) afirmou certa vez: “um cristão precisa andar com a Bíblia em uma mão e com o jornal na outra” (MENDES, 2021)²¹, isto é, o comunicador cristão encontra Deus não apenas na Palavra, mas também e principalmente nas “palavras” do cotidiano, nos fatos do dia a dia, oculto entre as “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” do mundo.

Por isso, uma boa comunicação não é aquela que se preocupa apenas em dizer a realidade aos outros, mas que primeiro se cala diante dela, aquela que silencia diante do mistério do mundo, que contempla os seus abismos. É “no silêncio, que a Palavra é gerada, transmitida e comunicada na sua grandeza e totalidade” (CNBB 99, 58). Na experiência do silêncio, a pessoa encontra Deus e o significado profundo da sua Palavra. Nisso também o comunicador cristão é chamado a imitar Jesus, que,

²¹ É advogado e pastor da Igreja Batista. Entrevista concedida à Revista Cristã em 25 de julho de 2021.

diante de situações decisivas de sua missão, costumava retirar-se em recolhimento. E o silêncio está intimamente ligado ao valor e a pertinência de qualquer resposta possível. Como em uma corrida, os atletas, antes de partir, ficam atentos e prontos à espera do sinal. Por isso, “a qualidade da escuta interior determina a qualidade da resposta” (MENDONÇA, 2014, p. 117).

Por outro lado, há uma “porta santa” privilegiada para a experiência e a vivência da espiritualidade do comunicador. Segundo Mendonça (2014, p. 40), Deus vem ao nosso encontro pelo cotidiano, mais banal e próximo dos portais: os cinco sentidos. Eles são as grandes entradas e saídas da nossa humanidade vivida”. Para o autor, trata-se de verdadeiros “lugares teológicos”, não apenas da manifestação de Deus, mas da própria relação com Ele. E o comunicador trabalha cotidianamente com seus cinco sentidos, tocando, vendo, ouvindo, degustando os fatos que ocorrem no mundo ao seu redor.

Nesse sentido, se, em âmbito cristão, o Papa Francisco pede uma “Igreja em saída” (EG 17), uma “Igreja de portas abertas” (EG 46), o comunicador cristão, por sua vez, é chamado a fazer os mesmos movimentos, abrindo portas e janelas e saindo para o mundo. Para Mendonça (2014, p. 102), o que falta nos locais de trabalho dos comunicadores não é um neutralizador de odores, mas sim que abram as janelas frequentemente, para poder aspirar o “perfume do Evangelho” (EG 39). Com essa abertura, o comunicador cristão também consegue contemplar as “pequenas epifanias da graça” na vida cotidiana, evitando que sua espiritualidade se desenvolva “num casulo, longe da aragem livre do Espírito” (MENDONÇA, 2014, p. 104).

Assim, como o Papa Francisco pediu que os pastores tenham “cheiro de ovelhas” (EG 24). O comunicador cristão também é chamado a ter “cheiro de mundo”, caminhando pelo pó e pelo barro da história, com os cinco sentidos bem refinados, sem medo de se “sujar” com as tristezas e as angústias das pessoas (EG 45). Papa Francisco diz na EG 49:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor

de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: 'Dai-lhes vós mesmos de comer' (Mc 6, 37).

A espiritualidade do comunicador cristão alimenta-se na seiva da Palavra de Deus e na Eucaristia celebrada comunitariamente. A Palavra e a Eucaristia são fontes, mananciais que saciam a fome e a sede de Deus, de cada ser humano no ontem e no hoje da história. O comunicador cresce espiritualmente na escuta da Palavra, pois essa Palavra é viva: "Sou eu a videira; vós os ramos. Permanecei no meu amor" (Jo 15,5). Como ação voltada para o outro, em favor de alguém, a comunicação é uma ação que influencia as outras pessoas, por isso, se coloca a serviço da vida: "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10).

Da mesma forma que a comunicação é entendida como algo que envolve a pessoa toda, chamada a construir e promover processos relacionais, assim ocorre com a espiritualidade. Ela precisa envolver a pessoa por completo, em todos os seus aspectos e relações: consigo mesma, o espírito e a corporeidade; com os outros, Deus, a sociedade, a cultura e o meio ambiente. Estes elementos fazem parte de uma mesma realidade e integram-se. Dessa forma, compreende-se e pode-se dizer que:

não apenas tenho um corpo, sou um corpo; não apenas faço comunicação, sou comunicação; não apenas rezo, sou uma pessoa unida e marcada pelo amor de Deus; o meio ambiente é a Casa Comum, por isso, sou chamado a colaborar na obra da Criação, hoje (CORAZZA; PUNTEL, 2018, p. 12).

Nesse sentido, o Sínodo da Amazônia tem mostrado grandes avanços na compreensão da espiritualidade dos povos indígenas, da nova maneira do cristão olhar a natureza. Trata-se, portanto, de uma mudança em todos nós que nos consideramos cristãos. Somos grandes protetores da criação, somos chamados a cuidar dos ecossistemas, a proteger povos como indígenas, além de sua capacidade de escuta, lucidez, respeito e humildade, eles nos lembram a figura de Jesus Cristo que se retirava em lugares desertos para contemplar a natureza.

Nesse sentido, o comunicador, deve levar em conta à vivência cotidiana de sua missão, impregnada de interioridade, como requisito fundamental de uma atividade comunicadora para os dias atuais. É a mística que leva e envia à ação de evangelizar. O comunicador deve ir ao encontro do outro, viver sua espiritualidade de comunicador como lugar do encontro, tornando-se, enquanto comunicador, participante na criação

e sujeito do processo comunicativo. O comunicador prolonga a obra criadora de Deus no mundo, por isso, a inspiração primeira e fundamental está na relação com o Criador e, ao mesmo tempo, inspira-se e alimenta-se na “Trindade, que é, por sua natureza, comunicadora” (CNBB 99, 39).

Assim sendo, a comunicação é a expressão do amor maior e como comunicação amorosa liga-se intimamente à comunicação misericordiosa. “A mensagem da comunicação chega ao coração das pessoas quando estas se percebem acolhidas e amadas” (CNBB 99, 38).

Essa é uma espiritualidade integral e integradora, própria para a época do comunicador global, porque é expressão da totalidade do mistério do Filho de Deus e porque atinge a totalidade da pessoa humana: mente, vontade, sentimentos e corpo. Alberione diz: “A pessoa integral em Cristo possui um amor total a Deus: inteligência, vontade, emoções, afetividade, forças físicas. Todo: natureza, graça e vocação para o apostolado” (1975, p. 67).

E falando da espiritualidade para o comunicador cristão, a CNBB, na 35ª Assembleia Geral, realizada de 9 a 18 de abril de 1997, em Itaiaci, Indaiatuba, SP em seu documento A Igreja e a comunicação Rumo ao Novo Milênio propõe:

Desenvolver a espiritualidade do comunicador cristão que se fundamenta no exemplo de Jesus Cristo que, ao optar por um processo inculturado e dialógico de comunicação, possibilitava ao povo que o ouvia e com ele convivia, a inefável ventura de rever a comunicação de Deus Pai, fonte de toda verdade, amor, perdão e comunhão, como também a descoberta de Deus no mundo e a criação da consciência crítica junto aos receptores de sua mensagem (CNBB, 1997, 59, 2).

Para o cultivo da espiritualidade, é preciso beber da fonte do Evangelho, da Palavra de Deus. Na prática, ler o Evangelho na ótica da comunicação é olhar como Jesus se comunica com as pessoas nas mais diversas situações. Olhar como ele comunica-se com as pessoas doentes, as que estavam à margem da sociedade, as que procuravam Jesus para dar um sentido maior à sua vida: as mulheres, as crianças, os publicanos e pecadores, as pessoas que o buscavam para se libertar de suas amarras e pecados, entre outros.

A vivência da espiritualidade do comunicador atinge o ser humano por inteiro, em todo o seu ser, fazendo dele, ao mesmo tempo, um ser contemplativo e missionário. O comunicador católico, ao vivenciar a dimensão da fé, é chamado a viver em sintonia com a espiritualidade. Além disso, deve haver coerência entre a vida

pessoal e o anúncio da Palavra, pois as mídias são recursos que contribuem para o crescimento pessoal e social, para a partilha de conhecimentos, mediação da cultura, na sociedade, na vida política e na Igreja. O grande desafio hoje é transmitir a mística de viver juntos, construir uma cultura de encontro na perspectiva ecumênica e inter-religiosa (CNBB 99, 23; 31). Por isso, a comunidade e a paróquia são locais da caridade pastoral e centros de comunicação.

A comunicação interpessoal e o testemunho da caridade ajudam a Igreja a crescer como comunidade. “Os comunicadores devem aprender a conhecer as necessidades das pessoas, suas lutas e conquistas e desenvolver a alteridade (capacidade de se pôr no lugar do outro, ou seja, ser empático)” (CNBB 99, 30).

O autor da Carta aos Hebreus declara com solenidade que Jesus Cristo transcende a história e está, portanto, presente em toda a história, ontem, hoje e sempre (Hb 13,8). O que acontece com Jesus acontece com seu corpo, a comunidade cristã. Ela está sempre presente ontem, hoje e sempre, unida ao Senhor, no Espírito, vinculada às expressões artísticas, literárias e históricas e comunicativas que assume, mas sem delas depender no que tange às realidades que significam.

Apresentamos, a seguir, a partir de uma perspectiva antropológica e bíblica, quatro elementos que podem ser considerados os eixos determinantes da espiritualidade cristã: nossa condição de criaturas, tendo inscrito no íntimo de nós mesmos o desejo de Deus; a forma de viver resultante de nossa vocação à comunhão com Deus, acolhendo os seus caminhos, a partir da experiência do povo reunido em torno da vinda ao mundo do Verbo encarnado; a experiência de nossa condição existencial, chamados a nos realizarmos a partir do coração, guiados pela inteligência e sustentados pela vontade e, o efetivo trilhar dos caminhos que nos conduzem à progressiva e plena participação e comunhão com Deus.

Acreditamos que esses quatro eixos estão presentes na vida de todas as pessoas, pois todos somos criaturas de Deus e, portanto, temos inscrito no coração o desejo de Deus, que seria frustrado se não pudesse realizar-se historicamente e que só se concretiza por meio de um acolhimento misterioso da ação salvadora de Jesus, por caminhos só por Deus conhecidos, como diz o anunciado clássico da doutrina cristã. A vida da humanidade é, pois, uma caminhada para a felicidade, plena realização de si mesmo(a) e objetivo final da criação e da comunicação da vida divina. A espiritualidade, longe de ser luxo ou via de exceção, é a vocação concreta de todas as pessoas para participar da vida divina.

Com efeito, Jesus é o centro da espiritualidade cristã; é o dado fundamental do Novo Testamento. Nossa relação com Deus, que nos chama à vida no Espírito, não tem sentido senão em Jesus e por Jesus. Como ser humano, por ser o Verbo – este ser humano é o Filho de Deus – Jesus está no princípio de todos os dons de Deus. Ele é a cabeça de toda a comunidade dos que são chamados a participar da vida de Deus. Por seu agir humano, Jesus dá-nos acesso ao Pai, comunicando-nos o Espírito, que anima toda a nossa vida, desde agora e para sempre. Todos os aspectos da vida cristã são vividos a partir da fé, da esperança e na comunhão do amor que une Jesus ao Pai. Em termos cristãos, não há como falar de espiritualidade senão a partir do Espírito de Jesus.

Essa centralidade de Jesus projeta-se em todas as formas da espiritualidade cristã, desde as origens, como o atesta o Novo Testamento em toda a tradição cristã através dos tempos. Jesus foi sempre considerado como o Ungido de Deus, Cristo, que, na cruz, ato supremo de amor, atrai todas as coisas a si e, triunfante da morte, é Senhor todo-poderoso, o Pantocrator,²² cuja misericórdia preside e regula a vida do universo inteiro, muito além da comunidade cristã e de cada um de nós.

Nessa perspectiva, o que entendemos como espiritualidade cristã, mais do que uma via particular de realizar as mais profundas aspirações da pessoa e da comunidade humana, é a manifestação de que em Jesus somos todos chamados a sair de nós mesmos e a ir ao encontro da Palavra de Deus que vem a nós, como dom do Pai, para comunicar-nos seu Espírito. Todos os caminhos trilhados na história, nas mais variadas épocas e culturas, podem ser considerados caminhos da espiritualidade cristã, não tanto por causa de suas características observáveis e analisáveis historicamente, mas pela universalidade da mediação de Jesus, que é um dado de fé que está na base da elaboração do discurso teológico sobre a vida espiritual baseada no desejo de Deus e coroada pela perfeita comunhão na vida eterna.

Toda a espiritualidade cristã diz respeito, portanto, ao agir humano, que se apresenta não como algo que depende de Deus, mas que se encontra em Deus, numa

²² Pantocrator (em grego: *Navtokpátwp*; romaniz...Pantocrator, “todo poderoso”, onipotente, de pan, tudo, e kratein, dominar), na iconografia do cristianismo, refere-se a uma forma de representação de Jesus, que é retratado com a mão direita, em posição de bênção – com o polegar voltado para si, os dedos médio e indicador em posição oblíqua, quase vertical, e os dedos dobrados em direção à palma da mão. Essa posição da mão direita, com dois dedos erguidos, indica a sua dupla natureza (divina e humana). Enquanto a sua participação na Trindade, como segunda Pessoa, é indicada pelos três dedos unidos nas pontas, na mão esquerda, estão as Sagradas Escrituras.
http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/iconografia/o_tipo_iconografico_do_pantokrator.html

relação interpessoal. A ação divina se traduz como um convite e a humana como resposta a esse apelo, como um “sinal” dado a Deus. E, ainda, a espiritualidade cristã concretizou-se através da história em inúmeras e variadas formas de viver, com base mais ou menos clara nos dados centrais da Palavra de Deus.

Prevaleceram, contudo, entre os cristãos das diferentes épocas e culturas, normas e características que nem sempre refletem mais hoje, com a devida clareza, a centralidade de Jesus Cristo e a característica maior do Reino, que é o amor recíproco e universal entre todos os humanos. Mas é indispensável, na análise teológica, reconhecer o lugar decisivo que devo ocupar na realidade, não apenas como um ideal, a centralidade do encontro com Jesus no seu Espírito, que é o amor efetivo, prático e real que nos une uns aos outros, a começar por Jesus, no Espírito. Daí a importância de refletir melhor sobre o amor, norma suprema da vida espiritual.

A presença da Igreja no mundo, como a de Jesus, é uma presença orante, de combate e de entrega da própria vida ao Pai. A oração é a forma mais significativa da caridade, pois é a substância do amor, que permanecerá para sempre, além até mesmo da fé e da esperança. A espiritualidade das primeiras comunidades cristãs é uma das riquezas do Novo Testamento e essa não se limita ao fato de Jesus. Não só o apresenta tal como foi acolhido pelas primeiras comunidades, como também incorpora as reflexões dos primeiros discípulos que estão na base de toda a tradição da fé e da espiritualidade cristã. O primeiro aspecto depreende-se da vida da comunidade, ao passo que o segundo conta, entre outras, com o pensamento fortemente estruturado de Paulo e João.

Assim, a vida espiritual cristã é a vida no Espírito de Jesus, que se traduz, concretamente, pelo seu seguimento, em vista do Reino de Deus, cujo princípio animador é o amor. Amor concreto, que transfigura toda a vida humana, das pessoas e das comunidades, na história e na eternidade. Essa forma de conceber a espiritualidade cristã mostra que não se trata de uma espiritualidade entre muitas outras, mas da realidade que está na raiz de todas as espiritualidades humanas, pois a vida espiritual verdadeira é a vida em Deus, guiada pela sua Palavra, Jesus, e animado pelo seu Espírito (CATÃO, 2009).

Em síntese, a espiritualidade do comunicador é uma espiritualidade comprometida com a cultura, a sabedoria e a defesa dos direitos dos povos indígenas e da Amazônia. É uma espiritualidade voltada para o cuidado do ecossistema, da Casa Comum como Criação de Deus.

4.4 PASTORAL DA COMUNICAÇÃO - PASCOM

A Pastoral da Comunicação (Pascom) na Amazônia, com uma base transversal na Igreja, está estruturada em quatro eixos de trabalho: formação, articulação, produção e espiritualidade. Ela propõe-se a colaborar com a reflexão sobre o processo de comunicação, da ação evangelizadora da Igreja e do trabalho da comunicação cristã. Além disso, a Pascom visa promover a articulação da vida nas relações comunitárias; promover o diálogo e a comunhão entre as diversas pastorais, movimentos e serviços. Propõe-se, também, a promover a organização, a formação e a capacitação de agentes na área da comunicação; a articular a realização de eventos de diferentes portes que visam fortalecer a comunhão e o engajamento nas ações comunicativas e, ainda, estimular o estudo e a reflexão dos documentos da Igreja na área da comunicação, entre outros.

A Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) e a Comissão Episcopal para a Amazônia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o apoio da Comissão Episcopal dos Estados Unidos da América, promoveram de 20 a 25 de setembro de 2016, em Manaus (AM), o curso “Comunicação para a transformação social”. O encontro reuniu agentes sociais dos nove estados que compõem a Amazônia Legal, além de entidades e organismos da Igreja Católica do Brasil, Colômbia, Equador e Peru. No encontro destacou-se o ressurgimento de práticas multilaterais de comunicação que provocam mudanças e transformação da realidade. Destacou-se que as ferramentas e os meios precisam ser utilizados para a promoção e o diálogo interativo entre os povos.

Dessa maneira, a Pascom, na Igreja da Amazônia, vai além do uso dos meios de comunicação para evangelizar. Ela envolve pessoas e relacionamentos e incentiva a comunhão, o respeito às diferenças, entendendo que o ser humano é comunicação, uma comunicação que é relação entre as pessoas e se faz anúncio da Boa-Notícia. Para isso, requer-se das pessoas que formam as equipes de Pascom uma formação básica na área. Ela precisa compreender este campo da cultura da comunicação e amar esta missão. Faz-se necessário, por conseguinte, capacitar-se nesta área, adaptando os conhecimentos já adquiridos e conhecendo, cada vez mais, a área Igreja e comunicação, tendo clara a consciência da missão. Se forem profissionais da

comunicação, é importante que tenham conhecimento da doutrina da Igreja e da sua missão no campo da ação evangelizadora através da mídia.

Os agentes da Pascom precisam desenvolver a consciência e a prática de que são gestores de processos.²³ Muitos confundem a coordenação, a animação da comunicação com certo estrelismo ou protagonismo pessoal. Os gestores são capazes de gerar processos, de motivar as pessoas, sendo verdadeiros líderes, que exercem a dinâmica do “fermento na massa”. São pessoas com aptidão para serem descentradas de si e capazes de abertura constante aos outros e ao projeto comum, perseguindo objetivos e metas.

Por isso, a pessoa do(a) comunicador(a) precisa ter algumas características e alguns traços em seu perfil: ser capaz de escuta e diálogo; estar aberto(a) para aprender sempre; ter certa presença, aliada à capacidade profissional e ao testemunho; ter grande amor e paixão pela comunicação, capaz de vibrar pela missão; saber interagir com a diversidade, ser aberta ao diálogo, nesta sociedade pluralista; saber lidar com os pontos de vista diferentes no interno do próprio grupo e das pastorais; ser criativa na busca de soluções (CNBB 1997, 59, 75)

A abrangência da Pastoral da Comunicação, envolve o diálogo entre a fé e cultura. Este diálogo deve ser e estar em comunhão e em comunidade (fé) e produzir o relacionar-se com a sociedade atual. São dois aspectos de uma mesma realidade, tendo em vista que a Pascom é chamada a ser “integradora” das pastorais. Neste sentido, ela tem características próprias: a integração no interno da Igreja, entre as pessoas, e no externo, entre as pastorais. Ela não se sobrepõe às demais pastorais, mas trabalha a visibilidade interna, envolvendo todas e proporcionando-lhes o conhecimento da realidade; externamente, divulga as ações para a sociedade. Podemos dizer que a Pascom situa-se nas práticas e nas políticas de comunicação.

Na linha de orientações da Igreja para o planejamento da Pastoral da Comunicação, a Instrução Pastoral *Aetatis Novae nos números 24 a 33* recomenda linhas orientadoras para a elaboração de planos pastorais para a comunicação, onde se pode conferir os passos para o planejamento. Esta recomendação visa propor aos responsáveis pela comunicação, na Igreja, diretrizes a serem seguidas, objetivos e

²³ Uma das pessoas que muito trabalhou pelo desenvolvimento da Pastoral da Comunicação, inclusive no Vicariato das Comunicações em São Paulo, e de quem herdamos grande parte de seu zelo pastoral, foi o monsenhor Arnaldo Beltrami, falecido em 11 de outubro de 2001.

prioridades para o seu trabalho. Descrevemos aqui os elementos recomendados pela Instrução Pastoral *Aetatis Novae*: apresentação de conjunto que indique, para todos os ministérios da Igreja, métodos de comunicação e que responda às questões e às condições atuais; levantamento e avaliação dos meios de comunicação existentes no local: meios comerciais, educativos, produtores, católicos, incluindo as comunidades religiosas; proposta de estruturas dos meios de comunicação eclesiais destinados a sustentar a evangelização, a catequese, a educação e outros trabalhos sociais; educação para os meios de comunicação que aprofunda o sentido dos meios e seus valores; proposta pastoral de diálogo com os profissionais da comunicação que leve em conta o crescimento de sua fé e da vida cristã; indicação das possibilidades de obter recursos e do modo de assegurar o financiamento da Pastoral da Comunicação.

Como em todos os planejamentos, *Aetatis Novae* sugere essas recomendações sempre a partir de uma análise da realidade. A importância de tal método é porque esse identifica onde estamos. Esta análise leva a:

- Olhar para a realidade externa que nos cerca. Quais são os obstáculos e as oportunidades no campo da comunicação?
- Olhar para a realidade interna. Quais os pontos fortes e os pontos fracos na área da comunicação?
- Levantar as necessidades internas de comunicação.
- Levantar as necessidades externas em relação à comunicação. O que precisaria ser feito?
- Levantar recursos humanos e materiais necessários para essa pastoral;
- Levantar outros aspectos que se julgar importantes.

Um planejamento permite às instituições avaliarem periodicamente a caminhada dos grupos e das pastorais. Os métodos adotados para planejar são diversos, uma vez que toda atividade deve ser planejada e as metas devem ser definidas, de modo a envolver as pessoas, para que se sintam participantes e avaliem as ações planejadas, e a obter os resultados desejados.

Para elaborar melhor um planejamento, é preciso conhecer dados que permitam traçar alternativas. Para planejar, é preciso estar aberto, ter a coragem de questionar coisas óbvias e deixar-se questionar. “Grandes sacadas criativas surgiram a partir de questionamentos do óbvio, daquilo que ninguém mais questiona porque parece arraigado à cultura e ao senso comum” (PREDEBON, 2004, p. 46).

A Pastoral da comunicação – diálogo entre fé e cultura leva em consideração aquilo que consideramos o cerne da Pastoral da Comunicação: uma plataforma na qual acontece o diálogo entre fé e cultura, cuja ruptura já fora enfatizada por Paulo VI e João Paulo II.

Muitos documentos da Igreja insistem na necessidade de comunicar, de forma inculturada, “na” e “pela” “cultura midiática”. Apresenta-se, porém, um desafio, o de progredir através de uma formação e articulação finalizadas para o desenvolvimento qualitativo da Pastoral da Comunicação, pois as transformações no campo da comunicação evoluem rapidamente. Para desenvolver uma evangelização adequada nessa área, é preciso colocar o “acento” no diálogo entre fé e cultura e vida.

Faz-se necessária uma passagem conceitual, neste momento, a respeito da comunicação, bem como a superação de expressões “cristalizadas” na Igreja e que necessitam de um conceito mais abrangente do que significa comunicação. Mas existem princípios que não envelhecem neste diálogo entre fé e cultura e vida que a Pascom deve levar em consideração.

Com muita frequência, ainda hoje, há os que se perguntam se realmente precisamos de uma Pastoral da Comunicação. Acompanhando a evolução do pensamento da Igreja, expresso em seus documentos, não há dúvidas sobre o crescente interesse, incentivo e insistência para que não somente se desenvolva uma Pastoral da Comunicação, mas também se providencie formação adequada para o seu exercício.

Entretanto, é preciso dedicar-se a alguns pontos importantes que, conceitualmente, passaram por transformações na sociedade de hoje, devido ao avanço e aos desdobramentos teóricos, quer pela introdução de novas tecnologias tais como antropologia e sociologia, e que nos chamam a atenção para o fato de que estamos vivendo uma cultura da comunicação. Na realidade, não se trata de uma nova iniciativa, mas de uma “nova visão”, porque novas são as realidades que desfilam diante de nós, já que também os princípios não envelhecem. E nós somos protagonistas de uma nova época.

Diante disso, a primeira superação, é entender e compreender a comunicação como um processo que envolve e que, por sua vez, pode ser considerada (ou até praticada) de modo isolado. O documento Igreja e Internet (2002) enfatiza que a “comunicação na Igreja e pela própria Igreja é mais do que um simples exercício na técnica” (II 3). O importante, portanto, é considerar o fenômeno da comunicação e

suas implicações. Daquilo que estamos assistindo no âmbito da comunicação na sociedade atual, chegamos a delinear duas grandes tendências:

- a) a de reduzir o conceito de comunicação puramente à tecnologia. Trata-se da tendência predominante (mas nem por isso a verdadeiramente significativa), porque as tecnologias de comunicação se transformaram sempre mais em força política, econômica, disputa de mercado etc.;
- b) a de considerar a comunicação no seu processo global, ou seja, na sua globalidade. Em outras palavras, esta tendência encerra as tecnologias (a 1ª tendência), mas leva em consideração também os aspectos antropológicos, sociológicos, culturais etc.

No entanto, a necessidade efetiva de uma Pastoral da Comunicação, que inclua o trabalho dos meios ou nos meios de comunicação, está sendo concretizada aos poucos e com muita dificuldade. Trata-se de superar a “visão simplesmente pragmática”, força que advém dos próprios documentos da Igreja, que incentivam a considerar a comunicação não simplesmente reduzida à técnica, mas como uma cultura. Importa conceber a comunicação como um fenômeno global, que se conjuga com tantos outros aspectos da vida social e eclesial.

Por fim, ritualisticamente, os atos e as práticas de fé passam a ser desenvolvidos pelo fiel por meio de ações e operações midiaticizadas de construção de sentido, em interação com o sistema católico online. Assim, novos fluxos começam a surgir: rituais offline reconstruídos digitalmente, rituais online que são estendidos midiaticamente para o ambiente offline. Manifesta-se, assim, não apenas uma liturgia assistida, mas também centrada, vivida, praticada e experienciada pelas mídias, em que estas também oferecem modelos para as ações e o imaginário litúrgicos. Contudo, pela complexidade das estratégias da “liturgia digital”, essa é uma “religiosidade para poucos”, para quem sabe dialogar com essas linguagens, muitas vezes apenas para os chamados “nativos digitais”.

Embora a Igreja ainda não admita a celebração de sacramentos²⁴ midiaticamente, alguns rituais considerado “populares” (como acendimento de velas) também passam a ser sacramentalizados via online, o que é reforçado pelo destaque com que são oferecidos nos sites católicos, pelas inúmeras participações por parte

²⁴ Segundo a doutrina tradicional, sacramento é um sinal visível de uma graça invisível. Assim, a água é a matéria do batismo, pão e vinho são matéria da eucaristia, em que a forma dos sacramentos é dada pelas palavras pronunciadas (discurso) pelo oficiante ordenado, pelo ritual, pelas ações litúrgicas.

dos fiéis e pela sensação de sacralidade criada pela interface interacional do sistema católico online. Os fiéis buscam nessa sensação - construída digitalmente - uma forma de experienciar o sagrado de forma mais simples, rápida e acessível do que os rituais territorializados e os elementos “concretos” do “mundo real”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa constatamos que *Querida Amazônia* é uma carta de amor escrita para e com o Povo de Deus que peregrina neste território; uma carta que emana da gratidão do Papa Francisco pela força com que o Espírito Santo irrompe deste lugar teológico para iluminar e despertar o coração do mundo e da Igreja. Nesta carta, contém os quatros sonhos inadiáveis de Francisco e da Igreja. Estes sonhos são: sociais, culturais, ecológicos e eclesiais, encarnam os ideais do Concílio do Vaticano II de conduzir a Igreja à conversão sinodal integral.

A *Querida Amazônia* cria um estilo e novas possibilidade de comunicação com os povos nativos e com os da região. Também apresenta um caminho por meio do qual os marginalizados convertem-se em fonte de vida, que é próprio do projeto do Reino de Deus. As vozes do território amazônico estão mudando o modelo pastoral da Igreja Amazônica, convertendo-se em fonte de vida renovada para a Igreja e para o mundo.

“Vem e verás” (Jo 1, 46). Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são”. Esta foi a mensagem do Papa Francisco para o 55º dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2021. Francisco nessa mensagem propõe o método de toda a comunicação humana autêntica: “ir e ver”, que acompanha os primeiros e comovedores encontros de Jesus com os discípulos. Ele argumenta que: “[...] É necessário sair da presunção cômoda do ‘já sabido’ e mover-se, ir ver, estar com as pessoas, ouvi-las, recolher as sugestões da realidade, que nunca deixará de nos surpreender em algum dos seus aspetos”. Esta mensagem é dirigida a todos, como sugestão para uma expressão comunicativa transparente e honesta: “tanto na redação dum jornal como no mundo da *web*, tanto na pregação comum da Igreja como na comunicação política ou social. ‘Vem e verás’ foi o modo como a fé cristã se comunicou a partir dos primeiros encontros nas margens do rio Jordão e do lago da Galileia” (FRANCISCO, 24 jan. 2021).

Em nossa pesquisa, enfatizamos que o anúncio de Jesus é uma anunciação “encarnada”, que passa pelo seu corpo e envolve o corpo das pessoas, sob a forma de unção, libertação e cura. Com isso, nasce também uma teologia concreta, prática, acessível, e não uma “teorização” hermética sobre um Deus distante. Como afirma São Paulo na Carta: “Uma vez que os filhos têm todos em comum a carne e o sangue, Jesus ele também participou da mesma condição, a fim de destruir pela morte a

dominadora da morte...” (Hb 2,14). Assim, em Jesus, a “boa nova” é algo palpável, sensível, experimentável

Assim sendo, a comunicação da fé implica também um caminho de diálogo. E o diálogo é muito mais do que comunicação de uma verdade. Realiza-se pelo prazer de falar e pelo bem concreto que se comunica através das palavras entre aqueles que se amam. É um bem que não consiste em coisas, mas nas próprias pessoas que mutuamente se dão ao diálogo. Trata-se de uma “comunicação entre os corações” (EG 142). Neste sentido, “o método ‘vem e verás’ é o mais simples para se conhecer uma realidade; é a verificação mais honesta de qualquer anúncio, porque, para conhecer, é preciso encontrar, permitir à pessoa que tenho à minha frente que me fale, deixar que o seu testemunho chegue até mim (FRANCISCO, 24 jan. 2021).

Evangelizar, portanto, é transmitir a fé [de e em Jesus Cristo] de uma geração para outra, não pela teoria, mas sim pela via da experiência, salvífica e pessoal que fazemos de Deus. É transmitir o que experienciamos de salvação para uma outra geração, sabendo que somente quando esta aceita e acolhe a experiência é que podemos afirmar que houve evangelização e que se iniciou um processo de conversão. Não estamos referindo-nos à conversão para uma ou outra denominação de fé cristã, mas, sim a uma virada copernicana da vida da pessoa que faz a experiência do Deus de Jesus de Nazaré. É uma mudança no interior da pessoa, da totalidade da pessoa, que, agora, encontra-se orientada em direção ao próximo. É uma mudança de vida, orientada pelo Espírito Santo, que abarca mente e coração, razão e sentimento (Mc 1, 15; Rm 2,4), que é “mudança concreta de mentalidade, comportamento e atitude” (MAZZAROLO, 2006, p. 48).

Em nossa pesquisa constatamos que os meios de comunicação, a Internet, são um instrumento complementar e potencializador para evangelização, porque contribuem para estabelecer a relação entre a fé, a vida da Igreja e as transformações que o ser humano está vivendo. Estes não apenas contribuem para exprimir a mensagem evangélica na linguagem atual, mas para ajudar todos que são responsáveis pela Igreja serem capazes de entender, interpretar e falar a “nova linguagem” das mídias na função pastoral (AN 2), em diálogo com o mundo contemporâneo.

Deste modo, o mundo da comunicação interessa a todo o universo cultural, social e espiritual da pessoa humana. A Internet, “as novas linguagens possuem um

impacto sobre o modo de pensar e de viver, isto diz respeito de certa forma também ao mundo da fé, sua inteligência e sua expressão” (SBARDELOTTO, 2020, p. 10).

Esse processo, todavia, com toda a sua novidade, tem seus desafios, especialmente o de ser interpretado como uma mera virtualização da fé. Em períodos de isolamento social, de pandemia, os fiéis, impossibilitados de participar da experiência religiosa “real”, em suas comunidades de fé, recorreriam a uma fé “virtual”, com graves perdas, principalmente a do “contato” humano. Com isso, a encarnação, tão central para o cristianismo, poderia perder o seu sentido mais profundo, pois máquinas substituíram as relações humanas. O temor é de que as pessoas abandonem o mundo “real” da fé e, após a pandemia, não querem mais voltar aos templos.

O grande desafio para a Pastoral da Comunicação e para a Igreja na sua missão evangelizadora, consiste, portanto:

Pensar a fé em tempos de rede não é só uma reflexão a serviço da fé. A aposta é mais alta e global. Se os cristãos refletem na rede, não é somente para aprenderem a ‘usá-la’ bem, mas porque forma chamados para ajudar a humanidade a compreender o significado profundo da própria rede no projeto de Deus: não como um instrumento a ser ‘usado’, mas como um ambiente a ser ‘habitado’ (SBARDELOTTO, 2012, p. 10).

Sendo assim, a Igreja é chamada a descomplexificar sua linguagem, para ajudar as pessoas a entender melhor o significado profundo da comunicação e das mídias, sobretudo porque elas influem na consciência dos indivíduos, formam a sua mentalidade e determinam a visão das coisas. Em seus documentos sobre os meios de comunicação, a Igreja vê a ação de Deus que conduz a humanidade para uma realização. A Internet, com sua capacidade de ser, ao menos potencialmente, é um espaço de comunhão e, faz parte do caminho do ser humano para esta consumação em Cristo.

Além disso, vimos que a Igreja, através de seus documentos, mostra o quanto a comunicação é importante para evangelizar. Ao longo da história humana, há também uma série de mediações da experiência de fé que são técnicas e tecnológicas. Trata-se de artifícios e artificialidades que não são “naturais”, mas inventados pelas pessoas na relação que estabelecem entre si e com o sagrado. Os gestos, os símbolos, a fala, a linguagem, a música, a escrita, a imagem, o digital: é

mediante essa “complexa ecologia comunicacional”, na qual “tudo está estreitamente interligado” (LS 16), que a experiência de fé se torna possível.

Podemos, sim, afirmar que há uma dimensão comunicacional e tecnológica da fé. E isso nos leva a questionar a ideia de uma suposta “virtualização” da *experiência religiosa* na cultura digital, marca fortemente deixada pela crise pandêmica. Tema que nos impulsiona para outras pesquisas.

O digital, portanto, é real. É uma realidade cultural e social. É uma expressão cada vez mais encarnada, concreta e material de humanidade, que, por sua vez, também possibilita novas formas de encontro e de relação, inclusive com o sagrado. E, por isso, transforma a própria experiência em vivência de fé. Mas, como ficaria nossa vivência de fé, se o momento atual de pandemia continuasse a nos manter isolados? De que modo alimentaríamos a comunhão para formar comunidade?

O ambiente virtual – dizia Bento XVI em 2013 –, “não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana”. E Francisco hoje, ao pedir uma “Igreja em saída”, também esclarece que “entre estas estradas estão também as digitais, congestionadas de humanidade”. Segundo ele, o ambiente digital não é apenas “uma rede de fios, mas de pessoas humanas”. Trata-se, portanto, de reconhecer a rede digital como um lugar teológico, um lugar possível de encontrar a Deus e o outro. Mas, para isso, é preciso superar pré-conceitos sobre o digital. O desafio consiste em promover uma inculturação digital que permita reconhecer “as formas e valores positivos” (EG 116), presentes na cultura digital e que podem enriquecer a evangelização, introduzindo-os na cultura eclesial.

Enfim, o que está em jogo na comunicação da fé é o desencanto atual da pessoa pela “Boa-Nova”, o que é o Evangelho, pelo distanciamento entre pastores e fiéis, pela falta de cuidado pastoral. Os fiéis não sentem uma responsabilidade compartilhada dos pastores, a vontade de caminhar juntos como comunidade de fé, como paróquia. E, acima de tudo, os fiéis sofrem com a falta de interpretação do presente e não suportam mais a cansativa repetição de slogans eclesiais que já se tornam inconsistentes. Trata-se, portanto, de voltar ao coração do Evangelho, e isso não significa apenas melhorarmo-nos, mas passar radicalmente de um estático ser cristãos a um dinâmico tornar-se cristãos. A pandemia ensinou-nos que nos preocupamos muito em converter o ‘mundo’ (o ‘resto’), e menos em convertermo-nos a nós mesmos. Este é um modo concreto para começar a reforma da Igreja.

No âmbito da Pascom, a Igreja na Amazônia tem ampliado suas fronteiras com as novas tecnologias, sendo luz e esperança no trabalho pastoral junto as populações amazônicas. O exercício de escutar este território e incorporar efetivamente projetos eclesiais de comunicação fortalecerá a Igreja para que os discípulos de Cristo cresçam cada vez mais até se tornarem verdadeiros sujeitos de sua própria história. Hoje, não se pode falar de sinodalidade sem a participação efetiva do povo de Deus.

REFERÊNCIAS

ALBARIONE, Tiago. **História Carismática da Família Paulina**. São Paulo: Paulinas, 1975.

ALMEIDA JÚNIOR, Silvio Luiz Wolitz de. **Holismo e Espiritualidade Cristã**. 2010, 109 p. Dissertação (Mestrado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ARCE, Juan Luis Ysern de. Informática y de las nuevas tecnologías de la comunicación social. **Ponencia en el Encuentro Continental de la RIIAL**, Brasília, 23 nov. 1º dic. 1995.

BARAGLI, Erico. **Inter Mirifica**. Roma: Studium Romana della Comunicazione Sociale. 1969.

BENTO VI. Carta Encíclica. **Caritas in veritate**. Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Roma, 29 de junho de 2009. Disponível em: Caritas in veritate https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

BENTO VI. **Mensagem do Papa Bento XVI para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Novas tecnologia, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade. Vaticano, 24 de janeiro de 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html. Acesso em 04.03.2022.

BENTO VI. **Mensagem do Papa Bento XVI para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. “O Sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra”. Vaticano, 24 de janeiro de 2010. Vaticano, 24. janeiro 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

BENTO VI. **Mensagem do Papa Bento XVI para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital. Vaticano, 24 de janeiro de 2011. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

BENTO VI. **Mensagem do Papa Bento XVI para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. Vaticano, 24 de janeiro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html.

xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

BENTO VI. Carta Apostólica em forma de “Motu Proprio” **UBICUMQUE ET SEMPER**. Com a qual se institui o Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização. Castel Gandolfo, 21 de setembro de 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Evangelizar é comunicar**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BRIGHENTI, Agenor. **Por uma evangelização inculturada. Princípios pedagógicos e passos metodológicos**. São Paulo: Paulinas, 1998.

BURKE, Thomas. **Communications**. In The Documents of Vatican II. New York: Guild Press, 1966.

CASTELLS, Manuel. Communication, Power and Counter-power in the Network Society. International Journal of Communication, V, Los Angeles, Annenberg Press, 2007, p. 238-266. Disponível em: <http://migre.me/5ZVHN>. Acesso em: 23 out. 2021.

CATÃO, Francisco. **Espiritualidade Cristão**. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2009 .

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 2. ed. Brasília: CNBB, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. **Inter Mirifica**. Decreto do Concílio Vaticano II Sobre os Meios de Comunicação Social. São Paulo: Paulinas, 2001.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral **Gaudium et Spes**. Roma, 7 de dezembro de 1965. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/wp-content/uploads/2016/03/NFC-Constituicao-Pastoral-gaudium-et-spes.pdf>. Acesso em: 23 out. 2021.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum. Sobre a Revelação Divina**. Roma, 18 de novembro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Igreja e Comunicação. Rumo ao novo milênio. Conclusões e Compromissos**. 9 a 18 de abril de 1997. Disponível em: <https://cristianopalharini.files.wordpress.com/2009/10/igreja-e-comunicacao-livro-59-rumo-ao-novo-milenio.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil**. Documento 99. Disponível em:

<https://pascombrasil.org.br/diretorio-de-comunicacao-da-igreja-no-brasil/>. Acesso em: 04 mar. 2022.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Conclusões da Conferência de Medellín** – 1968. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Conclusões da conferência de Santo Domingo**. Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã. 12 a 28 de outubro de 1992. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Documento de Aparecida**. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. São Paulo: CNBB/Paulinas/Paulus, 2007.

CORAZZA, Helena; PUNTEL, Joana T. Os papas da comunicação: **estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações**. São Paulo: Paulinas, 2019.

CORAZZA, Helena; PUNTEL, Joana T. **Espiritualidade do comunicador**: viver a mística nos tempos atuais. São Paulo: Paulinas, 2018.

CONCILIO VATICANO II. DECRETO: **Inter Mirifica, sobre os meios de Comunicação Social**. Vaticano, 4 de dezembro de 1966. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 07 nov. 2020.

DRESCHER, Elizabeth. **Tweet If You Heart Jesus**: Practicing Church in the Digital Reformation. Morehouse Publishing, 2011.

DULLES, Avery. **A Igreja e seu modelo**. São Paulo: Paulinas, 1978.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium**. O anúncio do evangelho no mundo atual. Vaticano, 24. nov. 2013. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica **Laudato Si'**. Sobre o cuidado da Casa Comum. Vaticano, 24 maio 2015. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. Vaticano, 24 de janeiro de 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o LII Dia Mundial das Comunicações Sociais. A verdade vos tornará livres (J8, 32). Fake News e jornalismo da paz**. Vaticano, 24 de janeiro de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais.** “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. Vaticano, 24 de janeiro de 2019. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o LV dia Mundial das Comunicações Sociais.** “Vem e verás” (Jo 1,46), comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são”. Roma, 24 de janeiro de 2021. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 fev. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem de sua Santidade Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais.** Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo. Vaticano 24 de janeiro de 2016. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o LVI Dia Mundial das Comunicações Sociais.** Escutar com o ouvido do coração. Vaticano, 24 de janeiro de 2022.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti, sobre a Fraternidade e a Amizade Social.** São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Querida Amazônia.** Exortação apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020.

FUSCO, V.; Marcos. In. **Nuevo Diccionario de Teologia Biblica.** Dir. P. Rossano, G. Ravasi, A. Girlanada. Madrid: Ed. Paulinas, 1990.

HJARVARD, Stig. **The mediatization of religion:** A theory of the media as agents of religious change *Northem Lights*, 6, 2008, pp. 9-26. Disponível em: <http://migre.me/8SPV>. Acesso em: 10 nov. 2021.

HOOVER, Stewart. **Media and religion.** Whhite paper from the Center for Media. Religion, and culture. Boulder CNRC, 2008. Disponível em: <http://migre me/8UUZT>. Acesso em: 10 nov. 2021.

JESUÍTASBRASIL. **Reflexões Inacianas.** Contemplativo na Ação. 2 out. 2018. Disponível em: <https://magisbrasil.com/reflexoesinacianas9-20181002>. Acesso em: 27 nov. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica. **Redemptoris Missio.** A validade permanente do mandato missionário. Roma, 7 de dezembro de 1990. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 04 mar. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. **Mensagem do Papa João Paulo II para a celebração do 36º Dia Mundial da Comunicações Sociais**. Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho. Vaticano, 24 de janeiro de 2002. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

KROTZ, Friedrich. **The meta-process of Mediatization as a Conceptual Frame**. Global Media and Communication, Thousand Oaks, vol. 3, 2007, p.256-206. Disponível em: <http://mig.me/4Cvan>. Acesso em: 27 nov. 2021.

LIBANIO, João Batista. **Teologia da Revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Loyola, 2012.

MAZZAROLO, Isidoro. **Carta de Paulo aos Romanos - Educar para a maturidade e o amor**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2006.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MENDES, Bruno. A importância de tratar temas atuais nos cultos. **Revista Cristã**. Disponível em: <https://www.revistacrista.com.br/noticia/a-importancia-de-tratar-temas-atuais-nos-cultos/>. Acesso em: 17 jan. 2021.

MENDONÇA, José Tolentino. **A mística do instante: o tempo e a promessa**. Prior Velho: Paulinas, 2014.

MINAS, Pedro Sánchez de Iglesias. In: MODINO, Luis Miguel. Dentro da Amazônia ainda existem formas coloniais de Igreja. **Revista IHU On-Line**. 18 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586736-dentro-da-igreja-amazonica-ainda-existem-formas-coloniais-de-ser-igreja-afirma-coordenadora-de-comunicacao-da-repam>. Acesso em: 04 fev. 2021.

NODARI, Paulo César; CALGARO, Cleide; SÍVERES, Luiz (org.). **Ética, direitos humanos e meio ambiente [recurso eletrônico]: reflexões e pistas para uma educação cidadã responsável e pacífica**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2017.

PAULO VI, Papa. Carta Apostólica **Evangelii Nuntiandi**. Sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. Roma, 8 de dezembro de 1975. São Paulo: Paulinas, 2011.

PIO XI, Papa. **Carta Encíclica Vigilante Cura**. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1936.

PIO XII, Papa. **Carta Encíclica Miranda Prosurs**. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1957.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Instrução Pastoral *Communio et Progressio* sobre os Meios de Comunicação Social. São Paulo: Paulinas, 1971.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Instrução Pastoral. **Aetatis Novae**. Sobre as comunicações Sociais no Vigésimo Aniversário de *Communio et progressio*. Vaticano, 22 de fevereiro de 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021992_aetatis_po.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Ética nas comunicações sociais**. Vaticano, 4 de junho de 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20000530_ethics-communications_po.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Igreja e Internet**. Vaticano, 22 de fevereiro de 2002. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Ética da Publicidade**. Vaticano, 22 de fevereiro de 1997. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021997_ethics-in-ad_po.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

PREDEBON, José (org.). **Curso de propaganda**: do anúncio à comunicação integrada. São Paulo: Atlas, 2004.

PUNTEL, Joana T.; MAGALHÃES, Thamiris. A religião na internet: surgimento de um novo modo de ser religioso. **IHU online**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Edição 377 | 24 outubro 2011. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4142-joana-puntel>. Acesso em: 07 out. 2021.

PUNTEL, Joana Terezinha. **A Igreja e a Democratização da Comunicação**. Tradução Floriano Tescarolo. São Paulo: Paulinas, 1994.

PUNTEL, Joana T. Comunicação: **diálogo dos saberes midiática**. São Paulo: Paulinas, 2010.

PUNTEL, Joana T. **Pastoral da Comunicação**: diálogo entre fé e cultura São Paulo: Paulinas. 2007 - (Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática. Série dinamizando a comunicação).

PUNTEL, Joana T; SBARDELOTTO, Moisés. Da Reforma Histórica à Reforma Digital: Desafios Teológicos Contemporâneos. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo v. 57. N. 2 p. 350-364/2017.

PUNTEL, Joana T. Inter Mirífica: A Comunicação pela primeira vez num Concílio. **Espaços**, 2003 -11/2. Instituto São Paulo de Estudos Superiores.

PUNTEL, Joana. T. Inter Mirifica. **Texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2011.

PUNTEL, JOANA T. Comunicação: diálogos dos saberes na cultura midiática. São Paulo: Paulinas, Sepac, 2018.

QUEIRUGA, André Torres. **Repensar a Revelação**: a revelação divina na realização humana. Tradução Afonso Maria Ligório Soares. São Paulo: Paulinas, 2010 – (Coleção Repensar).

RAMOS, Hudson; PATRIOTA, Karla. Experiências Religiosas de Comunidade no Ciberespaço: reconfigurações do compartilhamento da fé. **Revista Ícone**, Recife, Vol. 16, n. 1, 120 -132, © 2018 PPGCOM, UFPE. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/237560>. Acesso em: 08 abr. 2022.

RAHNER, K. **Curso fundamental da fé**: Introdução ao conceito de cristianismo. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

REPAM E COMISSÃO PARA A AMAZÔNIA: tecer redes, conectar a igreja . Disponível em: <https://paroquiadesaojudastadeu.org.br/repam-e-comissao-para-a-amazonia-tecer-redes-conectar-a-igreja/>. Acesso em: 04 maio 2022.

RODRIGUES, Adriano. Experiência Modernidade e Campos das mídias. In SANTANA, R.N.M. (org). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Teresina: Revan, 2000, pp. 169-2015.

SBARDELOTTO, Moisés. **“E o verbo se fez rede”**: religiosidade em reconstrução no ambiente digital / Moisés Sbardelotto – São Paulo: Paulinas, 2017 – (Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática. Série comunicação e cultura).

SBARDELOTTO, Moisés; **Comunicar a fé**: por quê? para quê? com quem? Moisés Sbardelotto. Petrópolis: Vozes, 2020.

SBARDELOTTO, Moisés. **A Igreja em um Contexto de “Reforma Digital**: rumo a um senso fidelium digitalis? **Cadernos de Teologia Pública** ano XIII n. 116 v. 13, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/30206663/A_Igreja_em_um_contexto_de_Reforma_digital_rumo_a_um_sensus_fidelium_digitalis. Acesso em: 05 out. 2021.

SÍNODO DOS BISPOS. Assembleia especial para a região Pan-Amazônica. Amazônia: Novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral. **Instrumentum Laboris**, Vaticano, 17 de junho 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_synodo-amazonia_po.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

SÍNODO DOS BISPOS, XIII Assembleia Geral Ordinária. A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã. **Instrumentum Laboris**. Cidade do Vaticano, 27 de maio de 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.pdf. Acesso em: 04 mar. 2022.

SCHILLEBEECKX, Edward, 1914. **História humana revelação de Deus**. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994 – [Teologia Sistemática].

SUESS, Paulo. **Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros**. Ensino de missiologia. São Paulo: Paulus, 1995.